

**RELAÇÃO ENTRE O BEM-ESTAR SUBJETIVO DE PAIS E FILHOS
ADOLESCENTES A PARTIR DE DIFERENTES MEDIDAS DE AVALIAÇÃO**

Livia Maria Bedin Tomasi

Tese de Doutorado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia sob orientação do Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Junho de 2013

Aos adolescentes e seus pais,
que participaram desta pesquisa,
e a todos que vivenciam esta relação.

Agradecimentos

Agradeço...

Ao meu orientador, Prof. Jorge Sarriera, por confiar no meu potencial, pelo suporte que sempre me deu; pela paciência e encorajamento nos momentos mais difíceis que já passei e por não me deixar desistir nunca de mim mesma, até mesmo quando a vida apresenta grandes desafios.

Ao professor Ferran Casas, pela atenção, pelas orientações, pelo conhecimento compartilhado, pelo cuidado, e pela honra do convite para participar da *International Society for Child Indicators* representando o Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária.

À professora Clarissa Trentini, por aceitar o convite para fazer parte da banca e da relatoria, pelas importantes contribuições na qualificação do projeto e pelo cuidado e atenção que sempre me demonstrou.

À professora Maria Angela Mattar Yunes, pelo olhar atento e pelas contribuições importantes na qualificação do projeto, e também pela disponibilidade que demonstrou para compor a banca.

Ao professor Enrique Saforcada, que me orientou no período em que estive em Buenos Aires fazendo o doutorado sanduíche, pelos conselhos e pela sabedoria. Também agradeço às amigas Lía Rodríguez de la Vega e também a Schelica Mozobancyk, pelo acolhimento e companheirismo em Buenos Aires.

Aos colegas e amigos do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, à Anelise e à Fabiane, que fizeram contribuições importantes a este trabalho. Também aos colegas que estiveram junto nessa caminhada, Ângela, Verônica, Eveline, Patrícia, Tiago, James, Franciele e Miriam Raquel, não tenho palavras para agradecer o apoio de vocês. Especialmente, agradeço ao Daniel Abs, por ajudar a construir esta pesquisa, por todos os momentos que compartilhamos, pela amizade, pela alegria, pela força, pela ajuda, pelo companheirismo e por dividir comigo muito mais do que conhecimento.

À CAPES pela bolsa auxílio à investigação. Ao Programa de Pós-Graduação da UFRGS, por todo suporte que tive nesses anos; ao secretário Jáder por estar sempre disposto a ajudar em todos procedimentos necessários.

Ao Instituto de Desenvolvimento Global, por possibilitar que eu me afastasse para realizar o doutorado, fornecendo apoio e incentivo ao meu desenvolvimento. À colega e amiga Marla, por me dar mais uma vez cobertura durante esse período. À minha diretora e também mãe, Zeila, pela paciência, pelo exemplo de vida, por trabalhar dobrado na minha

ausência, por me mostrar que a educação é a melhor herança e também por me acolher nesse período.

À minha família, mãe, pai e meus quatro irmãos, cunhados e sobrinhos, pelo apoio incondicional e sem o qual eu não seria a pessoa que sou hoje; pela compreensão da minha ausência em momentos importantes e pelo amor que sempre tive de todos. Agradeço em especial à minha mãe, Zeila, e minha irmã gêmea, Dulce, que sabem como ninguém o que esses últimos anos significaram na minha vida.

Ao meu marido, Cristiano, por estar sempre ao meu lado, compreendendo minhas ausências, sempre acreditando e cuidando de mim, por cada palavra e cada bilhete de incentivo, por me aceitar do jeito que sou, por tudo que superamos juntos e por toda alegria que compartilhamos nessa caminhada.

Aos meus amigos, pela compreensão e apoio que sempre me deram e por saberem que mesmo longe, amigos de verdade estão sempre presentes.

Eu não conseguiria sem cada um vocês.

Muito Obrigada!



Quino, Mafalda

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	08
Lista de Figuras	10
Lista de Abreviaturas e Siglas	12
Resumo	13
Abstract	14
Apresentação	15
CAPÍTULO I	16
INTRODUÇÃO	16
A dimensão psicológica e psicossocial do bem-estar	17
A mensuração do bem-estar na adolescência	22
Relação entre o bem-estar subjetivo dos adolescentes e dos pais	23
A compreensão do bem-estar na adolescência a partir da perspectiva ecológica	25
Especificação da pesquisa	28
CAPÍTULO II	32
Estudo 1. Propriedades psicométricas do <i>Personal Wellbeing Index (PWI)</i>, <i>Satisfaction With Life Scale (SWLS)</i>, <i>Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS)</i> e <i>Core Affects Scale (CAS)</i>	32
Introdução	32
Método	34
Resultados	38
Discussão	58
CAPÍTULO III	62
Estudo 2. O bem-estar de pais e filhos adolescentes: diferenças e semelhanças	62
Introdução	62
Método	62
Resultados	64
Discussão	90
CAPÍTULO IV	94
Estudo 3. A relação entre o bem-estar de pais e seus filhos adolescentes a partir de	94

diferentes medidas de avaliação	
Introdução	94
Método	96
Resultados	100
Discussão	113
CAPÍTULO V	118
Discussão Geral	118
CAPÍTULO VI	120
Considerações Finais	120
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	129
Anexo A	129
Anexo B	132
Anexo C	135
Anexo D	136
Anexo E	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Correlações entre as variáveis do PWI de pais e adolescentes	39
Tabela 2. Correlações entre as variáveis da SWLS de pais e adolescentes	40
Tabela 3. Correlações entre as variáveis da BMSLSS de pais e adolescentes	40
Tabela 4. Correlações entre as variáveis da Escala de Afetos Nucleares de pais e adolescentes	41
Tabela 5. Análise de Componentes Principais e Consistência Interna do <i>Personal Wellbeing Index</i>	43
Tabela 6. Análise de Componentes Principais e Consistência Interna da <i>Satisfaction With Life Scale</i>	43
Tabela 7. Análise de Componentes Principais e Consistência Interna da <i>Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale</i>	44
Tabela 8. Análise de Componentes Principais e Consistência Interna da Escala de Afetos Nucleares	45
Tabela 9. Correlação Item-total e Alfa de Cronbach se itens forem apagados	47
Tabela 10. Análises Fatoriais Confirmatórias – Índices de ajuste para adolescentes e pais	48
Tabela 11. Parâmetros padronizados, com intervalos de confiança calculados com <i>bootstrap</i>	51
Tabela 12. Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo – Índices de ajuste para sexo e idade para amostra de adolescentes	54
Tabela 13. Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo – Índices de ajuste para sexo e idade para amostra de pais	56
Tabela 14. Frequências dos participantes por idade e sexo	64
Tabela 15. Comparação de médias totais dos adolescentes e dos pais para cada item das escalas e tamanho do efeito a partir do <i>d</i> de Cohen	69
Tabela 16. Correlações entre o PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL para a amostra de adolescentes	71
Tabela 17. MANOVA por idade, sexo e classe social para a amostra de adolescentes	72
Tabela 18. ANOVA por idade, sexo e classe social para a amostra de adolescentes	72
Tabela 19. Médias do PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL por idade para a amostra de adolescentes	78
Tabela 20. Correlações entre o PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL para a amostra de pais	80

Tabela 21. MANOVA por sexo e idade para a amostra de pais	80
Tabela 22. ANOVA por idade, sexo e classe social para a amostra de pais	81
Tabela 23. Médias do PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL por idade para a amostra de pais	88
Tabela 24. Correlações de Pearson entre pais e filhos para todos itens com intervalos de confiança de 95%	102
Tabela 25. Correlações de Pearson entre pais e filhos (n = 153) e filhas (n = 334) separadamente para todos itens com intervalos de confiança de 95%	103
Tabela 26. Análises Fatoriais Confirmatórias para pais e filhos – Índices de ajuste	106
Tabela 27. Parâmetros padronizados para o modelo APIM – OLS, com intervalos de confiança calculados com bootstrap	111
Tabela 28. Parâmetros padronizados para o modelo APIM – HOL, com intervalos de confiança calculados com bootstrap	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Afetos Positivos e Negativos	20
Figura 2. Mapa conceitual do Bem-estar Subjetivo	21
Figura 3. O meio ecológico do adolescente	28
Figura 4. Síntese do plano metodológico da pesquisa	31
Figura 5. AFC do PWI para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas	49
Figura 6. AFC da SWLS para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas	50
Figura 7. AFC da BMSLSS para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas	50
Figura 8. AFC da CAS para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas	51
Figura 9. Gráfico de diferença de médias da SWLS por sexo para os adolescentes	74
Figura 10. Gráfico de diferença de médias do item HM por sexo para os adolescentes	74
Figura 11. Gráfico de diferença de médias do item HOL por sexo para os adolescentes ...	75
Figura 12. Gráfico de diferença de médias do PWI por classe social para adolescentes	76
Figura 13. Gráfico de diferença de médias da SWLS por classe social para os adolescentes	76
Figura 14. Gráfico de diferença de médias da BMSLSS por classe social para os adolescentes	77
Figura 15. Gráfico de diferença de médias do HOL por sexo e classe social para os adolescentes	78
Figura 16. Gráfico de diferença de médias da SWLS por sexo para os pais	82
Figura 17. Gráfico de diferença de médias do OLS por sexo para os pais	83
Figura 18. Gráfico de diferença de médias do item HM por sexo para os pais	83
Figura 19. Gráfico de diferença de médias do PWI por classe social para os pais	84
Figura 20. Gráfico de diferença de médias da SWLS por classe social para os pais	85
Figura 21. Gráfico de diferença de médias da BMSLSS por classe social para os pais	85
Figura 22. Gráfico de diferença de médias do item HM por classe social para os pais	86
Figura 23. Gráfico de diferença de médias da HOL por classe social para os pais	87
Figura 24. Gráfico de diferença de médias da OLS por sexo e classe social para os pais ..	87
Figura 25. Gráfico de diferença de médias da HOL por sexo e classe social para os pais .	88
Figura 26. AFC da SWLS para pais e filhos, com cargas padronizadas para o modelo com cargas fatoriais restringidas	107
Figura 27. AFC da BMSLSS para pais e filhos, com cargas padronizadas para o modelo com cargas fatoriais restringidas	108
Figura 28. AFC da Satisfação com o Microsistema para pais e filhos, com cargas	109

padronizadas para o modelo com cargas fatoriais restringidas	
Figura 29. Modelo de interdependência ator-parceiro verificando o efeito entre o OLS e a satisfação com o microsistema de adolescentes e pais	111
Figura 30. Modelo de interdependência ator-parceiro verificando o efeito entre o HOL e a satisfação com o microsistema de adolescentes e pais	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	Análise de Componentes Principais
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AFCMG	Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AN	Afetos Negativos
AP	Afetos Positivos
APIM	<i>Actor-Partner Interdependence Model</i>
BMSLSS	<i>Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale</i>
CAS	<i>Core Affects Scale</i>
CFI	<i>Comparative Fit Index de Bentler</i>
HM	<i>Happiness Measure</i>
HOL	<i>Happiness Overall Life</i>
OLS	<i>Overall Life Satisfaction</i>
PWI	<i>Personal Wellbeing Index</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Approximation</i>
SEM	<i>Structural Equation Modeling</i>
SRMR	<i>Standardized Root Mean Square Residual</i>
SWLS	<i>Satisfaction With Life Scale</i>

RESUMO

Esta tese tem como objetivos verificar as propriedades psicométricas dos instrumentos de bem-estar: *Personal Wellbeing Index* (PWI), *Satisfaction With Life Scale* (SWLS), *Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale* (BMSLSS) e *Core Affects Scale* (CAS); apresentar o bem-estar nos grupos de pais e filhos adolescentes; e verificar a relação entre o bem-estar subjetivo de pais e seus filhos adolescentes a partir de diferentes medidas de avaliação. Foram realizados três estudos, com 543 adolescentes com idades entre 12 e 16 anos (68,3% meninas) e seus respectivos pais, com idade média aproximada de 44 anos. Os resultados apontam que o PWI e as escalas SWLS, BMSLSS e CAS apresentam, no geral, bons índices de ajuste quando da realização da análise fatorial (exploratória e confirmatória) para a amostra de adolescentes e para a de pais. Verificam-se diferenças significativas entre as médias de diferentes domínios de bem-estar, sendo as médias mais altas para os adolescentes do que para os pais. Com relação às diferenças por sexo, para as medidas de bem-estar globais observa-se que tanto as meninas como as mães apresentam médias mais baixas do que os meninos e os pais. Não foram encontradas diferenças significativas por idade para os adolescentes e para os pais, apesar de haver uma diminuição nas médias de diversas medidas para os adolescentes com o aumento dos 12 aos 16 anos. Houve diferenças para classe social, sendo as médias de bem-estar mais baixas para os participantes de classe média baixa. Especificamente, há diferenças entre a interação de classe social e sexo, e as participantes do sexo feminino de classe média baixa apresentam as menores médias de bem-estar. Finalmente, a relação entre o bem-estar de pais e filhos foi analisada, chegando-se a 5 itens que apresentam correlação de 0,41 entre pais e filhos: a satisfação com a família, com o lugar onde vive, com as condições onde vive, com o nível de vida e com a segurança, formando uma dimensão denominada de satisfação com o microsistema. Os resultados para os modelos de interdependência ator-parceiro (APIM) apresentam efeitos significativos entre a satisfação e a felicidade global com a vida dos pais e o bem-estar dos filhos adolescentes, apesar de pequenos.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo, adolescentes, pais-filhos, PWI, SWLS, BMSLSS, CAS, APIM.

ABSTRACT

This thesis aims to examine the psychometric properties of the well-being instruments: Personal Wellbeing Index (PWI), Satisfaction With Life Scale (SWLS), Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS) and Core Affects Scale (CAS); to present the well-being in the groups of parents and children, and to verify the relation of the subjective well-being of parents and their adolescent children using different assessment measures. Three studies were conducted with 543 adolescents aged between 12 and 16 years (68.3% girls) and their respective parents with an average age of approximately 44 years. The main results show that the scales SWLS, PWI, BMSLSS and CAS have good overall fit indices when performing factor analysis (exploratory and confirmatory) for the sample of adolescents and parents. There are significant differences between the averages of different well-being domains and the averages are higher for teenagers than for parents mostly. With respect to gender differences, for some of the measures of well-being it is observed that girls as mothers present lower average than boys and parents. Considering age, in general there were no significant differences found for adolescents and parents, despite a decrease in the mean for several measures for adolescents when increasing age. There were differences in social class, and the means of well-being are lower for participants from lower middle class. Specifically, there are differences between the interaction of social class and gender, and female participants from lower middle class have lower average well-being. Finally, the relationship between the well-being of parents and children was analyzed, reaching up to 5 items that show a correlation of 0.41 between parents and children: satisfaction with family, where you live, with the conditions of where you live, with the standard of living and security, forming a dimension called satisfaction with the microsystem. The results for the actor-partner interdependence model (APIM) show significant effects between the overall satisfaction and happiness with life of parents and the well-being of adolescent children, though small.

Keywords: Subjective well-being, adolescents, parent–child, PWI, SWLS, BMSLSS, CAS, APIM.

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa busca verificar a relação do bem-estar subjetivo entre pais e filhos adolescentes provenientes de diferentes cidades do Estado do Rio Grande do Sul. Por meio de metodologia quantitativa e da utilização de diferentes medidas para avaliação do bem-estar, são realizados três estudos, com uma amostra pareada¹ composta por 543 adolescentes com idades entre 12 e 16 anos de idade e seus respectivos pais.

Este estudo está organizado em seis capítulos. No Capítulo I são apresentados brevemente alguns pressupostos teóricos relevantes para a compreensão do fenômeno investigado. Dentre eles, a dimensão psicológica e psicossocial do bem-estar, sua mensuração na adolescência, a relação entre o bem-estar dos adolescentes e dos pais e, por fim, a compreensão do bem-estar na adolescência a partir da perspectiva ecológica.

Após a parte introdutória, o Capítulo II apresenta o Estudo 1, que verifica as propriedades psicométricas dos instrumentos de bem-estar subjetivo por meio da análise de evidências de validade e de fidedignidade nas amostras estudadas, assim como explora as dimensões envolvidas no bem-estar. O Capítulo III é dedicado ao Estudo 2, que descreve o bem-estar na amostra, identificando e comparando os grupos estudados de pais e filhos conforme idade, sexo e classe social. O Capítulo IV reporta o Estudo 3, que verifica a relação entre o bem-estar de pais e seus filhos adolescentes a partir de diferentes medidas de avaliação.

No Capítulo V, Discussão Geral, é apresentada uma reflexão sobre todos os artigos que compõem a tese, e no Capítulo VI, Considerações Finais, são enunciadas as limitações e implicações para futuras pesquisas na área considerando-se os dados expostos e discutidos na tese.

¹ A amostra que é objeto de análise desta pesquisa foi coletada por ocasião da realização de um estudo internacional sobre Qualidade de vida e bem-estar na adolescência, conduzido pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GPPC – UFRGS), em cooperação com a Universidade de Girona (Espanha) e a Universidade de Buenos Aires (Argentina), entre os anos de 2009 e 2010.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Há um grande número de publicações sobre o bem-estar, mas poucas realizadas com crianças e adolescentes, ou com populações não clínicas ou não afetadas por problemas sociais (Ben-Arieh, 2008). No que diz respeito às relações entre o bem-estar de pais e filhos, um estudo de Casas, Coenders, Cummins, González, Figuer e Malo (2008) apresenta correlações baixas, porém significativas entre o bem-estar de pais e filhos, e aponta a necessidade de desenvolver e verificar essas relações.

O interesse pelo tema surgiu por meio do contato da pesquisadora ao fazer parte do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, que tem como uma de suas linhas de pesquisa a qualidade de vida e o bem-estar na infância e adolescência. Além da inserção no grupo de pesquisa, a pesquisadora também realizou o estágio de doutorado sanduíche em Buenos Aires, o que possibilitou o contato com uma cultura diferente e também o desejo da busca por compreender o bem-estar em adolescentes de outras culturas.

Em conferência da *International Society for Child Indicators* (ISCI), realizada em York/UK, em julho/agosto de 2011, pesquisadores de diversos países se fizeram presentes, apontando a importância de se ter medidas positivas de indicadores de desenvolvimento, tais como o bem-estar, além de qualificar os instrumentos de pesquisa que medem esses constructos. Dessa forma, o objetivo é se ter medidas confiáveis para tomada de decisões em políticas públicas, resultando em benefícios não apenas para a sociedade, mas também para os principais interessados, as crianças e os adolescentes.

Com a finalidade de fornecer subsídios que possam auxiliar formuladores de políticas públicas a promover o bem-estar na adolescência, o foco desse estudo recai sobre o adolescente; a partir da sua própria avaliação de seu bem-estar subjetivo, além de verificar também a relação entre o bem-estar dos pais e desses adolescentes. Considerando-se que a família faz parte dos contextos sociais dos quais o adolescente interage, também é verificada a relação entre o bem-estar dos pais e o bem-estar de seus filhos, buscando uma compreensão do fenômeno estudado.

São apresentados, a seguir, alguns pressupostos teóricos que se mostram relevantes para a compreensão das problematizações exploradas neste estudo. Dentre eles, a dimensão psicológica e psicossocial do bem-estar, sua mensuração na adolescência, a relação entre o bem-estar dos adolescentes e dos pais e, por fim, a compreensão do bem-estar na adolescência a partir da perspectiva ecológica.

A dimensão psicológica e psicossocial do bem-estar

Na busca por proporcionar a crianças e adolescentes um ambiente no qual possam se desenvolver plenamente e atingir seu potencial máximo, diferentes pesquisas buscam desenvolver instrumentos capazes de medir o bem-estar a partir da avaliação dos próprios adolescentes, como um indicador relevante de qualidade de vida (Casas et al., 2012b; Cummins, 1998; Cummins, Eckersley, Pallant, Van Vugt, & Misajon, 2003; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985; Seligson, Huebner, & Valois, 2003). Os estudos acerca do bem-estar na infância e adolescência são recentes, sendo foco de diversas pesquisas (Giacomoni, 2002; González, 2006).

Ryan e Deci (2001) afirmam que o bem-estar é uma instância maior do que a simples ausência de problemas mentais, e seu estudo tem como ponto de partida os anos 60. Naquela década, a produção científica em psicologia tinha como foco principal instâncias patologizantes e a avaliação psicológica. Foi naquele momento histórico que se ampliou a discussão sobre a importância de estudar o crescimento, a saúde e o desenvolvimento saudável. Nesse sentido, aponta-se que o estudo sobre o bem-estar é recente, e a ênfase nas potencialidades do ser humano tem sido evidenciada pela psicologia positiva nas últimas décadas (Ryan & Deci, 2001; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

A continuidade dos estudos acerca do bem-estar se justifica à medida que no período anteriormente citado, mesmo com o crescimento e desenvolvimento econômico e tecnológico dos grandes países, não se pôde garantir que o luxo e a segurança material, por exemplo, assegurassem a felicidade (Seligman, 2009). Dessa forma, a cultura do excesso também vêm motivando o estudo sobre a felicidade (Ryan & Deci, 2001). Medidas de satisfação vital também estão relacionadas com o aumento do interesse em definir e mensurar a saúde, e de maneira especial a saúde mental. Para que seja possível mensurar o bem-estar ótimo, não se pode ignorar construtos adaptativos e medidas que valorizem não somente sintomas patológicos, mas também potencialidades (Huebner, 2004).

O bem-estar subjetivo está estreitamente vinculado à satisfação consigo mesmo e com distintos âmbitos da vida, assim como com uma avaliação mais holística, denominada satisfação global com a vida ou satisfação vital (Casas, Buxarrais, Figuer, González, Tey, Noguera, & Rodríguez, 2003). Para autores como Diener, Napa Scollon e Lucas (2004) e Veenhoven (1994), o bem-estar subjetivo envolve processos afetivos e cognitivos. Foi primeiramente reconhecido por Campbell, Converse e Rodgers (1976) que tais processos poderiam ser medidos a partir de questões de satisfação. Corroborando esta ideia, Cummins,

Eckersley, Pallant, Van Vugt e Misajon (2003) afirmam que a essência do bem-estar subjetivo se reflete melhor nas questões de satisfação mais abstratas e pessoais.

Petito e Cummins (2000) partem de uma perspectiva centrada no indivíduo, considerando o bem-estar em termos da avaliação individual sobre a sua qualidade de vida, que consiste em dois componentes: o primeiro é satisfação com a vida, a qual envolve uma avaliação cognitiva; o segundo é afetivo, envolvendo sentimentos e humor. Segundo a revisão de Diener (1984) existe um importante consenso referente a três características básicas do bem-estar subjetivo, a primeira é de que ele se constrói a partir das experiências de cada pessoa e a partir da percepção e avaliação dessas experiências. A segunda característica do bem-estar subjetivo inclui medidas positivas e não somente a ausência de aspectos negativos e a terceira inclui avaliações globais da vida, normalmente denominadas de “satisfação vital”.

O campo do bem-estar subjetivo tem raízes nas pesquisas do tipo de levantamentos realizadas com grandes amostras populacionais, sendo a técnica de avaliação mais comum a escala de felicidade em forma de auto-relato (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Diener (2006) considera que o bem-estar subjetivo refere-se a vários tipos de avaliações, boas ou más, que as pessoas fazem sobre suas vidas. Elas incluem avaliações cognitivas reflexivas, como a satisfação no trabalho e na vida, interesse e engajamento, além de reações afetivas diante de eventos da vida como alegrias e tristezas. O bem-estar subjetivo é um termo guarda-chuva para as diferentes valorações que as pessoas fazem de suas vidas, os eventos felizes e as circunstâncias em que elas vivem.

Estudos sobre bem-estar subjetivo, otimismo, felicidade e autodeterminação vêm se desenvolvendo com base na psicologia positiva nos últimos anos. O otimismo é definido pelo traço de julgamento de eventos externos e da percepção dos mesmos, e é composto por aspectos cognitivos, emocionais e motivacionais. A autodeterminação, por sua vez, está ligada à algumas necessidades humanas relacionadas, como competência, pertença e autonomia (Giacomoni, 2002).

Myers (2000) salienta que, desde que as necessidades mínimas para a sobrevivência estejam atendidas, idade, gênero e renda podem estar relacionados com a felicidade, além da religião e dos relacionamentos interpessoais íntimos. Para o autor, o simples questionamento a respeito da felicidade auxilia na reflexão cultural acerca de prioridades, refletindo-se, conseqüentemente, no bem-estar subjetivo.

O bem-estar é uma das temáticas as quais se têm desenvolvido com base em premissas da psicologia positiva. Sabe-se que a psicologia positiva está calcada em três grandes pilares, desenvolvidos por diferentes autores: a emoção positiva e o caráter positivo, desenvolvidos por Diener e Csikszentmihalyi respectivamente, e as instituições positivas, estudada por

Seligman. O caráter positivo está ligado à forças e virtudes as quais quando estimuladas e exercitadas podem refletir em emoções positivas. Já as instituições positivas são estruturas que vão além do indivíduo (como a família, democracia, educação) e embasam o caráter positivo, que causa a emoção positiva (Seligman, 2009).

Com relação à felicidade global, para Veenhoven (2009) é entendida como “*o grau em que uma pessoa julga favoravelmente a qualidade global da sua vida como um todo*. Em outras palavras, o que se gosta da vida que se leva” (p.284). Os termos mais importantes para elucidar a definição, segundo o autor, dizem respeito ao grau em que uma pessoa diz considerar sua vida favoravelmente ao invés de desfavoravelmente, não se devendo usar a palavra felicidade para uma apreciação ideal da vida. Além disso, o termo felicidade deve ser usado somente para descrever o estado de uma pessoa particular, não se aplicando a comunidades. Assim, segundo o autor, não pode se dizer que uma nação é feliz; no máximo, pode-se dizer que seus cidadãos se consideram felizes, o que significa que essa avaliação é pessoal. A avaliação da felicidade implica uma atividade intelectual, ou seja, fazer uma avaliação global envolve avaliar experiências passadas e estimar experiências futuras.

Ainda, para o autor, avaliar sempre envolve um valor, quer dizer, definir se alguma coisa é boa ou não. Avaliar a felicidade implica uma dimensão que se estende desde a valorização até a desvalorização, desde preferir a ter aversão a algo. A palavra "felicidade" refere-se a um julgamento que inclui todos os critérios de avaliação utilizados, assim a ideia de que uma pessoa tem tudo que sempre quis não necessariamente a faz feliz. Apesar de todos os atributos materiais, a pessoa pode sentir-se angustiada ou deprimida. Dentre outros apontamentos, Veenhoven (2009) coloca que não se deve usar a palavra "felicidade" para caracterizar a satisfação relativa com aspectos específicos da vida como o casamento ou o trabalho, mas para se referir à satisfação com a vida como um todo.

Aspectos referentes ao componente afetivo do bem-estar podem ser compreendidos por meio dos afetos nucleares, definidos por Russell (2003) como o estado neurofisiológico conscientemente acessível como o mais simples sentimento evidente no humor e nas emoções. A experiência consciente é uma combinação de duas dimensões, que podem situar-se em um único ponto no mapa da Figura 1.

A dimensão horizontal, prazer-desprazer, varia de um extremo (agonia, por exemplo) através de um ponto neutro (nível de adaptação) para o seu extremo oposto (por exemplo, êxtase). A dimensão vertical, ativação, varia de calmo (desativação), indo por várias fases de alerta até a agitação (ativação).

Os afetos nucleares são primitivos, universais e simples. Podem existir sem serem rotulados, interpretados, ou atribuída qualquer causa a estes afetos. O autor aponta que se

pode fazer uma analogia dos afetos à temperatura do corpo. A temperatura do corpo pode ser sentida a qualquer momento. Além disso, os extremos podem tornar-se muito salientes.

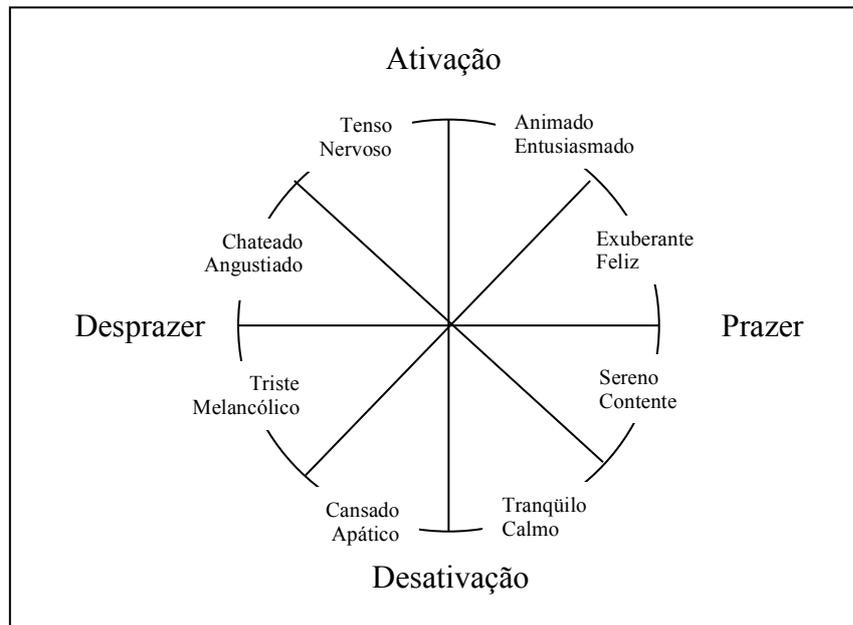


Figura 1. Afetos Nucleares

Fonte: Traduzido de Russell (2003, p. 148).

Russell (2003) esclarece que toda pessoa tem afetos nucleares. Ao se imaginar um único ponto que se move na Figura 1, em resposta a eventos internos e externos, o afeto nuclear pode ser neutro (o ponto central), moderado ou extremo (periferia). As mudanças que ocorrem em decorrência a estes eventos internos e externos podem ser de curta ou de longa duração (como em uma depressão clínica).

“A experiência subjetiva é simples e primitiva e, portanto, irreduzível a qualquer outra coisa psicológica. A ciência pode buscar suas causas e consequências, mas uma análise mais aprofundada de temperatura sentida em si leva-nos, não para constituintes átomos psicológicos, mas sim para a biologia. Como na temperatura, os afetos nucleares são simples em um nível subjetivo, mas complexos no nível biológico” (Russell, 2003, p. 148).

A teoria da homeostase do bem-estar pessoal (Cummins, 2003) propõe que o bem-estar é ativamente mantido em torno de um *set-point* para cada pessoa. Esse *set-point* é

determinado pela personalidade de acordo com esses autores. Talvez atuando como um equilíbrio entre extroversão e neuroticismo, esse sistema se esforça para manter um nível constante e positivo de bem-estar que é tanto pessoal como abstrato (Cummins et al., 2003). A teoria da homeostase aponta que fatores genéticos também podem determinar a avaliação do bem-estar pessoal, sendo que esse tende a se manter relativamente estável ao longo do tempo. No entanto, os autores apontam que o sistema homeostático é responsável pela manutenção da avaliação de satisfação pessoal a um nível que proporcione um bem-estar geral e uma motivação para viver. Mas, os seres humanos também são sensíveis e receptivos ao seu ambiente, então, conforme os itens a serem avaliados se tornam menos abstratos, o processo de avaliação começa a envolver a cognição e a satisfação torna-se uma mistura da experiência com a homeostase.

A discussão acerca das definições do bem-estar parece não ter fim. Mas, fica claro que a maior parte dos pesquisadores adota o conceito de que o bem-estar subjetivo pode ser avaliado por um componente afetivo, e um componente cognitivo, conforme apresentado na Figura 2.

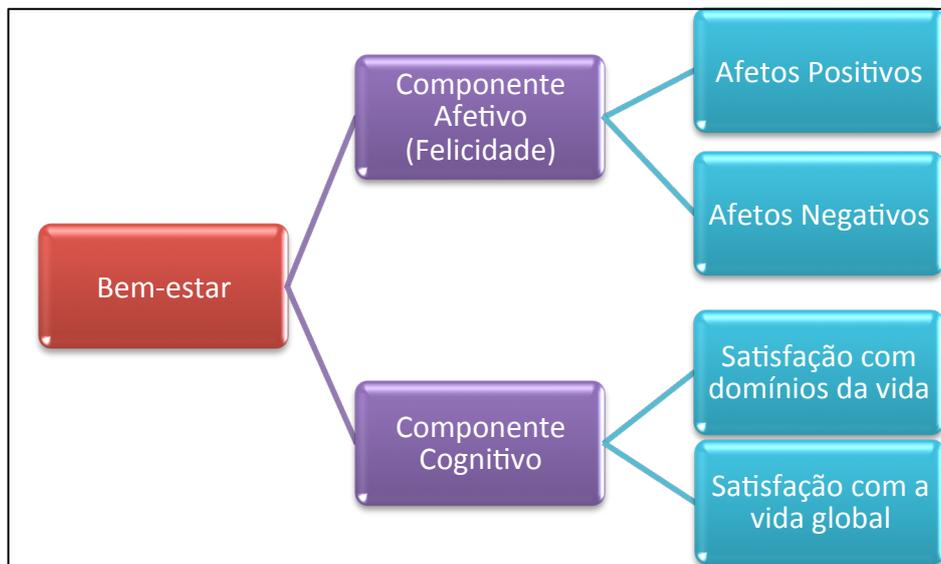


Figura 2. Mapa conceitual do Bem-estar Subjetivo.

Para Cummins e Lau (2005) o termo refere-se ao fato de as pessoas sentirem-se bem ou não globalmente ao longo do tempo vital, não se restringindo a momentos pontuais da vida, e sim a aspectos globais da vida. Para Casas (2010) o bem-estar é “consequência da interinfluência entre os aspectos internos (psicológicos) e suas interações externas (psicossociais) com outras pessoas e com o entorno” (p.86).

A Mensuração do Bem-Estar na adolescência

Pode-se considerar recente a publicação sobre o bem-estar na adolescência, como o estudo de González (2006), que aponta que os trabalhos sobre o tema encontram-se em período de expansão, não apenas no que se refere ao número de pesquisadores interessados nessa temática e na conceitualização e desenvolvimento de modelos teóricos, mas também no que tange ao desenvolvimento de novas ferramentas de medidas. Um dos temas que tem sido discutido é o da linearidade dos resultados obtidos pela avaliação do bem-estar e o tipo de análise estatística mais pertinente para a sua mensuração. A autora citada realizou um estudo que aponta com clareza a não linearidade de diversas variáveis relacionadas ao bem-estar ao apresentar uma abordagem não-linear ao bem-estar psicológico na adolescência, sob a perspectiva do paradigma da complexidade.

Uma questão importante levantada por Ben-Arieh (2008; 2010) é a forma de identificar os indicadores da infância e adolescência. O autor aponta a importância de passar de medidas indicadoras de sobrevivência (tais como taxas e mortalidade infantil, doenças e problemas sociais que afetam o desenvolvimento) para a busca de indicadores positivos de desenvolvimento da infância e adolescência como indicadores de satisfação e bem-estar.

Em 2010, Casas realizou uma revisão de literatura empírica acerca do bem-estar subjetivo e as pesquisas referentes à infância e adolescência. O autor apontou as pesquisas sobre o bem-estar subjetivo na infância e adolescência como um campo muito jovem e que, apesar de algumas revisões apresentarem um grande número de publicações acerca do bem-estar, poucas destas foram realizadas sob a perspectiva positiva com crianças e adolescentes, ou ainda com populações não clínicas ou não afetadas por problemas sociais.

No Brasil, as pesquisas sobre bem-estar na infância e adolescência também são menos numerosas do que em adultos ou idosos e estão concentradas no campo da pediatria, em crianças com doenças crônicas. No entanto, encontram-se estudos sobre bem-estar e sua relação com outros aspectos da adolescência, como no artigo de Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996) que, utilizando a escala de Goldberg (GHQ-12), constataram que a autoestima é um componente importante do bem-estar na adolescência.

Tomyn e Cummins (2011) realizaram um estudo sobre o bem-estar de adolescentes australianos, e seus resultados apontaram escores mais altos para meninas do que meninos, além de verificarem que, com relação à idade, os adolescentes de 16 anos apresentaram escores mais baixos de bem-estar subjetivo. Suas análises também sugerem que um novo domínio de satisfação deva ser incluído na avaliação do bem-estar subjetivo, a satisfação com a escola, que parece um importante aspecto do bem-estar de adolescentes e está sendo estudado por pesquisadores (Casas, Baltatescu, Bertrán, González, & Hatos, 2012a). A

satisfação com o uso do tempo também foi apontado por Casas et al. (2012b), sendo considerada como um domínio relevante para o bem-estar nesta faixa etária.

De acordo com Casas et al. (2007), o bem-estar na adolescência apresenta diferenças quanto a aspectos psicossociais como a idade. Seu estudo apontou uma significativa e constante diminuição do item único de satisfação global com a vida entre os 12 e os 15 anos de idade (Casas et al., 2007). Essa tendência também foi apontada nessas idades em um estudo realizado em 2001 em diversos países (Coenders et al., 2005). Outros autores também apontam uma avaliação decrescente da satisfação global com a vida entre os 12 e os 16 anos de idade, e da mesma forma a satisfação com outros âmbitos da vida (Baltatescu & Cummins, 2006).

Relação entre o bem-estar subjetivo dos adolescentes e dos pais

No que diz respeito às relações entre o bem-estar de pais e filhos, um estudo de Casas, Coenders, Cummins, González, Figuer e Malo (2008) apresenta correlações significativas entre o bem-estar de pais e filhos, apesar de baixas entre o bem-estar pessoal de ambos ($r = 0,19$; $p < 0,05$). Os autores assinalam que os resultados da investigação mostram relações pouco claras e muito abaixo do esperado entre o bem-estar subjetivo de pais e seus filhos, apontando a necessidade de desenvolver outras abordagens para verificar essas relações.

Já em 2012, Casas, Coenders, González, Malo, Bertran e Figuer realizaram um estudo com pais e filhos adolescentes utilizando diversas medidas de bem-estar buscando relacioná-las. Novamente, o estudo apresentou correlações significativas, porém baixas entre o bem-estar de pais e filhos ($r = 0,16$ para o *Personal Wellbeing Index* e $r = 0,18$ para o *Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale*). Os resultados apontam que o bem-estar dos pais se relaciona pouco ao bem-estar de seus próprios filhos, apesar da socialização, dos bens materiais comuns e das influências genéticas. No entanto, um resultado que chama a atenção nesta pesquisa é que o bem-estar dos pais parece ter mais influência no bem-estar de suas filhas do que dos seus filhos (Casas et al., 2012d).

Um dos temas estudados sobre a relação de pais e filhos tem sido a **configuração familiar** e o bem-estar psicológico dos adolescentes. Nesse sentido, Hetherington e Stanley-Hagan (1999) apontam que a transição familiar pode apresentar uma chance para superar o conflito, conduzindo para relacionamentos mais integrados e harmoniosos e à oportunidade para um crescimento pessoal, individuação e bem-estar. Os autores acreditam que crianças que vivem em famílias monoparentais podem funcionar melhor do que em famílias nucleares com alto nível de conflito e colocam que o bem-estar da criança está associado ao relacionamento e ao bem-estar dos pais.

Da mesma forma, Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt (1999) realizaram um estudo no qual encontraram que os adolescentes de núcleos originais assim como os de núcleos reconstituídos possuem o mesmo nível de bem-estar, o que pode refletir a importância do relacionamento familiar em detrimento da sua configuração. Para Wagner et al. (1999) parece existir diferentes possibilidades de bom relacionamento e de saúde também em famílias que tenham passado por dificuldades de interação, havendo ruptura do vínculo conjugal e a reconstrução deste.

Os **estilos parentais** fazem parte dos temas estudados por diversos autores no que se refere à relação de pais e filhos adolescentes (Saha, Huebner, Suldo, & Valois, 2010; Steinberg, Mounts, Lamborn, & Dornbusch, 1991; Steinberg & Silverberg, 1986; Suldo & Huebner, 2004). Um estudo sobre a satisfação vital e a relação entre as dimensões de autoridade paterna na adolescência apontou que os estilos parentais são relacionados à satisfação vital dos adolescentes (Suldo & Huebner, 2004). O objetivo desse estudo foi identificar as dimensões da autoridade parental (supervisão rigorosa, apoio social, e autonomia) relacionadas com a satisfação vital dos adolescentes. Os resultados indicaram relações significativas em todas as dimensões de autoridade paternal e a satisfação vital dos adolescentes, sendo que o apoio social dos pais apresentou maior correlação.

Saha, Huebner, Suldo e Valois (2010) examinaram as relações longitudinais entre satisfação com a vida de adolescentes e a percepção de apoio, controle comportamental, e autonomia dos pais com diferença de um ano entre o tempo um e o tempo dois de coleta de dados. Os resultados revelaram que nenhum dos comportamentos parentais no tempo um previa mudanças na satisfação com a vida dos adolescentes no tempo dois. Apesar de não encontrarem relação entre os estilos parentais e a satisfação com a vida dos adolescentes, os pesquisadores apontam que o suporte, a autonomia e o controle são fatores importantes na relação entre adolescentes e seus pais.

Já a pesquisa de Steinberg, Mounts, Lamborn e Dornbusch (1991) refere que os adolescentes cujos pais os aceitam, são firmes e democráticos apresentam notas mais altas na escola, são mais autossuficientes, relatam menos ansiedade e depressão, e são menos propensos a se envolver em comportamento delinvente do que os adolescentes filhos de pais autoritários. Além disso, pais democráticos insistem em regras, em normas e em valores importantes, mas estão dispostos a ouvir, a explicar e a negociar e encorajam os adolescentes a formarem suas próprias opiniões (Steinberg et al. 1991). Em um estudo anterior, Steinberg e Silverberg (1986) investigaram a autonomia em adolescentes e encontraram médias mais altas de autonomia em adolescentes do sexo feminino do que masculino dos 10 aos 16 anos de idade.

Outro tema apontado na literatura diz respeito aos **conflitos familiares**. De acordo com Arnett (1999), muitos dos conflitos familiares ocorrem devido ao ritmo de desenvolvimento dos adolescentes rumo à independência. Para o autor, alguns conflitos diários e de menor intensidade podem ser procurações para outros conflitos mais sérios, como uso de drogas, direção segura e sexo. Além disso, o acúmulo de discussões frequentes pode resultar em uma atmosfera familiar estressante. O autor aponta também que a adolescência é um período mais estressante do que outros períodos do desenvolvimento, mas, apesar disso, nem todos os adolescentes passam pela experiência de estresse durante a sua transição.

Outra questão relacionada à relação entre os pais e filhos diz respeito ao **emprego dos pais**. Algumas pesquisas constataram que os filhos adolescentes de mães trabalhadoras tendem a se sentir mais bem ajustados socialmente do que os adolescentes cujas mães não trabalham; sentindo-se melhor em relação a si mesmos, possuindo um maior senso de afiliação e relacionando-se melhor com as famílias e com os amigos. Por outro lado, filhos cujos ambos os pais trabalham tendem a passar menos tempo fazendo os deveres da escola e lendo por lazer e mais tempo assistindo à televisão. Outra questão que também influencia nesta relação é a satisfação com o trabalho dos pais (Gold e Andres, 1978; Milne, Myers, Rosenthal e Ginsburg, 1986).

Existem diversos aspectos psicossociais que envolvem a relação de pais e filhos. O bem-estar dos adolescentes pode ser influenciado por estes aspectos, que fazem parte do contexto no qual se desenvolvem. Da mesma forma, o bem-estar dos adolescentes também pode estar relacionado ao bem-estar de seus pais e ser influenciado pelas relações que estabelecem com os mesmos.

A compreensão do bem-estar na adolescência a partir da perspectiva ecológica

Em um sentido mais amplo, a busca para compreender o bem-estar subjetivo na adolescência deve abranger aspectos pessoais e contextuais nos quais o adolescente está inserido. Considerando-se o bem-estar subjetivo composto por diversos âmbitos, cabe aqui a compreensão do bem-estar na adolescência a partir da perspectiva ecológica.

Estudos que compartilham da concepção ecológica, ou seja, que reconhecem e tomam como ponto de partida que o ambiente exerce efeitos no ser humano e que o ser humano influencia o ambiente, tem como grandes nomes Bertalanffy, Lewin, Barker, Rappaport, Bronfenbrenner, Warr, Moos, Trickett e Kelly. As principais diferenças entre os autores mencionados estão no foco da aplicação e desenvolvimento da teoria. Bertalanffy, Lewin e Barker podem ser considerados os precursores das teorias sistêmicas e ambientais (Sarriera, 2010). Bronfenbrenner é um dos autores aos quais se atribui maior destaque, por ser

responsável pelo Modelo ecológico do desenvolvimento humano, por meio do qual é possível compreender os processos do desenvolvimento humano, com base na pessoa, no processo, no contexto e no tempo. Já a aplicação da teoria de Rappaport tem como principal campo de atuação e objeto de estudo a comunidade. James Kelly, por sua vez, toma a perspectiva ecológico-contextual como sua principal abordagem, apresentando algumas aplicações também na psicologia comunitária (Sarriera, 2010).

Kelly (2006) aponta que os diversos autores e escritores da teoria ecológica serviram como inspiração para a elaboração de sua teoria ecológico-contextual, que difere-se das outras na ênfase que oferece à forma como as pessoas se relacionam com o ambiente social, ao uso de métodos variados de pesquisa e às relações de pesquisa como base para quaisquer investigações. Dessa maneira, propõe que para a perspectiva ecológica seja respeitada é necessário que os estudos que tomam essa premissa possam apontar as interlocuções essenciais que ocorrem nos mais variados âmbitos das vidas das pessoas. Para o autor, a principal meta da pesquisa ecológica é a descoberta de determinados espaços, pessoas e eventos em situações únicas.

Nesse sentido, a adoção do paradigma ecológico possibilita uma visão homeostática e holística da realidade, na medida em que permite avaliar a multiplicidade de relações que ocorre nos diferentes contextos vitais como a família, a escola, entre outros (Sarriera, 2010). O autor considera que a leitura separada do sujeito e seu meio produz uma fragmentação da realidade, descontextualizando o indivíduo do seu ambiente, e podendo levar a uma visão apenas parcial do fenômeno em estudo. Da mesma forma, Westergaard e Kelly (1999) apontam que não é possível a compreensão do significado das pessoas e dos sistemas no contexto, a menos que sejam consideradas a partir de um “contexto social multideterminado, multiestruturado e de múltiplos níveis” (p. 44).

O conceito da ecologia é particularmente válido para a avaliação do comportamento individual em situações sociais e fornece uma redefinição da prática clínica (Kelly, 1975). O cliente é visto como um indivíduo em uma determinada situação social com a consequência de que o comportamento expresso é avaliado em termos da estrutura e função do ambiente social em contraste com uma análise das motivações intrapsíquicas. A tarefa de investigação é esclarecer as relações entre o indivíduo seu comportamento e a estrutura social que afetam de maneira diferente várias formas do comportamento adaptativo. Para o autor, é preciso ser cativado pela experiência indutiva.

Kelly (1966) também apresenta um estudo sobre a adaptação social dos adolescentes para escolas de nível médio, que considera um exemplo de pesquisa relevante para a compreensão individual do comportamento em grandes contextos sociais. O autor aponta que

este é um tipo de trabalho fundamental para uma concepção ecológica de programas comunitários de saúde mental, e do ponto de vista que tem gerado esta pesquisa, o autor espera que possa contribuir para que os psicólogos desenvolvam a compreensão do ambiente social, entendendo um sentido mais claro da versatilidade do homem.

O meio ecológico de estruturas físicas, sociais e psicológicas que caracterizam o intercâmbio entre pessoas e seus ambientes é concebido como uma série de estruturas concêntricas chamadas microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Figura 3). O microssistema é o contexto no qual a pessoa desenvolve sua vida e suas atividades. No microssistema dos adolescentes estudados nessa pesquisa está a família. A escola, a rua e os amigos, também são microssistemas nos quais ocorrem as relações, são atribuídos papéis e são desenvolvidas atividades, sendo que cada um deles apresenta características físicas e materiais particulares (Sarriera, 2010). É possível buscar compreender o bem-estar a partir da perspectiva ecológica na medida em que este é um componente psicossocial da qualidade de vida dos adolescentes, fruto das relações ocorridas nos diferentes contextos. O objeto de estudo desta pesquisa encontra-se no microssistema no qual a família faz parte, no que diz respeito às relações entre o bem-estar de pais e filhos.

O mesossistema é composto por um grupo de microssistemas inter-relacionados e se caracteriza por ser um contexto maior no qual a vida se desenvolve. Outros dois sistemas que exercem influência na vida das pessoas, mesmo que não diretamente, são o exossistema e o macrossistema. O exossistema é aquele no qual a pessoa não participa diretamente, mas sofre sua influência indireta, como, no caso específico dos adolescentes, as condições de trabalho dos pais, que podem influenciar às relações familiares. Já o macrossistema refere-se à cultura como totalidade, às crenças e ideologias que sustentam as relações entre subsistemas (Sarriera, 2010).

O processo de transição ecológica ocorre quando se modifica a posição no ambiente ecológico de uma pessoa, como consequência de uma mudança de políticas, de papéis ou de recursos. Além disso, a adaptação é entendida pelo paradigma ecológico como o desenvolvimento continuado do fortalecimento dos recursos da pessoa e do ambiente (Sarriera, 2010).

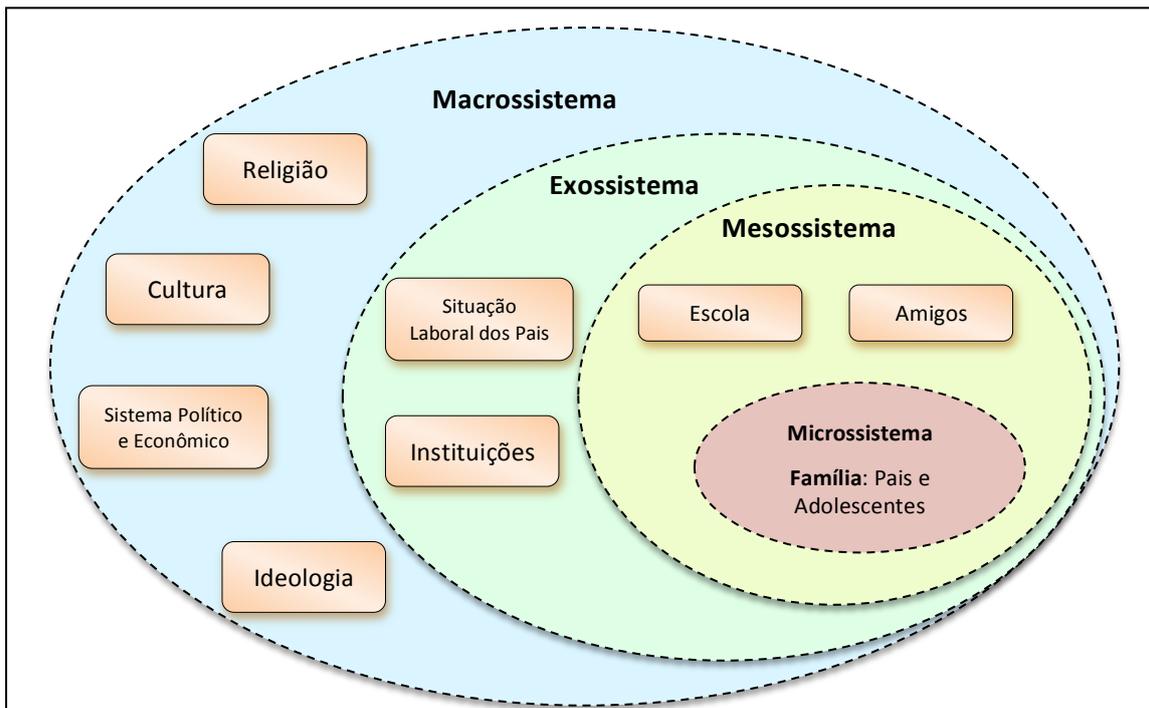


Figura 3. O meio ecológico do adolescente.

Fonte: Adaptado de Sarriera (2010, p. 35).

A partir de um estudo realizado sobre a reinserção familiar de uma criança abrigada, Vasconcelos, Yunes e Garcia (2009) apresentam a importância das relações entre os diversos contextos das crianças e adolescentes no que diz respeito às interações da família com as instituições de acolhimento. Além disso, apontam a necessidade de uma rede de relacionamentos que funcione em prol do desenvolvimento das crianças e de suas famílias, já que em diversos momentos do processo de inserção ecológica as pesquisadoras perceberam que a coesão familiar era uma característica marcante da família investigada, o que é de fundamental importância para a manutenção dos vínculos familiares.

Dessa forma, o bem-estar subjetivo dos adolescentes inseridos neste estudo é compreendido na perspectiva ecológica, considerando-se que o entendimento ecológico da realidade pode revelar a riqueza multidimensional da análise dos fenômenos psicossociais. Além disso, não reduz sua complexidade e pontua a influência determinante do ambiente na conduta das pessoas (Sarriera, 2010).

Especificação da pesquisa

Se o bem-estar subjetivo é a consequência da interinfluência entre os aspectos internos e suas interações externas com outras pessoas e com o entorno (Casas, 2010), e no caso dos adolescentes, por meio da perspectiva ecológica, essas interações externas ocorrem em microsistemas em contínua interrelação mútua com outros sistemas, então, o que se

propõe investigar é o papel do bem-estar dos pais no bem-estar de seus filhos e vice-versa. No entanto, a complexidade das relações entre pais e filhos nos impele a circunscrever um aspecto específico dessas interações: *Existe relação entre o bem-estar subjetivo de pais e filhos adolescentes?*

Outra questão anunciada pelos autores se refere à mensuração do bem-estar composto por avaliações cognitivas e afetivas, o que nos indica a necessidade de verificar se *os instrumentos utilizados por diversos pesquisadores até o momento e incluídos nesta pesquisa são adequados para mensurar o bem-estar?*

Outros estudos indicaram diferenças individuais dos adolescentes considerando sexo e idade e também diferenças a nível social, como renda ou classe social. *Existem diferenças na avaliação do bem-estar considerando-se a idade, o sexo e a classe social de pais e adolescentes?*

Espera-se encontrar diferenças na avaliação do bem-estar considerando a idade, o sexo e a classe social dos adolescentes e da amostra estudada, e diferenças na avaliação do bem-estar dos pais e de seus filhos adolescentes. Sustenta-se também a hipótese de que o bem-estar dos pais está relacionado ao bem-estar de seus filhos adolescentes, refletindo a interrelação mútua existente no microsistema familiar, e, da mesma forma, o bem-estar dos filhos adolescentes deve estar relacionado ao bem-estar de seus pais. Semelhante plano metodológico foi empregado no estudo de Casas, Coenders, González, Malo, Bertrán e Figuer (2012d), que utilizaram diversas medidas para avaliar o bem-estar de adolescentes e seus pais em uma amostra de adolescentes espanhóis.

De forma geral, esta pesquisa tem como objetivo apresentar o bem-estar subjetivo nos grupos de pais e filhos; verificar as propriedades psicométricas dos instrumentos de bem-estar utilizados; e verificar a relação entre o bem-estar de pais e seus filhos adolescentes a partir de diferentes medidas de avaliação. Para responder ao objetivo geral, são realizados três estudos, apresentados a seguir, cada um com respectivos objetivos específicos. Os participantes, instrumentos (Anexo A e B) e procedimentos de coleta são os mesmos para todos os estudos. O plano de análise de dados é descrito para cada estudo, e, ao final desta seção, é apresentada a Figura 4 com a síntese do plano metodológico da pesquisa, que está organizada em forma de artigos científicos.

Ressalta-se que respeitando a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde no Brasil, os participantes desta pesquisa foram informados dos principais objetivos e procedimentos do estudo. Desta forma, foi possível que os mesmos tivessem uma decisão livre e esclarecida sobre sua participação, recebendo e assinando em duas vias de igual teor

um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) que entregaram para seus pais ou responsáveis também assinarem.

Todos os participantes que concordaram com a realização da pesquisa tomaram ciência dos seus objetivos, não sendo identificados e tendo seus nomes resguardados, garantindo-se o sigilo das informações e preservando-se a sua identidade. Foi informado a todos que a participação nesse estudo é voluntária e que caso decidissem não participar ou desistir a qualquer momento, tinham absoluta liberdade de fazê-lo sem qualquer prejuízo ou penalização. Caso fosse identificada alguma situação de desconforto psicológico, os participantes seriam encaminhados para atendimento na rede de saúde, o que não ocorreu.

Os procedimentos e dados coletados utilizados nesta pesquisa foram previamente aprovados, quando na época da coleta, pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia/UFRGS, sob protocolo N° 066/2008 (Anexo E), sendo que os procedimentos previstos obedeceram aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução n° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Em nenhum dos procedimentos realizados houve riscos à dignidade dos participantes e todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade dos pesquisadores e, após cinco anos, poderá ser destruído. A equipe de pesquisa realizou uma devolução dos resultados gerais para algumas das escolas que participaram, apresentando os dados e entregando material informativo para os coordenadores ou representantes das escolas, que por sua vez ficaram responsáveis por repassar as informações à direção, aos professores, aos alunos e aos seus pais. A Figura 4 apresenta a síntese do plano metodológico realizado para a pesquisa, organizada na forma dos três estudos e os passos metodológicos que buscam responder aos objetivos da tese.

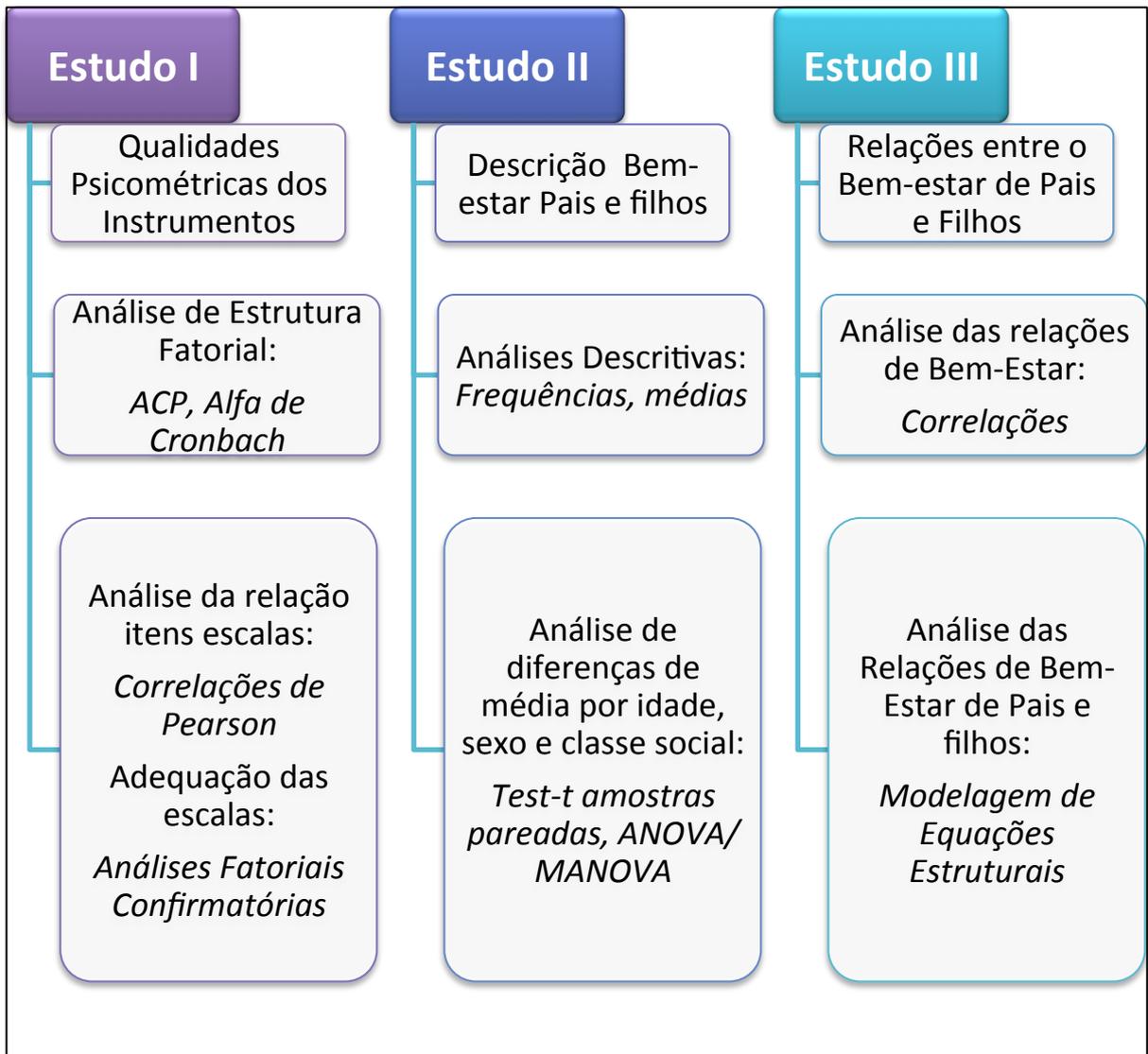


Figura 4. Síntese do Plano Metodológico da pesquisa.

CAPÍTULO II

Estudo 1. Propriedades psicométricas do *Personal Wellbeing Index (PWI)*, *Satisfaction With Life Scale (SWLS)*, *Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS)* e *Core Affects Scale (CAS)*

Introdução

Diversas pesquisas buscam avaliar e desenvolver instrumentos capazes de medir o bem-estar subjetivo não apenas em adultos como também em adolescentes, buscando um indicador relevante de qualidade de vida (Casas, 2011; Casas et al., 2012b; Cummins, 1998; Cummins, Eckersley, Pallant, Van Vugt, & Misajon, 2003; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985; Seligson, Huebner, & Valois, 2003). No entanto, para que seja possível mensurar o bem-estar, não se pode considerar apenas construtos adaptativos e medidas que valorizem somente sintomas patológicos, deve-se também avaliar as potencialidades (Huebner, 2004). Ben-Arieh (2008) destaca a importância de passar de medidas de sobrevivência (tais como taxas e mortalidade infantil) para a busca de indicadores positivos de desenvolvimento da infância e adolescência como medidas de satisfação e bem-estar. González (2006) aponta que os trabalhos sobre o tema encontram-se em período de expansão, com crescente número de pesquisadores interessados nessa temática e considerando a importância do desenvolvimento de novas ferramentas de medidas.

O bem-estar subjetivo está relacionado à satisfação consigo mesmo e com distintos âmbitos da vida, assim como com uma avaliação mais holística, denominada satisfação global com a vida ou satisfação vital (Casas, Buxarrais, Figuer, González, Tey, Noguera, & Rodríguez, 2003). Para Diener, Napa Scollon e Lucas (2004) e Veenhoven (1994), o bem-estar subjetivo envolve processos afetivos e cognitivos. Foi primeiramente reconhecido por Campbell, Converse e Rodgers (1976) que tais processos poderiam ser medidos a partir de questões de satisfação. Corroborando esta ideia, Cummins et al. (2003) afirmam que a essência do bem-estar subjetivo se reflete melhor nas questões de satisfação mais abstratas e pessoais.

A satisfação com a vida refere-se a um processo de julgamento, no qual os indivíduos avaliam a qualidade de suas vidas com base em seu próprio conjunto de critérios. É feita uma comparação de circunstâncias percebidas de vida com um conjunto de padrões auto-imposto,

e na medida em que as condições correspondem a esses padrões, a pessoa relata a sua satisfação com a vida. Portanto, a satisfação com a vida é um julgamento cognitivo consciente da vida na qual os critérios de julgamento são únicos para cada pessoa (Pavot & Diener, 1993).

Em um estudo Casas et al. (2012c) testaram o *Personal Wellbeing Index* (PWI), a *Satisfaction With Life Scale* (SWLS), a *Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale* (BMSLSS), e escalas de itens únicos, como o *Overall Life Satisfaction* (OLS), o *Happiness Overall Life* (HOL), e o *Happiness Measure* (HM), e dois itens da *Core Affects Scale* de Russell (2003) de satisfação e felicidade em geral em quatro países, Argentina, Brasil, Chile e Espanha, encontrando bons índices psicométricos para as escalas nos países estudados. Em outro estudo, Casas, Baltatescu, Bertrán, González e Hatos (2012a) testaram diferentes indicadores para a mensuração da satisfação escolar e sua relação com a satisfação global com a vida e com o bem-estar subjetivo com adolescentes da Romênia e Espanha, também verificando propriedades psicométricas adequadas para o PWI, mesmo ao incluir o item de satisfação escolar em ambos os países.

No Brasil, as pesquisas que utilizam instrumentos para avaliar o bem-estar na infância e adolescência também são menos numerosas do que em adultos ou idosos. No entanto, encontram-se estudos sobre bem-estar e sua relação com outros aspectos da adolescência, como no artigo de Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996) que, utilizando a escala de Goldberg (GHQ-12), constataram que a autoestima é um componente importante do bem-estar na adolescência. Outro estudo buscou investigar o conceito de felicidade e a auto-percepção infantil de bem-estar subjetivo em crianças de idade escolar e também desenvolveu e validou instrumentos para avaliar o bem-estar infantil (Giacomoni, 2002).

A importância de se investigar tanto os aspectos afetivos como os aspectos cognitivos do bem-estar subjetivo, sendo ambos relevantes, já era apontada por Diener et al. (1985) e por Pavot e Diener (1993). Nesse sentido, este artigo está focado nas propriedades psicométricas de diversos instrumentos e suas características frente à uma amostra de adolescentes e seus pais. As escalas investigadas correspondem tanto aos aspectos cognitivos do bem-estar subjetivo com o uso do *Personal Wellbeing Index* (PWI), da *Satisfaction With Life Scale* (SWLS), e da *Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale* (BMSLSS), assim como ao aspecto afetivo do bem-estar subjetivo com o uso da Escala de Afetos Nucleares (*Core Affects Scale*, CAS).

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é verificar as propriedades psicométricas dos instrumentos de bem-estar por meio da análise de evidências de validade e de fidedignidade. Especificamente, busca-se analisar a relação entre os itens das escalas; analisar

de forma exploratória e confirmatória a estrutura fatorial das escalas nas amostras; analisar a consistência interna das escalas; e analisar a adequação das escalas aos modelos teóricos da literatura tanto para os adolescentes como para os seus pais considerando-se sexo e idade, separadamente.

Método

Participantes

Os participantes deste estudo fazem parte de uma amostra coletada durante a realização de um estudo internacional sobre Qualidade de vida e bem-estar na adolescência, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GPPC – UFRGS), em cooperação com a Universidade de Girona (Espanha) e a Universidade de Buenos Aires (Argentina), entre os anos de 2009 e 2010. Os dados são referentes apenas aos adolescentes da amostra brasileira cujos respectivos pais ou responsáveis preencheram o questionário enviado. O total de adolescentes brasileiros que participaram da pesquisa foi de 1.588, sendo que destes, foram obtidos 543 questionários preenchidos pelos pais, com uma taxa de retorno de 34,2%. Portanto, os participantes deste estudo compreendem 543 adolescentes, entre 12 a 16 anos, e seus respectivos pais.

Os adolescentes são alunos das turmas da sétima e oitava séries do ensino fundamental e primeiro e segundo ano do ensino médio, provenientes de escolas públicas e privadas de quatro cidades do Estado do Rio Grande do Sul. Desses 25,6% são da capital, Porto Alegre, e os demais de três cidades do interior: Santa Cruz (32,4%), Rio Grande (17,9%) e Santa Maria (24,1%).

Dos 543 adolescentes, 172 (31,7%) são meninos e 371 (68,3%) são meninas. Os participantes de escolas particulares compõem 45,4% da amostra, enquanto os de escolas públicas correspondem a 54,6%, sendo que a classe social apontada pela maioria dos adolescentes foi classe média com 80,9%. As idades dos adolescentes variaram de 12 a 16 anos, com a média de 14,13 ($DP = 1,26$). Dos 543 pais que responderam ao questionário, 69,4% são mães, 20,3% pais, 8,1% mães e pais juntos e 2,2% outros membros da família. As idades variaram de 27 a 70 anos, com média de 43,84 ($DP = 6,56$).

Instrumentos

Os instrumentos foram aplicados por meio de um questionário respondido por adolescentes e seus pais com questões que exploram percepções e avaliações sobre o bem-estar. Todos os instrumentos foram traduzidos da sua língua original e submetidos a *back translation* por um psicólogo fluente na língua inglesa. Além disso, as escalas foram

adaptadas para forma de escala de 0 (menor intensidade) a 10 (maior intensidade) para facilitar a compreensão dos adolescentes (Casas et al., 2012b).

Considerando-se o uso de diversas escalas, o questionário dos adolescentes está composto por todos os instrumentos em forma de protocolo no Anexo A, enquanto que o questionário dos pais está em sua forma completa no Anexo B. A seguir, seguem as descrições das escalas e suas respectivas propriedades psicométricas:

Personal Wellbeing Index (PWI)

O *Personal Wellbeing Index* (Índice de Bem-estar Pessoal) foi desenvolvido por Cummins, Eckersley, Pallant, Van Vugt e Misajon (2003) com o intuito de acessar um âmbito da qualidade de vida em grupos variados da população. O índice é composto por sete domínios que são referentes à satisfação com a saúde, com o nível de vida, com as coisas que tem conseguido, com a segurança, com a segurança sobre o futuro, com as relações com outras pessoas e com os grupos dos quais faz parte (na versão original este último item refere-se à satisfação com o sentimento de pertença à comunidade, mas foi adaptado para “grupos dos quais faz parte” por ser melhor compreendido pelos adolescentes, conforme estudo de Casas et al., 2012b). A escala varia de *completamente insatisfeito* (0) a *completamente satisfeito* (10).

Um estudo realizado com população australiana e chinesa (Cummins & Lau, 2005; Lau, Cummins, & McPherson, 2005), apresentou boas propriedades psicométricas do PWI em termos de fidedignidade, validade e sensibilidade. Em termos de validade de construto os sete domínios constituem o conjunto mínimo de domínios que representam o primeiro nível de desconstrução da “Vida em geral”. Os domínios também formam consistentemente um único fator estável e explicam 50% da variância na Austrália e em outros países.

Quanto à fidedignidade, seis amostras da população australiana produziram uma variação máxima de 3,2 pontos percentuais em bem-estar e o alfa de Cronbach foi de 0,73 para a amostra australiana e 0,80 para a chinesa (Lau, Cummins, & McPherson, 2005). Com relação à validade de convergência, o PWI apresentou alta correlação positiva com o item único de satisfação com a vida ($r = 0,58$; $p < 0,001$) em um estudo realizado por Casas et al. (2012b).

Satisfaction With Life Scale (SWLS)

A Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) é um instrumento de cinco questões referentes à satisfação com diferentes domínios. A tradução literal da versão original do último item da escala é “se eu pudesse viver minha vida

novamente, eu não mudaria quase nada”, mas foi adaptado para “mudaria muitas coisas” por ser melhor compreendido pelos adolescentes, conforme verificado por estudo de Casas et al. (2012c). A escala varia de “*não, de nenhuma forma*” (0) a “*sim, completamente*” (10). Os escores da SWLS se correlacionam de forma moderada a alta com outras medidas de bem-estar subjetivo e se correlacionam também com características específicas de personalidade. Nos dois meses de teste-reteste o coeficiente de correlação foi de 0,82 e o coeficiente alfa foi 0,87. A SWLS mostrou-se negativamente correlacionada o Inventário de Depressão Beck ($r = -0,72; p < 0,001$) em uma pesquisa realizada por Blais, Vallerand, Pelletier e Briere (1989), apresentando evidências de validade concorrente.

Além disso, a SWLS tem sido positivamente correlacionada com a extroversão e inversamente correlacionado com neuroticismo (Diener et al., 1985). Outra evidência de validade dessa escala é citada no estudo de Smead (1991), que reportou correlações positivas ($r = 0,44; p < 0,01$) entre a SWLS e os afetos positivos, e correlações negativas ($r = -0,48; p < 0,01$) entre a SWLS e afetos negativos medidos por meio da Escala de afetos positivos e negativos (PANAS, Watson, Clark, & Tellegen, 1988).

Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS)

Versão breve da Escala de satisfação com a vida de estudantes elaborada por Seligson, Huebner e Valois (2003). Originalmente, a BMSLSS é uma medida de seis itens cuja soma dos resultados dos sujeitos fornece um escore de satisfação geral com a vida. Os itens são referentes à satisfação com a família, com os amigos, com a experiência escolar, consigo mesmo, com o lugar aonde vive e com a vida globalmente. O último item é considerado como um item único, por tratar da satisfação com a vida globalmente. Dessa forma, as análises dessa escala serão realizadas com os cinco demais itens. No questionário dos pais o item referente à satisfação com a experiência escolar foi substituído por satisfação com a experiência de trabalho. A escala varia de *péssima* (0) a *formidável* (10).

Em estudo de confiabilidade e validade da BMSLSS com 146 estudantes de ensino médio, Benjamin, Funk, Huebner e Valois (2006) encontraram que a solução unifatorial é a mais indicada e a consistência interna obtida foi de 0,75. A validade concorrente tem sido explorada por meio de associações com outras medidas de satisfação de vida. A BMSLSS se correlaciona fortemente com a MSLSS (variam de $r = 0,66$ a $0,81; p < 0,05$) e com a *Students' Life Satisfaction Scale* ($r = 0,62; p < 0,05$) em estudo realizados por Seligson et al. (2003).

Core Affects Scale (CAS)

A Escala de Afetos Nucleares (*Core Affects Scale*, CAS) consta de 11 itens que avaliam afetos positivos e negativos, assim como ativos e passivos. A escala parte do modelo teórico que considera que há uma bipolaridade entre afetos positivos e negativos e é composta por 6 itens que avaliam Afetos Positivos (AP: ativo/com energia, feliz, satisfeito, sortudo, sereno/calmo e entusiasmado) e 5 itens que avaliam Afetos Negativos (AN: estressado, triste, preocupado, cansado e entediado). Em termos de avaliação, a escala pressupõe que os menores escores são para a polaridade negativa e os maiores escores são para a polaridade positiva. Na correlação entre estados de ânimo positivos e negativos, verificou-se também um índice elevado de correlação inversa pelo meio do método das duas metades (Russell & Carroll, 1999).

Procedimentos

Inicialmente, as escolas foram sorteadas a partir da lista fornecida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e contatadas a fim de obter autorização para a realização da pesquisa entre seus alunos, sendo entregue e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) pelo diretor ou representante da escola. Após a autorização da escola, a equipe de pesquisadores entregou os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D) para que os alunos levassem para casa e pedissem a autorização de seus pais para a participação na pesquisa.

Combinou-se com a direção das escolas um horário para entrar nas turmas de sétima e oitava séries de ensino fundamental e primeira e segunda séries de ensino médio, durante aproximadamente 45 minutos, quando a equipe de pesquisadores realizou a aplicação do instrumento de pesquisa junto aos alunos, que devolveram os Termos de Consentimento assinados por eles e seus pais. Os participantes tiveram plena liberdade de se recusar a preencher o questionário. Durante a coleta de dados dos adolescentes, foram distribuídos envelopes selados contendo os questionários para serem entregues aos pais e respondidos por eles, sendo combinado que deveriam ser devolvidos em uma semana à direção da escola. O questionário dos pais tinha um código identificador para possível comparação com os dados dos filhos.

Análise de Dados

Para o primeiro objetivo específico são realizadas análises de correlação de Pearson (Bisquerra, Sarriera, & Martínez, 2004) entre as variáveis estudadas. Para o segundo objetivo específico, são verificados os pressupostos estatísticos de normalidade e homoscedasticidade.

Duas ou mais distribuições apresentam homoscedasticidade quando suas dispersões respectivas são equivalentes (Bisquerra, Sarriera, & Martínez, 2004). Em seguida, são conduzidas Análise de Componentes Principais (ACP), verificando-se os pressupostos estatísticos por meio das análises de KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy*) e teste de esfericidade de Bartlett (*Bartlett's Test of Sphericity*). Conforme Hair, Anderson, Tatham e Black (2005) são considerados dados possíveis de análise os que obtiverem valores para o KMO acima de 0,80 e teste de esfericidade de Bartlett com $p < 0,001$. As cargas fatoriais são consideradas acima de 0,40 buscando-se a solução pelo autovalor acima de 1,00. Os fatores encontrados são compreendidos a partir da literatura. Para o terceiro objetivo específico são realizadas análises de consistência interna por meio do Alfa de Cronbach considerando os valores totais e com itens excluídos.

Para o quarto objetivo específico, são realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) que se destinam a verificar o comportamento de variáveis observadas e latentes a partir de um modelo teórico estabelecido *a priori* a partir da literatura. Para o modelo ser considerado satisfatório são consideradas as indicações de Batista-Foguet e Coenders (2000), que além do Qui-quadrado não significativo, apontam o uso do Índice de Comparação do Ajuste (*Comparative Fit Index de Bentler – CFI*) com valores acima de 0,94 e a análise dos resíduos pelo Erro Quadrático Médio de Aproximação (*Root Mean Square Error of Approximation – RMSEA*) e seus intervalos de confiança, não sendo superiores a 0,08. Também são realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo para verificar a invariância fatorial das escalas, considerando-se idade e sexo dos adolescentes e dos pais, respectivamente.

De acordo com Kline (1991), os pesquisadores podem utilizar a AFC como uma técnica de follow-up para a ACP. A AFC pode ser usada subsequentemente para determinar o ajuste da solução final de uma ACP na amostra pesquisada. A AFC também pode ser usada para avaliar a validade de construto de uma escala, ao testar se a mesma medida obtém todas as cargas altas em um mesmo fator latente da AFC (que mostra a validade convergente), e correlações entre os fatores latentes supostamente diferentes não devem ser muito altas (validade discriminante).

Resultados

Os resultados deste estudo são apresentados seguindo a estratégia de análise de dados apresentada na metodologia, realizando-se primeiramente as análises bivariadas de correlação entre os itens das escalas. Em seguida, são apresentadas as tabelas das Análises de

Componentes Principais e análises de consistência interna das escalas para os adolescentes e seus pais.

Por fim apresentam-se os índices de ajuste das Análises Fatoriais Confirmatórias bem como as cargas de cada variável observada em sua respectiva variável latente para cada escala utilizada, incluindo os intervalos de confiança calculados por meio da estimação por *bootstrap*, considerando que as medidas de bem-estar geralmente apresentam desvio da normalidade por se tratarem de medidas positivas. *Bootstrap* é uma abordagem para a validação de um modelo multivariado realizado por meio da criação de um grande número de subamostras e da estimação de modelos para cada subamostra. Estimativas de todas as subamostras são então combinadas, fornecendo não apenas os melhores coeficientes estimados, mas também sua variabilidade esperada (Hair et al., 2005). O tratamento dos dados faltantes (chamados *missing data*) foi feito por meio de imputação por regressão, levando-se em conta sua baixa ocorrência (menos de 2,5% para os adolescentes e menos de 4% para os pais).

Correlações de Pearson

Todas as correlações entre os itens do PWI são significativas, sendo que as correlações mais altas para os adolescentes são entre os itens “coisas que conseguiu” e “segurança” ($r = 0,463$) e “grupos dos quais faz parte” e “relações com outras pessoas” ($r = 0,455$). Para os pais, as correlações mais altas estão entre os itens “nível de vida” e “coisas que conseguiu” ($r = 0,680$) e “segurança” e “segurança sobre o futuro” ($r = 0,628$). Apesar de significativa, a correlação entre “saúde” e “grupos dos quais faz parte” é a mais baixa tanto para os adolescentes ($r = 0,206$) quanto para os pais ($r = 0,146$) (Tabela 1).

Tabela 1

Correlações entre as variáveis do PWI de pais e adolescentes

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.
1. Saúde	1	0,321**	0,252**	0,267**	0,146**	0,223**	0,283**
2. Nível de vida	0,395**	1	0,680**	0,475**	0,279**	0,536**	0,194**
3. Coisas que conseguiu	0,316**	0,421**	1	0,409**	0,323**	0,466**	0,260**
4. Segurança	0,259**	0,340**	0,463**	1	0,335**	0,628**	0,318**
5. Grupos dos quais faz parte	0,206**	0,235**	0,355**	0,386**	1	0,397**	0,516**
6. Segurança sobre o futuro	0,271**	0,304**	0,295**	0,366**	0,245**	1	0,295**

7. Relações com outras pessoas	0,315**	0,289**	0,291**	0,273**	0,455**	0,220**	1
--------------------------------	---------	---------	---------	---------	----------------	---------	---

Nota: As correlações dos itens dos adolescentes estão abaixo da diagonal, as relativas aos pais estão acima. ** $p < 0,01$.

Considerando-se os itens da SWLS, as correlações entre os itens são significativas, sendo a correlação mais alta entre os itens “estou satisfeito com a vida” e “consegui coisas importantes” tanto para os adolescentes ($r = 0,566$) como para os pais ($r = 0,660$). Além disso, percebe-se que o item “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” se correlaciona de forma significativa e negativa com todos demais itens em ambas as amostras, sendo a correlação mais baixa com o item “estou satisfeito com a vida” tanto para os adolescentes ($r = -0,314$) como para os pais ($r = -0,399$) (Tabela 2).

Tabela 2

Correlações entre as variáveis da SWLS de pais e adolescentes

	1.	2.	3.	4.	5.
1. A minha vida corresponde ao que desejo	1	0,605**	0,656**	0,568**	-0,390**
2. As condições em que vivo são boas	0,426**	1	0,637**	0,535**	-0,294**
3. Estou satisfeito com a vida	0,509**	0,553**	1	0,660**	-0,399**
4. Consegui coisas importantes	0,516**	0,452**	0,566**	1	-0,301**
5. Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	-0,208**	-0,180**	-0,314**	-0,225**	1

Nota: As correlações dos itens dos adolescentes estão abaixo da diagonal, as relativas aos pais estão acima. ** $p < 0,01$.

As correlações entre os itens da BMSLSS são todas significativas (Tabela 3). Para a amostra de adolescentes, as maiores correlações estão entre os itens “família” e “lugar onde vivo” ($r = 0,475$), seguido de “família” e “consigo mesmo” ($r = 0,442$). Para a amostra de pais, a maior correlação está entre o item “comigo mesmo” e “lugar onde vivo” ($r = 0,475$) e também entre “família” e “comigo mesmo” ($r = 0,450$). A correlação mais baixa para a amostra de adolescentes está entre os itens “amigos” e “comigo mesmo” ($r = 0,179$), e para a amostra de pais está entre os itens “amigos” e “experiência de trabalhador” ($r = 0,261$).

Tabela 3

Correlações entre as variáveis da BMSLSS de pais e adolescentes

	1.	2.	3.	4.	5.
1. Família	1	0,393**	0,286**	0,450**	0,423**
2. Amigos	0,250**	1	0,261**	0,406**	0,333**
3. Experiência de estudante/trabalhador	0,429**	0,260**	1	0,340**	0,358**
4. Comigo mesmo	0,442**	0,179**	0,397**	1	0,475**
5. Lugar onde vivo	0,475**	0,255**	0,349**	0,417**	1

Nota: As correlações dos itens dos adolescentes estão abaixo da diagonal, as relativas aos pais estão acima. ** $p < 0,01$.

Percebe-se que todas as correlações são significativas e positivas entre os itens de Afetos Positivos (AP) da Escala de Afetos Nucleares (CAS) tanto para os adolescentes como para os pais (Tabela 4). A correlação mais alta está entre os itens “feliz” e “satisfeito” para adolescentes ($r = 0,649$) assim como para os pais ($r = 0,740$) e a correlação mais baixa entre os itens “calmo” e “ativo” tanto para os adolescentes ($r = 0,094$) como para os pais ($r = 0,277$).

Também, todos os itens de Afetos Negativos (AN) tiveram correlações significativas e positivas entre seus itens tanto para os adolescentes como para os pais, sendo a correlação mais alta entre os itens “cansado” e “entediado” para os adolescentes ($r = 0,534$) e entre os itens “triste” e “entediado” para os pais ($r = 0,486$). A correlação mais baixa foi entre os itens “preocupado” e “entediado” tanto para os adolescentes ($r = 0,268$) como para os pais ($r = 0,281$).

Além disso, observa-se que as correlações entre os itens de AP e de AN são, em sua maioria, significativas e negativas. O item “calmo” não se correlaciona significativamente com os itens de AN para os adolescentes, com exceção de “estressado” ($r = -0,105$). O item que apresenta as correlações negativas mais fortes para os adolescentes assim como para os pais é o item “triste” com os itens “feliz” ($r_{adol} = -0,383$, $r_{pais} = -0,363$) e “satisfeito” ($r_{adol} = -0,299$, $r_{pais} = -0,307$) (Tabela 4).

Tabela 4

Correlações entre as variáveis da Escala de Afetos Nucleares de pais e adolescentes

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.
1. Ativo	1	0,612**	0,579**	0,373**	0,277**	0,474**	-0,047	-0,202**	-0,077	-0,153**	-0,256**
2. Feliz	0,541**	1	0,740**	0,452**	0,330**	0,498**	-0,127**	-0,363**	-0,132**	-0,212**	-0,310**

3. Satisfeito	0,426**	0,649**	1	0,494**	0,376**	0,542**	-0,067	-0,307**	-0,130**	-0,144**	-0,234**
4. Sortudo	0,263**	0,365**	0,501**	1	0,325**	0,427**	-0,005	-0,184**	-0,129**	-0,129**	-0,160**
5. Calmo	0,094*	0,243**	0,290**	0,263**	1	0,321**	-0,189**	-0,179**	-0,142**	-0,147**	-0,217**
6. Entusiasmado	0,378**	0,487**	0,343**	0,271**	0,160**	1	-0,068	-0,172**	0,058	-0,073	-0,211**
7. Estressado	-0,136**	-0,166**	-0,133**	-0,105*	-0,105*	-0,111**	1	0,341**	0,306**	0,423**	0,326**
8. Triste	-0,278**	-0,383**	-0,299**	-0,155**	0,009	-0,183**	0,367**	1	0,363**	0,361**	0,486**
9. Preocupado	-0,103*	-0,158**	-0,171**	-0,125**	-0,043	0,046	0,296**	0,392**	1	0,329**	0,281**
10. Cansado	-0,194**	-0,141**	-0,135**	-0,106*	0,004	-0,055	0,340**	0,337**	0,395**	1	0,454**
11. Entediado	-0,229**	-0,200**	-0,165**	-0,115**	0,064	-0,116**	0,356**	0,383**	0,268**	0,534**	1

Nota: As correlações dos itens dos adolescentes estão abaixo da diagonal, as relativas aos pais estão acima. ** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$.

Análises de Componentes Principais (ACP)

A análise de componentes principais é uma análise exploratória que busca verificar a existência de fatores latentes em um conjunto de variáveis ou itens (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005). Esta técnica é utilizada quando se procura avaliar a estrutura fatorial de uma escala, buscando o agrupamento de variáveis em um conjunto de fatores ou componentes que se agrupam conforme indica uma teoria. Este tipo de análise também é útil na redução dos dados para análises posteriores.

As Análises de Componentes Principais (ACP) foram realizadas com rotação Varimax com as variáveis do PWI, da SWLS, da BMSLSS e da CAS. Dessa forma, são apresentados os resultados das ACP para cada uma das escalas, considerando-se seu funcionamento para os adolescentes e para seus pais.

O PWI apresentou boa consistência interna tanto para amostra de adolescentes ($\alpha = 0,764$), como para amostra de pais ($\alpha = 0,799$), e, seus itens foram agrupados pela ACP em um único componente como se pode ver na Tabela 5, com 41,78% de variância explicada para a amostra dos adolescentes e 46,17% para a amostra de pais, assumindo os pressupostos de homoscedasticidade e esfericidade ($KMO_{adol} = 0,820$ e $KMO_{pais} = 0,770$, Teste de esfericidade de Bartlett $p < 0,001$ para ambas as amostras). Cabe acrescentar que, para manter a unidimensionalidade do PWI na análise da amostra de pais, optou-se pela extração através do número de fatores fixado em um, já que ao realizar a extração por autovalor acima de 1,00 obteve-se uma solução de dois componentes, que agruparam os itens “grupos dos quais faz parte” e “relações com outras pessoas” separados dos demais.

Os itens “saúde” e “segurança sobre o futuro” apresentam as menores cargas fatoriais para a amostra de adolescentes. Já para a amostra de pais os itens “saúde” e “relações com outras pessoas” são os que apresentam menores cargas fatoriais (Tabela 5).

Tabela 5
Análise de Componentes Principais e Consistência Interna do Personal Wellbeing Index

PWI	Adolescentes	Pais
	Cargas Fatoriais	Cargas Fatoriais
1. Coisas que conseguiu	0,712	0,742
2. Segurança	0,696	0,748
3. Nível de Vida	0,665	0,767
4. Grupos dos quais faz parte	0,637	0,616
5. Relações com outras pessoas	0,621	0,565
6. Saúde	0,599	0,473
7. Segurança sobre o futuro	0,583	0,781
Variância Explicada (%)	41,78	46,17
Alfa de Cronbach	0,764	0,799

A **SWLS** apresentou baixa consistência interna tanto para amostra de adolescentes ($\alpha = 0,328$), como para amostra de pais ($\alpha = 0,344$). Seus itens foram agrupados em um único componente como se pode ver na Tabela 6, com 52,94% de variância explicada para a amostra dos adolescentes e 61,32% para a amostra de pais, assumindo os pressupostos de homoscedasticidade e esfericidade ($KMO_{adol} = 0,801$ e $KMO_{pais} = 0,841$, Teste de esfericidade de Bartlett $p < 0,001$ para ambas as amostras). Percebe-se que o item “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” apresenta a menor carga fatorial para as duas amostras, exibindo até mesmo carga negativa (Tabela 6).

Tabela 6
Análise de Componentes Principais e Consistência Interna da Satisfaction With Life Scale

SWLS	Adolescentes	Pais
	Cargas Fatoriais	Cargas Fatoriais

1. Estou satisfeito com a vida	0,839	0,877
2. Consegui coisas importantes	0,790	0,800
3. A minha vida corresponde ao que desejo	0,755	0,838
4. As condições em que vivo são boas	0,742	0,802
5. Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	-0,445	-0,558
Variância Explicada (%)	52,94	61,32
Alfa de Cronbach	0,328	0,344

A **BMSLSS** teve boa consistência interna tanto para amostra de adolescentes ($\alpha = 0,724$), como para amostra de pais ($\alpha = 0,738$), e, seus itens foram agrupados em um único componente como se pode ver na Tabela 7, com 48,28% de variância explicada para a amostra dos adolescentes e 50,06% para a amostra de pais, assumindo os pressupostos de homoscedasticidade e esfericidade ($KMO_{adol} = 0,787$ e $KMO_{pais} = 0,805$, Teste de esfericidade de Bartlett $p < 0,001$ para ambas as amostras). Percebe-se que os itens “experiência de estudante/trabalho” e “amigos” apresentam as menores cargas fatoriais para as duas amostras.

Tabela 7

Análise de Componentes Principais e Consistência Interna da Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale

BMSLSS	Adolescentes	Pais
	Cargas Fatoriais	Cargas Fatoriais
1. Família	0,776	0,731
2. Lugar onde vivo	0,738	0,743
3. Comigo mesmo	0,722	0,773
4. Experiência de estudante/trabalho	0,711	0,608
5. Amigos	0,492	0,670
Variância Explicada (%)	48,28	50,06
Alfa de Cronbach	0,724	0,738

A ACP realizada com a **Escala de Afetos Nucleares (CAS)** obteve dois componentes que juntos explicam 49,01% da variância considerando-se a amostra de adolescentes e 53,48% considerando-se a amostra de pais, assumindo os pressupostos de homoscedasticidade e esfericidade ($KMO_{adol} = 0,795$ e $KMO_{pais} = 0,840$, Teste de esfericidade de Bartlett $p < 0,001$ para ambas as amostras). Os itens foram agrupados de acordo com o tipo de afeto em 1)

Afetos Positivos (AP) ($\alpha_{\text{adol}} = 0,731$, $\alpha_{\text{pais}} = 0,816$) e 2) Afetos Negativos (AN) ($\alpha_{\text{adol}} = 0,743$, $\alpha_{\text{pais}} = 0,744$), como se pode observar na Tabela 8.

No entanto, cabe acrescentar que, para manter os dois componentes da Escala de Afetos Nucleares (AP e AN) optou-se pela extração através do número de fatores fixado em dois, já que ao realizar a extração por autovalor acima de 1,00 obteve-se uma solução de três componentes, com o terceiro agrupando os dois itens “calmo” e “sortudo” separados dos demais tanto na amostra de adolescentes como na de pais. Ao fixar o número de componentes em dois, percebe-se que esses itens carregam no componente de Afetos Positivos. Apesar de apresentarem cargas fatoriais mais baixas, ainda assim são aceitáveis (com cargas maiores que 0,40) para as duas amostras.

Tabela 8

Análise de Componentes Principais e Consistência Interna da Escala de Afetos Nucleares

CAS – Afetos Nucleares	Adolescentes		Pais	
	Cargas Fatoriais		Cargas Fatoriais	
	AP	AN	AP	AN
1. Feliz	0,814		0,819	
2. Satisfeito	0,795		0,851	
3. Entusiasmado	0,657		0,753	
4. Sortudo	0,635		0,677	
5. Ativo	0,633		0,757	
6. Calmo	0,464		0,500	
7. Cansado		0,767		0,736
8. Entediado		0,741		0,682
9. Triste		0,666		0,680
10. Preocupado		0,656		0,650
11. Estressado		0,632		0,706
Variância Explicada (%)	49,01		53,48	
Alfa de Cronbach	0,731	0,743	0,816	0,744

Análise de Consistência Interna

A consistência interna de uma escala é uma medida de precisão e confiabilidade, e significa que a escala deve refletir consistentemente o constructo ao qual se propõe a medir

(Field, 2009). O alfa de Cronbach é o coeficiente de confiabilidade mais utilizado, ele indica a consistência interna da escala inteira e define o grau de confiança que se pode ter nos escores de cada item. O limite inferior para o alfa de Cronbach é 0,70, embora possa chegar a 0,60 em pesquisas exploratórias segundo Hair et al. (2005). Uma questão na avaliação do alfa de Cronbach é a sua relação positiva com o número de itens da escala.

Considerando que o aumento do número de itens aumenta o valor do coeficiente de confiabilidade, os pesquisadores devem ter exigências mais rigorosas para as escalas com grande número de itens, enquanto que escalas com menor número de itens tendem a apresentar um alfa menor (Hair et al., 2005). A outra medida utilizada neste estudo é a correlação item-total, que é a correlação de cada item com o escore total da escala. Sugere-se que as correlações item-total sejam superiores a 0,30, porém, quanto maior o número de participantes da amostra, menor tende ser a correlação, sendo aceitáveis correlações menores.

Na tabela 9, são apresentadas as correlações item-total e os alfas de Cronbach caso o item de cada escala seja apagado para a amostra de adolescentes e de pais. Quando o valor do alfa aumenta nesta coluna, significa que o item pode não estar contribuindo para a consistência da escala.

Considerando-se os itens do PWI para os adolescentes, todos os itens contribuem para o fator, já que ao serem excluídos reduzem o alfa de Cronbach da escala, além de apresentarem correlações item-total acima de 0,30. Já para a amostra de pais, o alfa aumenta ligeiramente de 0,799 para 0,808 ao ser eliminado o item “saúde”, que apresenta a correlação item-total mais baixa para os pais ($r = 0,347$) e também para os adolescentes ($r = 0,438$).

Percebe-se que o item “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” da escala SWLS apresenta a menor carga fatorial para as duas amostras (até mesmo exibindo carga negativa) e parece não contribuir para a escala, já que melhora a consistência interna ao ser eliminado, elevando o alfa de 0,328 para 0,800 para a amostra de adolescentes e de 0,344 para 0,862 para a amostra de pais, passando a apresentar um alfa adequado. Além disso, se o item “estou satisfeito com a vida” for eliminado da amostra de pais, o alfa diminui para 0,005, apontando seu peso na formação dessa escala.

Com relação à BMSLSS, os itens “experiência de estudante/trabalho” e “amigos” apresentam as menores correlações para as duas amostras. Para a amostra de adolescentes, ao eliminar-se o item “amigos” o alfa vai de 0,724 para 0,740, aumentando ligeiramente.

O fator de Afetos Positivos da CAS apresenta o menor valor de correlação item-total para o item “calmo” para as duas amostras. Uma vez eliminado esse item, o alfa do fator de AP da escala se eleva de 0,731 para 0,767 para a amostra de adolescentes e de 0,816 para 0,828 para a amostra de pais, apresentando um aumento moderado.

Já ao se considerar o fator de Afetos Negativos, todos os itens contribuem, já que ao serem excluídos reduzem o alfa de Cronbach da escala. Além disso, os itens apresentarem correlações item-total acima de 0,30 tanto para a amostra de adolescentes como para a amostra de pais.

Tabela 9

Correlação Item-total e Alfa de Cronbach se itens forem apagados

		Adolescentes		Pais	
		Correlação Item- total corrigida	Alfa se o item for eliminado	Correlação Item- total corrigida	Alfa se o item for eliminado
PWI ($\alpha_{\text{adol}} = 0,764$) ($\alpha_{\text{pais}} = 0,799$)	Saúde	0,438	0,744	0,347	0,808
	Nível de Vida	0,501	0,732	0,626	0,754
	Coisas que conseguiu	0,552	0,721	0,598	0,762
	Segurança	0,539	0,723	0,611	0,757
	Grupos dos quais faz parte	0,482	0,735	0,467	0,784
	Segurança sobre o futuro	0,427	0,749	0,642	0,750
	Relações com outras pessoas	0,458	0,740	0,440	0,789
SWLS ($\alpha_{\text{adol}} = 0,328$) ($\alpha_{\text{pais}} = 0,344$)	A minha vida corresponde ao que desejo	0,402	0,074	0,465	0,047
	As condições em que vivo são boas	0,431	0,109	0,533	0,037
	Estou satisfeito com a vida	0,396	0,098	0,521	0,005
	Consegui coisas importantes	0,437	0,075	0,516	0,025
	Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	-0,294	0,800	-0,413	0,862
BMSLSS ($\alpha_{\text{adol}} = 0,724$) ($\alpha_{\text{pais}} = 0,738$)	Família	0,576	0,642	0,530	0,686
	Amigos	0,315	0,740	0,464	0,706
	Experiência de estudante/trabalho	0,504	0,670	0,420	0,733
	Comigo mesmo	0,507	0,669	0,583	0,664
	Lugar onde vivo	0,530	0,658	0,551	0,673
CAS – AP ($\alpha_{\text{adol}} = 0,731$) ($\alpha_{\text{pais}} = 0,816$)	Ativo	0,452	0,700	0,601	0,785
	Feliz	0,657	0,658	0,701	0,768
	Satisfeito	0,650	0,644	0,737	0,758
	Sortudo	0,478	0,696	0,543	0,803
	Calmo	0,296	0,760	0,418	0,828
	Entusiasmado	0,441	0,701	0,596	0,784
CAS – AN ($\alpha_{\text{adol}} = 0,743$) ($\alpha_{\text{pais}} = 0,744$)	Estressado	0,463	0,715	0,478	0,710
	Triste	0,511	0,696	0,541	0,687
	Preocupado	0,458	0,715	0,430	0,726
	Cansado	0,564	0,676	0,550	0,683

Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) foi realizada pelo método de estimação por máxima verossimilhança para confirmar o funcionamento das escalas com a amostra de adolescentes e de pais. Os resultados apresentaram bons índices de ajuste, como pode ser observado na Tabela 10, que apresenta o qui-quadrado (χ^2) com graus de liberdade para comparação do ajuste do modelo empírico com o teórico, os índices de ajuste do modelo (*Normed Fit Index* – NFI, o *Tucker-Lewis Coefficient* – TLI e o *Comparative Fit Index* – CFI) e a análise dos resíduos por meio das medidas de erro (*Root Mean Square Error of Approximation* – RMSEA com seus intervalos de confiança e o *Standardized Root Mean Square Residual* – SRMR).

A partir da Tabela 10, observa-se que todas as escalas apresentam índices adequados de ajuste tanto para a amostra de adolescentes como para a amostra de pais. No entanto, o PWI e a escala de Afetos Nucleares (CAS) obtiveram melhores índices de ajuste e menores medidas de erros e resíduos para a amostra de adolescentes, enquanto que as escalas SWLS e BMSLSS apresentaram melhores índices para a amostra de pais. Considerando-se os resultados das Análises de Componentes principais e das matrizes de correlação apresentados, optou-se por excluir o item “Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas em minha vida” das AFC da SWLS.

Tabela 10

Análises Fatoriais Confirmatórias – Índices de ajuste para adolescentes e pais

	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
PWI – Adolescentes	17,402	10	0,066	0,978	0,979	0,990	0,037 (0,001 – 0,065)	0,021
PWI – Pais	24,685	10	0,006	0,980	0,975	0,988	0,052 (0,026 – 0,078)	0,025
SWLS – Adolescentes	7,128	2	0,028	0,989	0,977	0,992	0,069 (0,019 – 0,126)	0,018
SWLS – Pais	5,942	2	0,051	0,994	0,988	0,996	0,060 (0,001 – 0,119)	0,013
BMSLSS – Adolescentes	8,405	5	0,135	0,984	0,986	0,993	0,035 (0,001 – 0,076)	0,021
BMSLSS – Pais	6,221	5	0,285	0,989	0,995	0,998	0,021 (0,001 – 0,066)	0,018

	χ^2	gl	p	NFI	TLI	CFI	$RMSEA (I.C.^a)$	$SRMR$
CAS – Adolescentes	64,154	35	0,002	0,960	0,970	0,981	0,039 (0,024 – 0,054)	0,034
CAS – Pais	94,409	37	0,001	0,952	0,955	0,970	0,054 (0,040 – 0,067)	0,042

^aI.C. = Intervalo de Confiança de 90%

A seguir, são apresentadas as Figuras 5 a 8, com o gráfico das Análises Fatoriais Confirmatórias de cada escala para os adolescentes e seus pais. Todas as análises foram realizadas com o uso do programa *IBM SPSS® Amos™ 19* (Arbuckle, 2010).

A Figura 5 mostra o gráfico da AFC do PWI para a amostra de adolescentes e de pais, com parâmetros padronizados para cada variável observada, representadas pelos retângulos, bem como a variável latente, representada por um círculo. Percebe-se que para as duas amostras os itens com carga fatorial mais baixa são “saúde” e “relações com outras pessoas”. Além disso, foram acrescentadas covariâncias entre os erros, conforme indicado pelos índices de modificação, sendo mantidas nos modelos apenas as covariâncias positivas, com correlações acima de 0,10. Três pares de covariância de erros são os mesmos para os adolescentes e seus pais (entre “saúde” e “relações com outras pessoas”, entre “saúde” e “nível de vida” e entre “grupos dos quais faz parte” e “relações com outras pessoas”). Além disso, para os adolescentes também existe covariância entre os erros dos itens “segurança” e “grupos dos quais faz parte” e, para os pais, existe uma covariância entre os erros dos itens “nível de vida” e “coisas que conseguiu”.

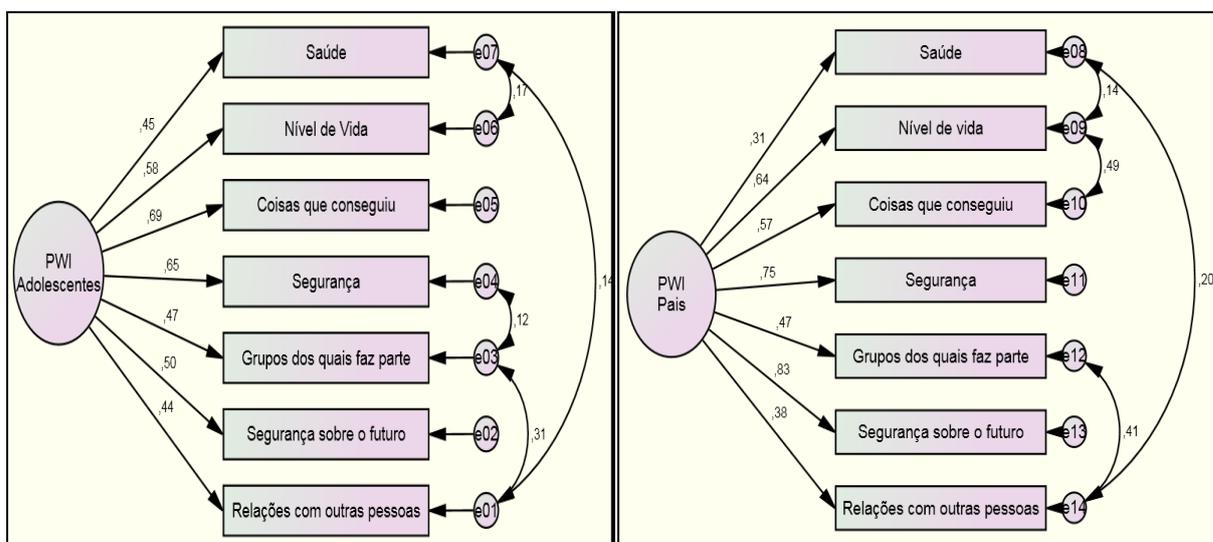


Figura 5. AFC do PWI para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas.

Considerando os resultados obtidos pelas análises de consistência interna e a ACP para a SWLS, optou-se por excluir o item “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas em minha vida” das AFC dessa escala. Assim, a Figura 6 mostra o gráfico da AFC da SWLS para a amostra de adolescentes e de pais, com parâmetros padronizados. Para as duas amostras o item que apresenta a maior carga é “estou satisfeito com a vida”.

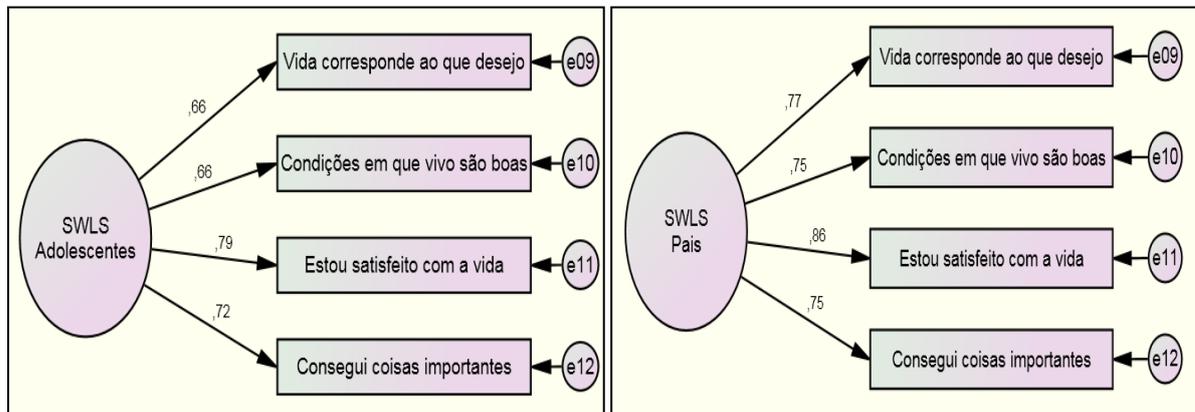


Figura 6. AFC da SWLS para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas.

O gráfico da AFC da BMSLSS para a amostra de adolescentes e de pais é apresentado na Figura 7, com parâmetros padronizados. Observa-se que o item “família” apresenta a carga fatorial mais alta para os adolescentes, enquanto que para os pais é o item “comigo mesmo”. Já o item com carga mais baixa para os adolescentes é “amigos”, e para os pais é “experiência de trabalhador”.

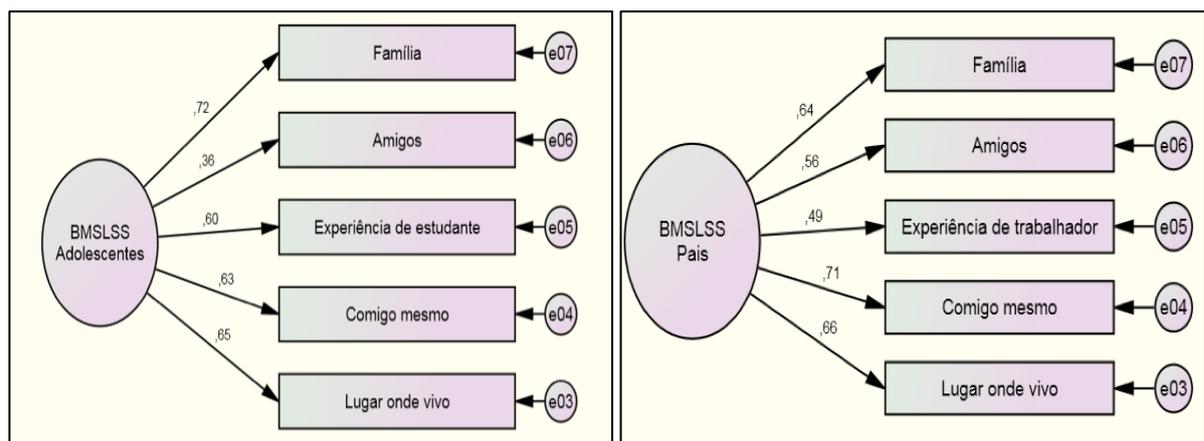


Figura 7. AFC da BMSLSS para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas.

A Figura 8 mostra o gráfico da AFC da Escala de Afetos Nucleares para a amostra de adolescentes e de pais, com parâmetros padronizados. Os itens “sereno, calmo” e “sortudo” apresentam as cargas fatoriais mais baixas na variável latente Afeto Positivo para as duas

amostras, e os itens “feliz” e “satisfeito” apresentam as cargas mais altas. Com relação aos itens da variável latente Afetos Negativos, o item “triste” é o que apresenta a maior carga para as duas amostras. Além disso, observa-se uma correlação negativa entre as variáveis latentes AP e AN. Foram acrescentadas as covariâncias entre os erros, que diferem entre as duas amostras (sete para os adolescentes e seis para os pais).

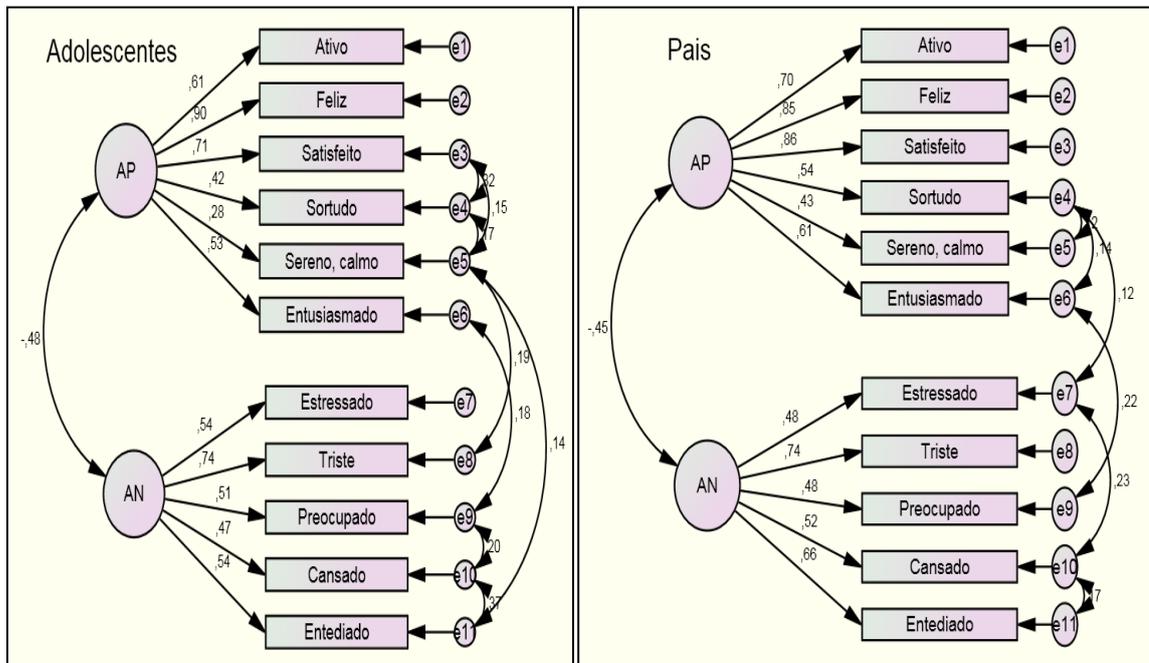


Figura 8. AFC da CAS para os adolescentes e os pais, com cargas padronizadas.

Os parâmetros estimados de cada item para as AFC das escalas são apresentados incluindo-se os intervalos inferiores e superiores de confiança com estimação *bootstrap* para os adolescentes e os pais, conforme Tabela 11. Todos os parâmetros são significativos nos modelos propostos. Nesta tabela podem-se observar as cargas fatoriais de cada item das quatro escalas em seus respectivos fatores latentes, conforme apresentadas nas figuras anteriormente, além de verificar seus intervalos de confiança.

Tabela 11

Parâmetros padronizados, com intervalos de confiança calculados com *bootstrap*

Bootstrap ML. ^a		Adolescentes			Pais		
		Estimado	Inferior	Superior	Estimado	Inferior	Superior
Amostra = 500							
Saúde	<--- PWI	0,454	0,334	0,553	0,313	0,193	0,421
Nível de vida	<--- PWI	0,578	0,437	0,703	0,641	0,542	0,725
Coisas que conseguiu	<--- PWI	0,693	0,606	0,778	0,572	0,469	0,673

Segurança	<--- PWI	0,648	0,554	0,724	0,752	0,650	0,827
Grupos dos quais faz parte	<--- PWI	0,475	0,370	0,573	0,469	0,350	0,574
Segurança sobre o futuro	<--- PWI	0,503	0,392	0,597	0,830	0,769	0,887
Relações com outras pessoas	<--- PWI	0,439	0,326	0,539	0,376	0,273	0,485
A vida corresponde desejo	<-- SWLS	0,664	0,587	0,727	0,773	0,710	0,832
Condições boas	<-- SWLS	0,663	0,566	0,740	0,745	0,678	0,812
Estou satisfeito com a vida	<-- SWLS	0,794	0,734	0,850	0,862	0,813	0,911
Consegui coisas importantes	<--SWLS	0,721	0,649	0,780	0,747	0,642	0,826
Família	<--- BMSLSS	0,717	0,626	0,798	0,642	0,560	0,712
Amigos	<--- BMSLSS	0,362	0,256	0,478	0,559	0,461	0,642
Experiência estud./trab.	<--- BMSLSS	0,597	0,500	0,684	0,485	0,394	0,569
Comigo mesmo	<--- BMSLSS	0,628	0,541	0,709	0,713	0,629	0,792
Lugar onde vivo	<--- BMSLSS	0,648	0,560	0,729	0,660	0,575	0,738
Ativo	<--- AP	0,608	0,512	0,700	0,695	0,613	0,771
Feliz	<--- AP	0,901	0,853	0,940	0,855	0,786	0,907
Satisfeito	<--- AP	0,713	0,624	0,792	0,860	0,811	0,903
Sortudo	<--- AP	0,419	0,318	0,504	0,543	0,459	0,620
Sereno, calmo	<--- AP	0,277	0,169	0,371	0,427	0,321	0,535
Entusiasmado	<--- AP	0,532	0,428	0,629	0,610	0,521	0,686
Estressado	<--- AN	0,542	0,438	0,622	0,475	0,375	0,579
Triste	<--- AN	0,742	0,652	0,823	0,738	0,650	0,817
Preocupado	<--- AN	0,505	0,404	0,588	0,483	0,395	0,567
Cansado	<--- AN	0,471	0,356	0,561	0,519	0,405	0,619
Entediado	<--- AN	0,543	0,431	0,651	0,659	0,561	0,747

^aI.C. = Intervalo de Confiança de 95%

Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG)

A partir dos dados obtidos com os resultados das AFC das escalas, a Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) foi realizada com o objetivo de avaliar se os parâmetros psicométricos de cada escala são equivalentes para diferentes grupos. Foram testados os grupos de adolescentes considerando o sexo (meninos ou meninas) e a idade (12 a 16). Para a amostra de pais, foi testada a equivalência de parâmetros para o sexo (pais ou mães) e para a idade. No entanto, considerando-se que para os pais a distribuição por idade varia de 27 a 70

anos, eles foram agrupados em três grupos etários, o primeiro com idades entre 27 a 40 anos, o segundo com idades entre 41 e 50 anos e o terceiro com idades acima de 51 anos.

Para verificar a equivalência de parâmetros entre grupos, são testados três modelos para cada escala, sendo que cada modelo é mais restritivo que o outro. No primeiro modelo, os parâmetros são livremente estimados para cada grupo, sendo testada apenas a plausibilidade da estrutura fatorial, ou seja, a adequação do modelo proposto para cada grupo. No segundo modelo, as cargas fatoriais são restringidas para serem iguais entre os grupos, avaliando se os itens possuem a mesma importância para os grupos. No último modelo, além das cargas fatoriais, também são restringidos os interceptos, ou seja, as médias dos itens, para cada grupo. Para este estudo, foram levados em conta os índices comparativos de ajuste entre os modelos, considerando-se a diferença entre o CFI de um modelo para o outro. A diferença entre o CFI (ΔCFI) não deve ser maior de 0,01, e desta forma, os resultados globais indicam a viabilidade de se restringir as cargas fatoriais para serem as mesmas nos diferentes grupos (Milfont & Fisher, 2010).

A partir da Tabela 12, podem-se observar os índices de ajuste das AFCMG para a amostra de adolescentes. Percebe-se que o PWI apresenta índices adequados de ajuste para o modelo não restringido ao ser considerado o sexo. Quando as cargas fatoriais são restringidas para serem iguais entre os grupos, inicialmente há diferença significativa entre o CFI ($\Delta\text{CFI} > 0,01$), sendo necessário deixar um parâmetro para ser livremente estimado entre os meninos e as meninas, atingindo, dessa forma, um ajuste adequado. O parâmetro refere-se a carga fatorial do item “Segurança sobre o futuro”. O ajuste permanece adequado quando da restrição dos interceptos. Já com relação à idade, percebe-se bons ajustes para os três modelos nos cinco grupos diferentes de idades (12, 13, 14, 15 e 16 anos).

Os índices de ajuste multigrupo para a SWLS foram adequados tanto para o sexo como para as idades dos adolescentes. Para a BMSLSS os itens “experiência de estudante” e “comigo mesmo” tiveram que ter as cargas fatoriais livres para serem estimadas, pois apresentam diferenças com relação ao sexo dos adolescentes. Já no que diz respeito à idade, houve necessidade de deixar a carga fatorial do item “família” para obter-se um índice de ajuste adequado. Para os interceptos, a restrição não causou diferença entre os modelos por sexo e nem por idade.

Levando-se em conta os índices de ajuste multigrupo para a Escala de Afetos Nucleares (CAS), o modelo com cargas fatoriais restringidas apresenta bom ajuste, assim como o modelo com os interceptos restringidos. Também quanto à idade todos os modelos apresentaram índices de ajuste adequados.

Cabe apontar que para as escalas PWI, SWLS e BMSLSS os ajustes foram melhores para os grupos ao se comparar o sexo do que ao se comparar a idade. Ainda assim, os índices de ajuste para os grupos por idade também se apresentam adequados conforme os requisitos indicados anteriormente.

Tabela 12

Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo – Índices de ajuste para sexo e idade para amostra de adolescentes

<i>Adolescentes</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
PWI – Sexo – modelo não restringido	24,388	20	0,226	0,969	0,988	0,994	0,020 (0,001 – 0,044)	0,039
PWI – Sexo – cargas fatoriais restringidas	31,652	25	0,168	0,960	0,985	0,991	0,022 (0,001 – 0,043)	0,048
PWI – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	37,383	30	0,199	0,953	0,989	0,992	0,020 (0,001 – 0,039)	0,048
PWI – Idade – modelo não restringido	102,016	75	0,021	0,888	0,953	0,966	0,026 (0,011 – 0,038)	0,077
PWI – Idade – cargas fatoriais restringidas	121,50	93	0,025	0,866	0,960	0,964	0,024 (0,009 – 0,035)	0,093
PWI – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	124,079	111	0,170	0,864	0,983	0,982	0,016 (0,001 – 0,028)	0,094
SWLS – Sexo – modelo não restringido	7,221	4	0,125	0,989	0,985	0,995	0,039 (0,001 – 0,083)	0,011
SWLS – Sexo – cargas fatoriais restringidas	15,037	7	0,036	0,977	0,979	0,988	0,046 (0,011 – 0,078)	0,036
SWLS – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	21,674	10	0,017	0,967	0,978	0,982	0,046 (0,019 – 0,073)	0,037
SWLS – Idade – modelo não restringido	22,894	10	0,011	0,967	0,943	0,981	0,049 (0,022 – 0,076)	0,041
SWLS – Idade – cargas fatoriais restringidas	32,503	22	0,069	0,954	0,979	0,984	0,030 (0,001 – 0,050)	0,054
SWLS – Idade – cargas fatoriais e interceptos	52,554	34	0,025	0,926	0,976	0,973	0,031 (0,012 – 0,048)	0,054

<i>Adolescentes</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
restringidos								
BMSLSS – Sexo – modelo não restringido	14,872	10	0,137	0,973	0,981	0,990	0,030 (0,001 – 0,060)	0,030
BMSLSS – Sexo – cargas fatoriais restringidas	22,389	12	0,033	0,959	0,967	0,980	0,040 (0,011 – 0,065)	0,054
BMSLSS – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	33,831	14	0,009	0,938	0,962	0,968	0,043 (0,021 – 0,064)	0,055
BMSLSS – Idade – modelo não restringido	44,966	25	0,008	0,925	0,927	0,964	0,039 (0,019 – 0,056)	0,048
BMSLSS – Idade – cargas fatoriais restringidas	61,222	37	0,007	0,898	0,940	0,956	0,035 (0,018 – 0,050)	0,083
BMSLSS – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	82,438	49	0,015	0,862	0,959	0,954	0,029 (0,013 – 0,042)	0,081
CAS – Sexo – modelo não restringido	105,938	70	0,004	0,935	0,963	0,976	0,031 (0,018 – 0,042)	0,040
CAS – Sexo cargas fatoriais restringidas	129,890	79	0,001	0,921	0,954	0,967	0,035 (0,023 – 0,045)	0,056
CAS – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	147,517	88	0,001	0,910	0,951	0,961	0,035 (0,025 – 0,045)	0,054
CAS – Idade – modelo não restringido	232,829	175	0,002	0,875	0,943	0,964	0,025 (0,015 – 0,033)	0,077
CAS – Idade – cargas fatoriais restringidas	270,749	211	0,003	0,855	0,951	0,962	0,023 (0,014 – 0,031)	0,089
CAS – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	294,306	247	0,021	0,842	0,967	0,970	0,019 (0,008 – 0,027)	0,090

^a I.C. = Intervalo de Confiança de 95%

Assim como para os adolescentes, foram feitas as análises para os pais, considerando-se os três modelos multigrupo (não restringido, com cargas fatoriais restringidas e com cargas

e interceptos restringidos). Os dados são apresentados na Tabela 13. Os resultados para o PWI apontam que todos os modelos apresentaram índices de ajuste adequados considerando-se o sexo e também a idade.

Os resultados para a SWLS apontam que os três modelos apresentaram índices de ajuste adequados considerando-se o sexo dos pais. Com relação à idade, percebe-se bom índice de ajuste para os modelos não restringido e com cargas fatoriais restringidas, assim como o ajuste considerando-se os interceptos restringidos para serem iguais aos três grupos de idade.

Para a BMSLSS os modelos não apresentaram diferenças de ajuste com relação ao sexo dos pais, sendo adequados. Já quando realizada a análise multigrupo para idade, o item “amigos” teve que ter sua carga fatorial livre para ser estimada, pois apresenta diferenças com relação à idade dos pais. O modelo com os interceptos restringidos apresentou bons índices de ajuste para idade.

Os índices de ajuste da CAS são moderados para a amostra de pais, considerando-se o modelo não restringido assim como os modelos restringidos. Já com relação à idade, os ajustes apresentam bons índices para o modelo não restringido e o modelo com cargas fatoriais restringidas, porém, o ajuste é razoável considerando-se os interceptos restringidos para serem iguais aos três grupos de idade.

Tabela 13

Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo – Índices de ajuste para sexo e idade para amostra de pais

<i>Pais</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
PWI – Sexo – modelo não restringido	43,437	20	0,002	0,963	0,957	0,980	0,049 (0,029 – 0,069)	0,057
PWI – Sexo – cargas fatoriais restringidas	58,854	26	0,001	0,950	0,954	0,971	0,051 (0,034 – 0,068)	0,093
PWI – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	67,544	32	0,001	0,943	0,959	0,969	0,048 (0,032 – 0,064)	0,095
PWI – Idade – modelo não restringido	63,172	27	0,001	0,947	0,925	0,968	0,053 (0,036 – 0,070)	0,064
PWI – Idade – cargas fatoriais restringidas	85,162	39	0,001	0,928	0,934	0,959	0,049 (0,035 – 0,064)	0,064

<i>Pais</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
PWI – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	92,528	51	0,001	0,922	0,954	0,963	0,041 (0,027 – 0,054)	0,063
SWLS – Sexo – modelo não restringido	9,213	4	0,056	0,990	0,983	0,994	0,052 (0,001 – 0,097)	0,006
SWLS – Sexo – cargas fatoriais restringidas	17,628	7	0,014	0,981	0,980	0,988	0,056 (0,024 – 0,089)	0,047
SWLS – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	21,921	10	0,016	0,976	0,984	0,987	0,050 (0,021 – 0,078)	0,052
SWLS – Idade – modelo não restringido	28,012	6	0,001	0,970	0,929	0,976	0,087 (0,056 – 0,121)	0,007
SWLS – Idade – cargas fatoriais restringidas	40,843	12	0,001	0,957	0,969	0,969	0,070 (0,047 – 0,095)	0,025
SWLS – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	48,934	18	0,001	0,948	0,967	0,967	0,060 (0,040 – 0,080)	0,030
BMSLSS – Sexo – modelo não restringido	21,964	14	0,079	0,977	0,981	0,991	0,034 (0,001 – 0,060)	0,046
BMSLSS – Sexo – cargas fatoriais restringidas	37,899	19	0,006	0,960	0,967	0,980	0,045 (0,024 – 0,066)	0,095
BMSLSS – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	51,909	24	0,001	0,945	0,965	0,971	0,047 (0,029 – 0,065)	0,098
BMSLSS – Idade – modelo não restringido	36,330	15	0,002	0,936	0,920	0,960	0,054 (0,032 – 0,077)	0,051
BMSLSS – Idade – cargas fatoriais restringidas	41,254	21	0,005	0,927	0,946	0,962	0,045 (0,024 – 0,065)	0,051
BMSLSS – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	57,990	27	0,002	0,898	0,951	0,950	0,042 (0,025 – 0,059)	0,052
CAS – Sexo – modelo não restringido	167,710	74	0,001	0,909	0,920	0,946	0,051 (0,041 – 0,061)	0,091

<i>Pais</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
CAS – Sexo – cargas fatoriais restringidas	181,521	83	0,001	0,902	0,925	0,943	0,049 (0,040 – 0,059)	0,100
CAS – Sexo – cargas fatoriais e interceptos restringidos	207,145	92	0,001	0,888	0,921	0,934	0,051 (0,042 – 0,060)	0,101
CAS – Idade – modelo não restringido	189,949	99	0,001	0,904	0,917	0,950	0,044 (0,034 – 0,053)	0,064
CAS – Idade – cargas fatoriais restringidas	225,707	117	0,001	0,886	0,916	0,940	0,044 (0,035 – 0,052)	0,074
CAS – Idade – cargas fatoriais e interceptos restringidos	247,610	135	0,001	0,875	0,924	0,938	0,042 (0,033 – 0,050)	0,076

^aI.C. = Intervalo de Confiança de 95%

Discussão

Este estudo verificou as propriedades psicométricas de instrumentos que se propõe a medir o bem-estar subjetivo por meio da análise de evidências de validade. Os dados apontam que o PWI, a SWLS, a BMSLSS e a CAS apresentam índices de ajuste adequados tanto para amostra de adolescentes como para a amostra de pais, considerando também o sexo e a idade dos participantes. Estes resultados corroboram com estudos realizados utilizando amostras de diversos países com os mesmos instrumentos (Casas et al., 2012c; Sarriera et al., 2012b; Tomy & Cummins, 2011).

Especificamente, com relação ao PWI, o item “saúde” apresentou a menor carga fatorial na análise confirmatória. Ainda, ao realizar a análise de componentes principais do PWI para a amostra de pais, obteve-se uma solução de dois componentes, que agruparam os itens “grupos dos quais faz parte” e “relações com outras pessoas” separados dos demais. Este resultado sugere que pode haver um agrupamento dos itens referentes a relações interpessoais, sugerindo a investigação de outros itens que possam ampliar as dimensões do PWI.

Atualmente já existem estudos sendo realizados que buscam verificar as dimensões do PWI, incluindo outros itens, como a pesquisa de Casas, Tiliouine, Figuer (2013), na qual verificaram o funcionamento do PWI com os itens sobre a satisfação com o uso do tempo, com a vida sentimental, com a família, e com o corpo. Outros estudos também investigaram o funcionamento do PWI com outros itens em diferentes países (Casas et al., 2012a; Casas et al., 2012b).

Por meio de uma ampla revisão de literatura e diferentes métodos estatísticos, Gadermann, Schonert-Reichl e Zumbo (2010) apresentam evidências de validade convergente e divergente da SWLS e trazem dados de comparação entre grupos considerando gênero, idade e língua materna aprendida (inglês ou outras) com 1.266 crianças com idades entre 9 e 14 anos que vivem no Canadá. Os resultados apontaram cargas fatoriais altas (acima de 0,70) para todos itens, além de um alfa de Cronbach de 0,86, indicando também boa consistência interna dos itens. Em seguida, os autores utilizaram o teste não paramétrico da teoria de resposta ao item, que é um método de regressão não paramétrico dentro do qual a probabilidade de uma resposta ao item é estimada. Os cinco itens apresentaram bom desempenho no que diz respeito às suas pontuações esperadas. Por fim, os autores apresentam dados de evidências de validade concorrente e discriminante ao verificarem se a SWLS relaciona-se aos constructos de otimismo, autoconceito, auto-eficácia e empatia (validade concorrente) e depressão (validade discriminante).

Ainda com relação ao SWLS, percebe-se que o item “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” apresenta a menor carga fatorial para as duas amostras (até mesmo exibindo carga negativa) e parece não contribuir para a escala, já que melhora a consistência interna ao ser excluído, indo o alfa de 0,328 para 0,800 para a amostra de adolescentes e de 0,344 para 0,862 para a amostra de pais, passando a apresentar um alfa adequado. Uma possível causa para a baixa correlação deste item pode ser o fato de ter sido mal compreendido pela amostra, mesmo com a adaptação do item. De acordo com Pavot e Diener (1993), os itens da SWLS são globais e não de natureza específica, permitindo que participantes atribuam pesos para os domínios de suas vidas, para se chegar a um julgamento global de satisfação com as suas vidas.

Outra questão importante referente ao item anteriormente citado refere-se ao passado, podendo ser mais suscetível à mudança do que os outros, porque ele tende a refletir um período de tempo ao invés de ter um foco em toda a vida da pessoa no passado, podendo misturar dois significados diferentes de satisfação com a vida (Pavot & Diener, 1993). Nesse sentido, uma exploração deste item se justifica, sugerindo-se que o item fosse analisado qualitativamente, buscando compreender seu significado para os adolescentes, assim como para os pais.

Com relação ao funcionamento da Escala de Afetos Nucleares, tanto na ACP como na AFC, os itens “calmo” e “sortudo” do fator de Afetos Positivos apresentam a menor carga fatorial para as duas amostras, chegando a elevar consideravelmente o alfa de Cronbach quando da exclusão do item “calmo”, tanto para a amostra de adolescentes como para a amostra de pais. Esse resultado pode ser compreendido pela definição de afetos nucleares,

apontada por Russell (2003), pelo fato de que tanto “calmo” como “sortudo” são considerados afetos nucleares que, apesar de estarem situados na dimensão de afetos positivos, prazerosos (dimensão horizontal do mapa de Afetos Nucleares) estão também situados na extremidade da dimensão de ativação (nesse caso, desativação, dimensão vertical do mapa de Afetos Nucleares), que é fronteira com a dimensão de afetos negativos, ou de desprazer. Vale destacar que esses itens não precisam necessariamente ser eliminados da escala, entretanto, observa-se que eles apresentam correlações mais baixas do que os demais itens que compõem o fator de AP da Escala de Afetos Nucleares.

As análises multigrupo apresentam índices adequados de ajuste para as escalas estudadas considerando-se o sexo e a idade dos adolescentes e dos pais. Entretanto, foi necessário deixar a carga fatorial de alguns itens livres para serem estimados, como o item “segurança sobre o futuro” do PWI e os itens “experiência de estudante” e “comigo mesmo” da BMSLSS para o sexo dos adolescentes. Com relação à idade, apenas o item “família” da BMSLSS não pôde ter as cargas fatoriais fixadas como iguais para todas idades dos adolescentes, assim como o item “amigos” considerando a idade para os pais.

Considerações Finais

Embora possa haver algum acordo sobre os componentes importantes do bem-estar, como a saúde e os relacionamentos, cada pessoa tende a atribuir pesos diferentes para estes componentes (Diener et al., 1985). Além disso, as pessoas podem ter padrões muito diferentes para avaliar cada uma dessas áreas de suas vidas. Por isso, é necessário avaliar os diversos domínios e também o julgamento de satisfação global com a vida, juntamente com medidas do componente afetivo do bem-estar para buscar uma compreensão mais ampla deste constructo.

Para Casas, Tiliouine e Figuer (2013) as escalas de bem-estar que medem diferentes domínios de vida mais utilizadas com adolescentes provavelmente são a BMSLSS e o PWI. Os autores apontam ainda que os domínios de vida incluídos nessas duas escalas são bastante diferentes, sendo que a BMSLSS inclui a satisfação com cinco domínios concretos (família, amigos, escola, consigo mesmo e com o lugar aonde vive), enquanto que o PWI inclui sete domínios de satisfação bastante abstratos (saúde, padrão de vida, realizações de vida, segurança pessoal, segurança, grupos dos quais faz parte, futuro e as relações com outras pessoas).

Estudos futuros podem realizar outras análises para verificar o funcionamento das medidas de avaliação. Também seria interessante explorar o bem-estar em pesquisas longitudinais, avaliando o passado, o presente e o futuro, em diferentes períodos de tempo

(por exemplo, várias semanas ou em anos), verificando a estabilidade das medidas de avaliação.

Finalmente, cabe apontar algumas limitações deste estudo. Um ponto que pode ter influenciado os resultados é a diferença no tamanho da amostra considerando-se o sexo, com mais meninas (68,3%) do que meninos e também mais mães (69%) do que pais que devolveram o questionário preenchido na coleta de dados. Além disso, a amostra foi coletada apenas no Estado do Rio Grande do Sul, o que acarreta na impossibilidade de generalizar os resultados para outros estados do país. No entanto, de forma geral, os resultados apontam que os instrumentos analisados apresentam condições adequadas de medidas cognitivas e afetivas de bem-estar para uso no Brasil tanto para os adolescentes quanto para seus pais, levando-se em consideração ressalvas quanto a alguns itens mencionados nesse estudo.

CAPÍTULO III

Estudo 2. O bem-estar de pais e filhos adolescentes: diferenças e semelhanças

Introdução

Pesquisas atuais realizadas em diversos países vêm buscando compreender a relação entre o bem-estar subjetivo e variáveis como a idade e o sexo durante a adolescência por meio de diferentes instrumentos (Casas et al., 2012a; Tomyne & Cummins, 2011). Uma pesquisa realizada por Casas, Tiliouine e Figuer (2013), por exemplo, verificou o funcionamento do *Personal Wellbeing Index* (PWI – Cummins, Eckersley, Pallant, Van Vugt, & Misajon, 2003) incluindo itens sobre a satisfação com o uso do tempo, com a vida sentimental, com a família, e com o corpo em uma amostra de adolescentes da Argélia e da Espanha. Os autores encontraram que a idade apresenta uma relação negativa com o PWI nos dois países, enquanto que o sexo não mostra qualquer relação significativa em ambos os países.

Outro estudo, realizado por Tomyne e Cummins (2011), sobre o bem-estar de adolescentes australianos, encontrou resultados que apontaram escores significativamente ($t(336) = -3.240; p < 0,001$) mais altos para meninas ($M = 76,30$) do que para meninos ($M = 71,45$) para o PWI. Além disso, os autores verificaram que, com relação à idade, os escores de bem-estar subjetivo diminuem significativamente dos 12 aos 16 anos de idade. Casas, Baltatescu, Bertrán, González e Hatos (2012a) testaram diferentes indicadores para a mensuração da satisfação escolar e sua relação com a satisfação global com a vida e com o bem-estar subjetivo com adolescentes da Romênia e da Espanha. Os resultados mostraram diferenças significativas entre sexo, com médias mais altas para as meninas considerando-se os itens de satisfação escolar. No entanto, nesse mesmo estudo, não houve diferenças significativas entre meninos e meninas para a satisfação global com a vida.

Gadermann, Schonert-Reichl e Zumbo (2010) mediram as diferenças entre a SWLS considerando o sexo, a língua materna e a série escolar em crianças canadenses de 9 a 14 anos de idade. Os resultados não apontam diferenças significativas para sexo, mas sim para língua materna e série escolar, sendo as crianças com língua materna diferente de inglês com médias mais altas de satisfação, e uma pequena diminuição da satisfação com a vida ao aumentar a série escolar. Apesar de apresentar pequeno tamanho de efeito, estes achados são significativos.

A autopercepção infantil sobre o bem-estar subjetivo foi investigada por Giacomoni (2002), que também identificou as diferenças da satisfação de vida global

para sexo e idade em crianças brasileiras de idade escolar. A autora não encontrou diferenças significativas para o sexo quanto à satisfação de vida global. Contudo, nesse estudo, houve diferença significativa para a idade, com diminuição da satisfação de vida global ao aumentar a idade, e também verificou-se que as crianças estudantes de escolas públicas apresentaram média mais baixa do que as de escolas privadas.

Chaplin (2009) realizou uma investigação empírica para responder à pergunta, “o que torna as crianças e os adolescentes felizes?”. O estudo foi realizado com 300 adolescentes americanos com idades entre 8 e 18 anos. Utilizando diferentes medidas de felicidade, foram encontradas diferenças por idade e sexo com relação ao que as crianças e adolescentes percebem fazê-los felizes. Um dos resultados foi que os meninos reportaram a importância de esportes com mais frequência que as meninas. Já as meninas, reportaram com mais frequência a importância das relações interpessoais.

Casas et al. (2012b) fornecem uma reflexão semelhante com relação à redução das médias em duas versões do PWI com a idade para amostras de adolescentes do Brasil, Chile e Espanha. Em outro estudo, Casas et al. (2012c) encontraram que o bem-estar também tende a decrescer com a idade para três medidas de bem-estar em adolescentes.

No que diz respeito a diferenças de bem-estar por sexo e idade em adultos, um estudo comparou a satisfação global com a vida, entre as medidas de bem-estar, e os resultados apontam que não houve diferenças significativas por idade. No entanto, com relação às diferenças por sexo, os homens obtiveram média maior do que a das mulheres para a medida de satisfação com a vida (Ryff, 1989).

Com relação a comparação entre o bem-estar de pais e filhos adolescentes, um estudo de Casas, Coenders, González, Malo, Bertrán e Figuer (2012d) utilizou diversas medidas para avaliar o bem-estar de adolescentes e seus pais. Os autores verificaram médias significativamente mais altas para os adolescentes do que para seus pais considerando escalas de bem-estar subjetivo. No estudo de Tomyne e Cummins (2011) os autores também verificaram diferenças entre o bem-estar de adolescentes e adultos australianos, mas não encontraram diferenças significativas considerando-se as médias do PWI.

No sentido de contribuir para esse debate através de evidências empíricas com relação a diferenças do bem-estar com o uso de diferentes medidas de avaliação, este estudo tem por objetivo geral apresentar o bem-estar subjetivo de pais e de seus filhos adolescentes. Especificamente, este estudo descreve o bem-estar encontrado na amostra por meio de estatísticas descritivas; analisa possíveis diferenças do bem-estar entre pais e filhos; e compara o bem-estar por idade, sexo e classe social dos adolescentes e de seus pais, separadamente.

Método

Este estudo é delineado de forma exploratória e quantitativa. Neste estudo são apresentados dados acerca do bem-estar dos adolescentes e seus respectivos pais.

Participantes

Os participantes deste estudo compreendem 543 adolescentes, entre 12 a 16 anos ($M = 14,13$; $DP = 1,26$), e seus respectivos pais, com idades entre 27 a 70 anos, com média de 43,84 ($DP = 6,56$). A frequência de participantes por idade e sexo pode ser verificada na Tabela 14. Os adolescentes são alunos das turmas da sétima e oitava séries do ensino fundamental e primeiro e segundo ano do ensino médio, provenientes de escolas públicas (54,6%) e privadas (45,4%) da capital e de três cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Considerando-se a amostra de adolescentes, 31,7% são meninos e 68,3% são meninas. Com relação aos pais, 69,4% são mães, 20,3% pais, 8,1% mães e pais juntos e 2,2% outros membros da família. A classe social assinalada pela maioria dos adolescentes foi classe média com 80,9%. Para os pais, a classe social apontada pela maioria também foi a classe média com 91,5%.

Tabela 14

Frequências dos participantes por idade e sexo

	Idade	Meninos	Meninas	Total
Adolescentes	12	22 (4,1%)	54 (9,9%)	76 (14,0%)
	13	45 (8,3%)	78 (14,4%)	123 (22,7%)
	14	34 (6,3%)	91 (16,8%)	125 (23,0%)
	15	36 (6,6%)	88 (16,2%)	124 (22,8%)
	16	35 (6,4%)	60 (11,0%)	95 (17,5%)
Pai		43 (7,9%)	67 (12,3%)	110 (20,3%)
Mãe		110 (20,3%)	267 (49,2%)	377 (69,4%)
Pai e mãe juntos		18 (3,3%)	26 (4,8%)	44 (8,1%)
Outros		1 (0,2%)	11 (2,0%)	12 (2,2%)
Total		172 (31,7%)	371 (68,3%)	543 (100%)

Instrumentos

O questionário aplicado aos participantes foi composto por três escalas com múltiplos itens (PWI, SWLS e BMSLSS) e três escalas de único item (duas de felicidade e uma de satisfação global com a vida), além de conter variáveis sociodemográficas como idade, sexo e classe social no questionário dos adolescentes e acrescentados aos dos pais informações sobre quem respondeu ao questionário (pai, mãe, ambos ou outro). As escalas foram adaptadas para forma de escala de 0 (menor intensidade) a 10 (maior intensidade) para facilitar a compreensão dos adolescentes (Casas et al., 2012b). Os instrumentos dos adolescentes e dos pais estão apresentados em anexo (Anexo A e Anexo B, respectivamente).

Personal Wellbeing Index (PWI)

O *Personal Wellbeing Index* (Índice de Bem-estar Pessoal) foi desenvolvido por Cummins, Eckersley, Pallant, Van Vugt e Misajon (2003) e avalia a satisfação de sete domínios referentes à satisfação com a saúde, com o nível de vida, com as coisas que tem conseguido, com a segurança, com a segurança sobre o futuro, com as relações com outras pessoas e com os grupos dos quais faz parte (na versão original este último item refere-se à satisfação com o sentimento de pertença à comunidade, mas foi adaptado para “grupos dos quais faz parte” por ser melhor compreendido pelos adolescentes, conforme estudo de Casas et al., 2012b). Originalmente os valores iam de uma escala de um a sete, variando de *totalmente insatisfeito* (1) a *totalmente satisfeito* (7). No entanto, para este estudo a escala foi adaptada para uma escala de 11 pontos, variando de *completamente insatisfeito* (0) a *completamente satisfeito* (10), seguindo a adaptação realizada por Casa et al. (2012b). Estudos anteriores apontam boa consistência interna para a escala, com um alfa de Cronbach de 0,78 para uma amostra de adolescentes brasileiros (Sarriera, Abs, Casas, & Bedin, 2012a). Outro estudo apresentou um alfa de 0,73 para uma amostra australiana e 0,80 para outra chinesa (Lau, Cummins, & McPherson, 2005). Com relação à validade de convergência, o PWI apresentou alta correlação positiva com o item único de satisfação com a vida ($r = 0,58; p < 0,001$) em um estudo realizado por Casas et al. (2012b).

Satisfaction With Life Scale (SWLS)

A Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) tem cinco itens em sua versão original, com uma escala que varia de 1 a 7, com os extremos descritos como “*não, de nenhuma maneira*” (1) a “*sim, completamente*” (7). Para este estudo, a escala também foi adaptada para uma escala de 11 pontos, variando de 0 (*não, de nenhuma forma*) a 10 (*sim, completamente*). Os itens avaliam a satisfação com a vida, com as condições em que se vive, com os ideais de vida, com as coisas que se conseguiu na vida e o último

item, que pergunta aos adolescentes se mudariam muitas coisas de sua vida se nascessem de novo (a tradução literal da versão original deste último é “se eu pudesse viver minha vida novamente, eu não mudaria quase nada”, mas foi adaptado para “mudaria muitas coisas” por ser melhor compreendido pelos adolescentes, conforme estudo de Casas et al., 2012c). Em um estudo de Diener et al. (1985) a SWLS apresentou correlação positiva com a extroversão e correlação negativa com neuroticismo (Diener et al., 1985). Um estudo de Sarriera et al. (2012b) apresentou boa consistência interna, com alfa de Cronbach de 0,77 para uma amostra de adolescentes argentinos e 0,82 para adolescentes brasileiros.

Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS)

Versão abreviada da Escala de satisfação com a vida de estudantes elaborada por Seligson, Huebner e Valois (2003). Originalmente, a BMSLSS é uma medida de seis itens cuja soma dos resultados dos sujeitos fornece um escore de satisfação geral com a vida. Os itens são referentes à satisfação com a família, com os amigos, com a experiência escolar, consigo mesmo, com o lugar aonde vive e com a vida globalmente. No questionário dos pais o item referente à satisfação com a experiência escolar foi substituído por experiência de trabalho. A escala varia de *péssima* (0) a *formidável* (10). Em estudo de confiabilidade e validade da BMSLSS, Benjamin et al. (2006) obtiveram um alfa de 0,75. A validade concorrente tem sido explorada por meio de associações com outras medidas de satisfação de vida. Sarriera et al. (2012b) verificaram que a BMSLSS se correlaciona significativamente com o PWI ($r = 0,66$) e com a SWLS ($r = 0,69$).

Escala de Felicidade (HM) e Felicidade global com a vida (HOL)

A “*Happiness Measures*”, de Fordyce (1988), consiste em dois questionários que medem bem-estar emocional, uma escala de felicidade/infelicidade de 11 pontos, variando de *Completamente infeliz* (0) a *Completamente feliz* (10); e outra que categoriza sua porcentagem de tempo “feliz”, “infeliz” e “neutro”, com as três estimativas tendo de somar 100%.

Para esta pesquisa, foram utilizados dois itens. O primeiro item, chamado de *Happiness Measures* (HM – medida de felicidade) pergunta “*Em geral, o quão feliz ou infeliz você costuma se sentir?*” e a resposta é marcada em uma escala de 0 a 10 pontos, variando de *completamente feliz* (10) a *completamente infeliz* (0), sendo que todos os valores recebem uma descrição. O segundo item, o *Happiness Overall Life* (HOL – felicidade global com a vida) considera a vida em geral, e pergunta “*Considerando a sua vida no seu conjunto, você poderia afirmar que se sente*”, e a opção de resposta também é marcada em uma escala de 0 a

10 pontos, variando de *extremamente infeliz* (0) a *extremamente feliz* (10), sendo que apenas os valores extremos recebem descrição.

Fordyce (1988) relata os coeficientes de teste/re-teste de 0,98 (n = 111) por um período de dois dias; 0,86 (n = 105) a 0,88 (n = 58) para duas semanas; 0,81 (n = 57) por um mês; e 0,62 (n = 71) e 0,67 (n = 27) por dois meses ($p < 0,001$ em cada caso). É um instrumento simples e suas evidências quanto à caracterização da felicidade geral e da saúde mental global dos indivíduos são consideráveis. Estudos examinaram a convergência com outras escalas de felicidade, sua habilidade de discriminar grupos felizes de infelizes, e sua associação com características de saúde mental. Aparentemente, as respostas apresentam poucas diferenças no que diz respeito a sexo, idade e diferenças raciais. Seu estudo aponta dados correlacionando a HM com diversas escalas, apresentando correlações negativas significativas para depressão ($r = -0,80$; $p < 0,01$), ansiedade ($r = -0,63$; $p < 0,01$) e hostilidade ($r = -0,53$; $p < 0,01$), apresentado validade discriminante. Da mesma forma, o autor oferece dados de validade convergente ao referir correlações significativas da HM com diversas escalas e índices de bem-estar (variando de $r = 0,43$ a $0,73$; $p < 0,01$).

Overall Life Satisfaction (OLS)

Consiste em um item único de satisfação global com a vida (OLS), no qual os participantes respondem à pergunta: *Atualmente, até que ponto você está satisfeito com toda a sua vida, considerada globalmente?* A importância de usar um item único na avaliação do bem-estar subjetivo foi enfatizada por Campbell, Converse e Rodgers (1976). Para essa pesquisa, a resposta pode ser marcada em uma escala que varia de *completamente insatisfeito* (0) a *completamente satisfeito* (10).

Procedimentos

Os dados foram coletados em escolas que foram sorteadas a partir da lista fornecida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e que autorizaram a realização da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Instituição (Anexo C) pelo diretor ou representante da escola. Após a autorização, em cada escola foram sorteadas uma turma de cada série da sétima e oitava série do ensino fundamental e da primeira e segunda série do ensino médio, totalizando quatro turmas por escola. Decidiu-se juntamente com o representante da escola o melhor horário para aplicação dos questionários, e foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D) para que os alunos levassem para casa e pedissem a autorização de seus pais para a participação na pesquisa.

A aplicação dos questionários foi realizada por dois pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária e teve duração aproximada de 45 minutos de forma coletiva, em sala de aula. Participaram da aplicação apenas os adolescentes que trouxeram os Termos de Consentimento assinados por eles e por seus pais ou responsáveis. Antes do início da aplicação, foi reiterado que os participantes tinham plena liberdade de realizar a pesquisa, podendo desistir de sua participação a qualquer momento sem nenhuma consequência.

Durante a coleta de dados dos adolescentes, foram distribuídos envelopes selados contendo os questionários para serem entregues aos pais e respondidos por eles, sendo que esses questionários tinham um código identificador igual ao do adolescente, o que possibilitou a comparação pareada de dados. Foi combinado que os questionários dos pais deveriam ser devolvidos após uma semana à direção da escola, lacrados com a fita dupla-face contida nos envelopes, garantindo-se também o sigilo dos dados dos pais ou responsáveis.

Análises dos Dados

Conforme os objetivos propostos, são conduzidas análises estatísticas descritivas e inferenciais. As análises descritivas estão compostas pelas médias e desvios-padrão dos itens das escalas de bem-estar. Também são realizadas comparações de médias com o uso do *Test-t* para amostras pareadas. Posteriormente, são realizadas Análises Multivariadas de Variância (MANOVA) e Análises de Variância (ANOVA) para explorar as diferenças entre o bem-estar considerando-se a idade, o sexo e classe social para a amostra de adolescentes e também para a amostra de pais, separadamente.

Resultados

Inicialmente são apresentadas estatísticas descritivas para as médias dos itens de cada escala (PWI, SWLS e BMSLSS) e para os três itens únicos de felicidade e satisfação geral com a vida, considerando-se a amostra de adolescentes por idade e sexo e a amostra de pais por quem respondeu o questionário (mãe ou pai). Também é apresentada a média para o último item da SWLS, apesar deste item ter apresentado problemas de funcionamento, conforme já verificado no primeiro estudo. Para as análises a seguir são utilizados apenas os dados dos pais ou mães que responderam individualmente, o que representa aproximadamente 90% da amostra, totalizando 487 adolescentes e seus respectivos pais.

Diferenças entre as médias dos adolescentes e seus pais

Na Tabela 15 são apontadas as médias e desvios-padrão para cada item por sexo e para as médias totais dos adolescentes e dos pais. Além disso, é possível verificar se há diferenças

significativas entre as médias totais de adolescentes e seus pais para cada item (marcado com asterisco ao lado direito do tamanho do efeito). Pode-se observar o tamanho do efeito entre as médias, que foi calculado a partir do d de Cohen (Cohen, 1988) para teste t , considerando-se que as amostras são pareadas, por meio da diferença absoluta entre as médias de adolescentes e pais dividido pelo desvio-padrão das diferenças entre os grupos. Pelas definições convencionais, considera-se que um tamanho de efeito de 0,20 é pequeno, de 0,50 é moderado e a partir de 0,80 é considerado alto (Cohen, 1988).

Tabela 15

Comparação de médias totais dos adolescentes e dos pais para cada item das escalas e tamanho do efeito a partir do d de Cohen

	Meninos <i>M (DP)</i>	Meninas <i>M (DP)</i>	Total Adol. <i>M (DP)</i>	Pais <i>M (DP)</i>	Mães <i>M (DP)</i>	Total Pais <i>M (DP)</i>	Tamanho do Efeito (d de Cohen)
PWI							
Saúde	8,59 (1,40)	8,45 (1,47)	8,49 (1,45)	7,96 (1,82)	7,48 (2,39)	7,59 (2,28)	0,34**
Nível de vida	8,45 (1,61)	8,36 (1,56)	8,39 (1,58)	7,56 (1,89)	6,98 (2,28)	7,11 (2,21)	0,50**
Coisas que conseguiu	8,21 (1,65)	8,09 (1,67)	8,13 (1,66)	7,99 (1,77)	7,66 (2,00)	7,73 (1,95)	0,16**
Segurança	7,77 (1,94)	7,48 (1,97)	7,57 (1,97)	6,91 (2,10)	6,57 (2,38)	6,64 (2,32)	0,32**
Grupos dos quais faz parte	8,80 (1,58)	8,78 (1,66)	8,79 (1,63)	7,41 (1,59)	7,49 (2,05)	7,47 (1,96)	0,51**
Segurança sobre o futuro	8,06 (1,54)	7,74 (2,03)	7,84 (1,89)	6,94 (2,21)	6,33 (2,45)	6,46 (2,41)	0,46**
Relações com outras pessoas	8,64 (1,57)	8,35 (1,74)	8,44 (1,69)	7,66 (1,38)	7,70 (1,84)	7,69 (1,75)	0,32**
SWLS							
A minha vida corresponde ao que desejo	6,82 (1,87)	6,41 (2,22)	6,54 (2,12)	7,25 (1,51)	6,64 (2,08)	6,78 (1,98)	0,08
As condições em que vivo são boas	8,78 (1,32)	8,20 (1,75)	8,39 (1,65)	7,75 (1,42)	7,43 (1,79)	7,50 (1,72)	0,44**
Estou satisfeito com a vida	8,42 (1,83)	7,90 (1,98)	8,06 (1,95)	7,82 (1,53)	7,20 (2,03)	7,34 (1,94)	0,27**
Consegui coisas importantes	8,23 (1,76)	7,98 (1,87)	8,06 (1,84)	8,06 (1,48)	7,79 (1,97)	7,85 (1,88)	0,08
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	5,18 (3,53)	5,23 (3,45)	5,21 (3,47)	5,07 (3,21)	5,76 (3,16)	5,60 (3,18)	0,09*
BMSLSS							
Família	8,29 (1,85)	8,20 (1,77)	8,23 (1,79)	8,78 (1,20)	8,45 (1,42)	8,53 (1,38)	0,15**
Amigos	8,13 (1,81)	8,23 (1,84)	8,20 (1,83)	7,72 (1,43)	7,71 (1,45)	7,71 (1,44)	0,23**
Experiência de estudante/ trabalhador	7,50 (2,01)	7,75 (1,74)	7,68 (1,83)	7,54 (1,41)	7,13 (2,08)	7,22 (1,95)	0,17**
Comigo mesmo	8,23 (1,77)	8,06 (1,80)	8,11 (1,79)	8,05 (1,34)	7,77 (1,58)	7,84 (1,53)	0,12**
Lugar onde vivo	8,45 (1,86)	7,99 (2,11)	8,14 (2,05)	7,77 (1,48)	7,74 (1,90)	7,75 (1,81)	0,16**
Minha vida globalmente	7,71 (1,87)	7,53 (1,82)	7,59 (1,84)	7,68 (1,47)	7,41 (1,66)	7,47 (1,62)	0,05
OLS							
HM de Fordyce	8,36 (1,62)	8,08 (1,75)	8,17 (1,71)	7,85 (1,44)	7,37 (2,08)	7,48 (1,96)	0,28**
HOL	8,20 (1,34)	7,74 (1,72)	7,89 (1,62)	7,35 (1,27)	7,01 (1,67)	7,08 (1,59)	0,37**
HOL							
	8,26 (1,79)	7,94 (1,85)	8,04 (1,84)	7,97 (1,40)	7,88 (1,59)	7,90 (1,55)	0,06

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$ para diferenças entre as médias totais de adolescentes e pais (grafadas em negrito)

Conforme se observa na Tabela 15, as médias dos adolescentes são significativamente mais altas que as médias dos pais para todos os itens do PWI, com tamanhos de efeito variando desde 0,16 para “coisas que conseguiu” até 0,51 para “grupos dos quais faz parte”. Os itens “segurança” e “segurança sobre o futuro” são os que apresentam menores médias tanto para os adolescentes como para seus pais. Já as médias mais altas para os itens do PWI diferem entre os grupos, sendo “grupos dos quais faz parte” a mais alta para os adolescentes e “coisas que conseguiu” a mais alta para os pais.

Com relação aos itens da SWLS, observam-se diferenças significativas com médias mais altas para os adolescentes nos itens “as condições em que vivo são boas” com tamanho de efeito de 0,44 e “estou satisfeito com a vida” com tamanho de efeito de 0,27. O item “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” apresenta média mais alta para os pais, com um tamanho de efeito considerado pequeno de 0,09. Os itens “consegui coisas importantes” e “a minha vida corresponde ao que desejo” não apresentam diferenças significativas entre os adolescentes e seus pais.

Com exceção do item “minha vida globalmente”, há diferenças significativas entre as médias de todos os itens da BMSLSS, apesar de terem tamanhos de efeito considerados pequenos (entre 0,12 a 0,23). Os pais apresentaram média mais alta no item “família”, e os adolescentes, médias mais altas em todos os demais itens. A média mais baixa para os adolescentes foi para o item “minha vida globalmente” enquanto que para os pais foi para o item “minha experiência de trabalhador”.

Com relação aos três itens únicos de satisfação geral com a vida e felicidade, tanto o item de satisfação global com a vida (OLS – *Overall Life Satisfaction*) como o item de medida de felicidade (HM – *Happiness Measure*) de Fordyce apresentam médias significativamente mais altas para os adolescentes, com tamanho de efeito de 0,28 e 0,37, respectivamente. Já o item de felicidade global (HOL) também teve médias mais altas para os adolescentes, porém não chegaram a alcançar diferenças significativas.

Diferenças entre médias de bem-estar dos adolescentes por idade, sexo e classe social

Para verificar as diferenças entre as médias do bem-estar dos adolescentes considerando-se idade, sexo e classe social, foram realizadas Análises Multivariadas de Variância (MANOVA) e Análises de Variância (ANOVA) para a amostra de adolescentes. Cabe apontar que a variável classe social tem originalmente sete níveis, mas que devido a distribuição dos participantes estar muito dispersa (muito baixa = 0,2%, baixa = 0,8%, média baixa = 10,5%, média = 42,1%, média alta = 37,8%, alta = 7,0%, muito alta = 1,6%), esta

variável foi recodificada, agrupando-se os adolescentes em três níveis de classe social: média baixa (que inclui os participantes de muito baixa, baixa e média baixa, com total de 11,5%), média (os mesmos 42,1%) e média alta (que inclui os participantes de média alta, alta e muito alta, com 46,4%).

Foram consideradas como variáveis dependentes da MANOVA as médias das escalas PWI, SWLS (sem o último item) e BMSLSS, além dos três itens únicos de satisfação geral com a vida e felicidade (OLS, HM, HOL), considerando-se que estas variáveis podem representar o constructo do bem-estar, além de apresentarem correlações positivas e significativas entre elas, com correlações a partir de 0,389, conforme se pode observar na Tabela 16. As variáveis independentes foram a idade, o sexo e a classe social.

Tabela 16

Correlações entre o PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL para a amostra de adolescentes

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. PWI	1					
2. SWLS	0,584**	1				
3. BMSLSS	0,588**	0,661**	1			
4. OLS	0,460**	0,515**	0,481**	1		
5. HM	0,416**	0,555**	0,525**	0,399**	1	
6. HOL	0,458**	0,604**	0,637**	0,389**	0,589**	1

** $p < 0,01$.

A MANOVA foi realizada utilizando-se as variáveis independentes idade, sexo e classe social e como variáveis dependentes as médias das três escalas (PWI, SWLS e BMSLSS) e os itens OLS, HM e HOL. Estes, analisados em conjunto como uma variável estatística, mostram efeitos principais significativos considerando-se o sexo ($p = 0,008$) e a classe social ($p = 0,001$) dos adolescentes, e não alcançando diferenças significativas para a idade e para as interações entre as três variáveis independentes (Tabela 17).

Tabela 17

MANOVA por idade, sexo e classe social para a amostra de adolescentes

	<i>Lambda de Wilks^a</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>Erro gl</i>	<i>Sig.</i>
Idade	0,938	1,220	24,00	1581,54	0,212
Sexo	0,963	2,937	6,00	453,00	0,008
Classe social	0,928	2,891^b	12,00	906,00	0,001
Idade * sexo	0,935	1,289	24,00	1581,54	0,158
Idade * classe social	0,896	1,055	48,00	2233,01	0,372
Sexo * classe social	0,970	1,139	12,00	906,00	0,324
Idade * sexo * classe social	0,936	0,722	42,00	2128,21	0,909

^aVariáveis dependentes: PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL^bProva de Bonferroni para classe social: média baixa < média < média alta

Desdobrando a análise multivariada, ao analisar de forma univariada cada variável dependente por separado com o uso da ANOVA, percebe-se que as variáveis SWLS, HM e HOL são as que contribuem para a diferença por sexo. Já nas diferenças por classe social, as variáveis são PWI, SWLS e BMSLSS. Também se observa que o HOL é a variável que de forma univariada se mostra capaz de diferenciar significativamente a interação entre o sexo e a classe social (sexo*classe social). Assim como na análise multivariada, nas análises univariadas não há diferenças significativas considerando-se a idade dos adolescentes para nenhuma das variáveis dependentes, conforme se pode verificar na Tabela 18.

Tabela 18

ANOVA por idade, sexo e classe social para a amostra de adolescentes

	Variável Dependente	Soma dos quadrados	<i>gl</i>	Média quadrada	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Idade	PWI	855,871	4	213,968	1,828	0,122
	SWLS	1229,434	4	307,359	1,502	0,200
	BMSLSS	597,594	4	149,398	0,992	0,411
	OLS	0,708	4	0,177	0,061	0,993
	HM	2,742	4	0,685	0,267	0,899
	HOL	13,053	4	3,263	0,997	0,409
Sexo	PWI	187,184	1	187,184	1,599	0,207
	SWLS	1114,928	1	1114,928	5,450	0,020
	BMSLSS	2,242	1	2,242	0,015	0,903
	OLS	4,712	1	4,712	1,635	0,202
	HM	20,026	1	20,026	7,798	0,005
	HOL	22,951	1	22,951	7,015	0,008

Classe social	PWI	1098,067	2	549,034	4,690	0,010
	SWLS	5286,426	2	2643,213	12,921	0,000
	BMSLSS	2792,909	2	1396,454	9,274	0,000
	OLS	13,110	2	6,555	2,274	0,104
	HM	12,397	2	6,199	2,414	0,091
	HOL	15,670	2	7,835	2,395	0,092
Idade * sexo	PWI	847,410	4	211,852	1,810	0,126
	SWLS	259,039	4	64,760	0,317	0,867
	BMSLSS	650,695	4	162,674	1,080	0,366
	OLS	18,992	4	4,748	1,647	0,161
	HM	10,593	4	2,648	1,031	0,391
	HOL	11,753	4	2,938	0,898	0,465
Idade * classe social	PWI	1632,466	8	204,058	1,743	0,086
	SWLS	2208,900	8	276,113	1,350	0,217
	BMSLSS	1391,778	8	173,972	1,155	0,325
	OLS	9,426	8	1,178	0,409	0,916
	HM	6,880	8	0,860	0,335	0,952
	HOL	15,361	8	1,920	0,587	0,789
Sexo * classe social	PWI	112,453	2	56,227	0,480	0,619
	SWLS	232,947	2	116,473	0,569	0,566
	BMSLSS	1,675	2	0,837	0,006	0,994
	OLS	5,427	2	2,714	0,941	0,391
	HM	7,487	2	3,744	1,458	0,234
	HOL	21,084	2	10,542	3,222	0,041
Idade * sexo * classe social	PWI	777,915	7	111,131	0,949	0,468
	SWLS	612,983	7	87,569	0,428	0,885
	BMSLSS	1088,409	7	155,487	1,033	0,407
	OLS	21,128	7	3,018	1,047	0,397
	HM	15,130	7	2,161	0,842	0,553
	HOL	20,720	7	2,960	0,905	0,502

Para facilitar a visualização das diferenças significativas entre as médias apontadas, são apresentados a seguir três gráficos com as diferenças por sexo. O primeiro gráfico apresenta as médias da SWLS convertida em uma escala de 0 a 100 pontos para os meninos e meninas. Além das médias, também se pode observar as barras de erro contendo os intervalos de confiança de 95% das médias. As médias dos meninos ($M = 80,62$; $DP = 13,01$) são significativamente ($p = 0,02$) mais altas que as médias das meninas ($M = 76,20$; $DP = 15,65$) para a SWLS (Figura 9).

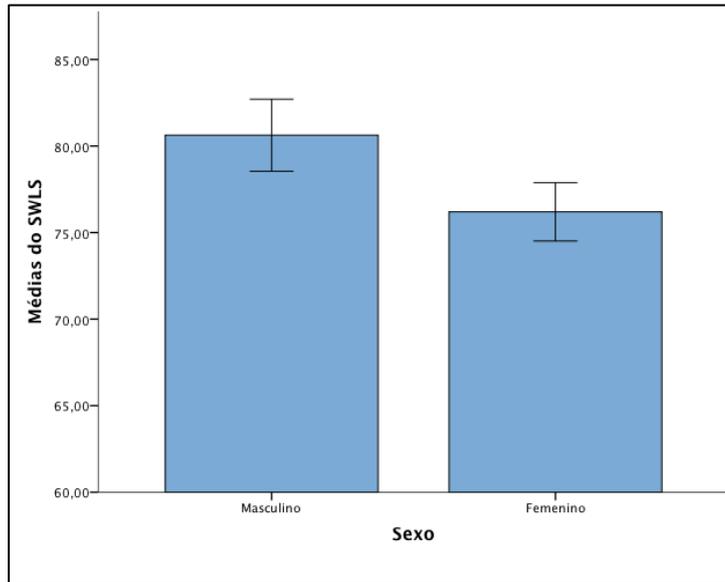


Figura 9. Gráfico de diferença de médias da SWLS por sexo para os adolescentes.

O segundo gráfico apresenta as médias do item HM para os meninos e meninas. Também se observa as barras de erro contendo os intervalos de confiança de 95% das médias. As médias dos meninos ($M = 8,20$; $DP = 1,34$) são significativamente ($p = 0,005$) mais altas que as médias das meninas ($M = 7,74$; $DP = 1,72$) para a HM (Figura 10).

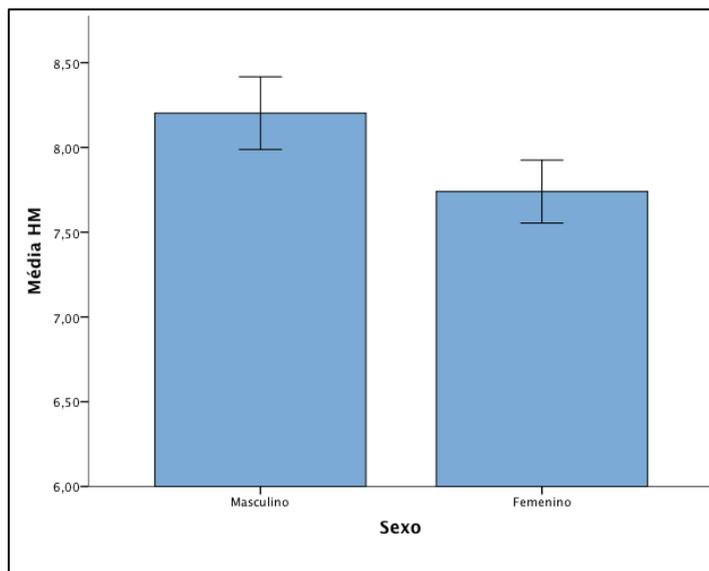


Figura 10. Gráfico de diferença de médias do item HM por sexo para os adolescentes.

O terceiro gráfico referente às diferenças por sexo apresenta as médias do item HOL para os meninos e meninas com as barras de erro contendo os intervalos de confiança de 95% das médias. As médias dos meninos ($M = 8,26$; $DP = 1,79$) também são significativamente (p

= 0,008) mais altas que as médias das meninas ($M = 7,94$; $DP = 1,85$) para a HOL (Figura 11).

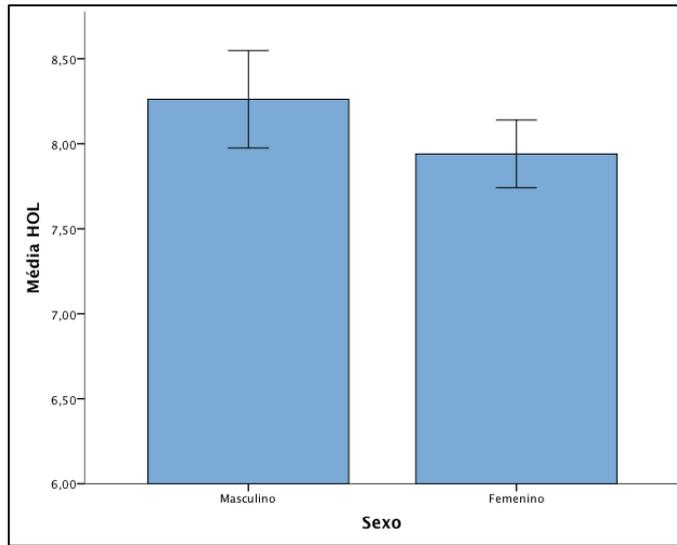


Figura 11. Gráfico de diferença de médias do item HOL por sexo para os adolescentes.

Com relação às diferenças por classe social, também são apresentados três gráficos com as diferenças de médias para o PWI, SWLS, BMSLSS por classe social, contendo as barras de erro com os intervalos de confiança de 95% das médias. Os três gráficos apresentam as médias das escalas convertidas em uma escala de 0 a 100 pontos.

O primeiro gráfico referente às diferenças por classe social apresenta as médias do PWI para as três classes sociais. Há diferenças significativas ($p = 0,01$) entre as classes sociais média baixa ($M = 77,22$; $DP = 13,94$), média ($M = 81,61$; $DP = 10,85$) e média alta ($M = 84,19$; $DP = 10,09$) (Figura 12). Foram realizados testes *post hoc* para verificar as diferenças entre os três níveis de classes sociais com relação ao PWI, e por meio da prova de Bonferroni verificou-se que há diferenças significativas entre as médias da classe média baixa e da classe média ($p = 0,02$), assim como entre as médias da classe média baixa e da classe média alta ($p < 0,01$) e também entre a classe média e a média alta ($p = 0,04$), sendo que a média da classe média baixa é menor que a da classe média e a da classe média é menor que a da classe média alta.

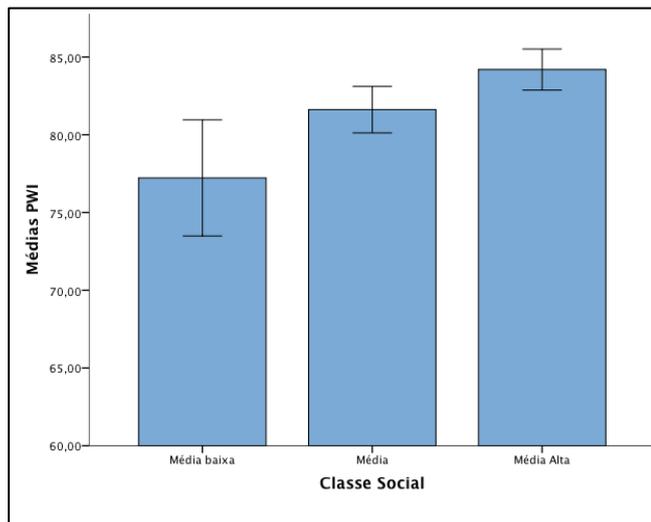


Figura 12. Gráfico de diferença de médias do PWI por classe social para os adolescentes.

O segundo gráfico referente às diferenças por classe social apresenta as médias da SWLS para as três classes sociais. Há diferenças significativas ($p < 0,001$) entre as classes sociais média baixa ($M = 65,95$; $DP = 18,54$), média ($M = 76,81$; $DP = 15,14$) e média alta ($M = 81,17$; $DP = 12,12$) dos adolescentes (Figura 13).

Foram realizados testes *post hoc* para verificar as diferenças entre os níveis de classes sociais com relação à SWLS, e por meio da prova de Bonferroni verificou-se que há diferenças significativas entre as médias da classe média baixa e a classe média ($p < 0,01$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,01$) e também entre a classe média e a média alta ($p < 0,01$), sendo a classe média baixa menor que a média e a média menor que a média alta.

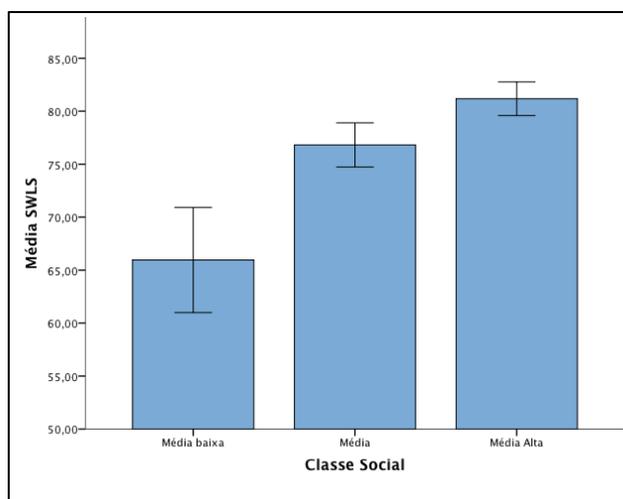


Figura 13. Gráfico de diferença de médias da SWLS por classe social para os adolescentes.

O terceiro gráfico referente às diferenças por classe social apresenta as médias da BMSLSS para as três classes sociais. Há diferenças significativas ($p < 0,001$) entre as classes sociais média baixa ($M = 72,35$; $DP = 15,62$), média ($M = 79,60$; $DP = 12,89$) e média alta ($M = 82,02$; $DP = 10,52$) dos adolescentes (Figura 14).

Também foram realizados testes *post hoc* por meio da prova de Bonferroni para verificar as diferenças entre os níveis de classes sociais com relação ao BMSLSS, e verificou-se que há diferenças significativas entre as médias da classe média baixa e a classe média ($p < 0,01$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,01$). No entanto, não há diferenças significativas ente a classe média e a média alta ($p = 0,123$). Desse modo, a média da classe média baixa é menor que ambas as médias das classes média e da média alta.

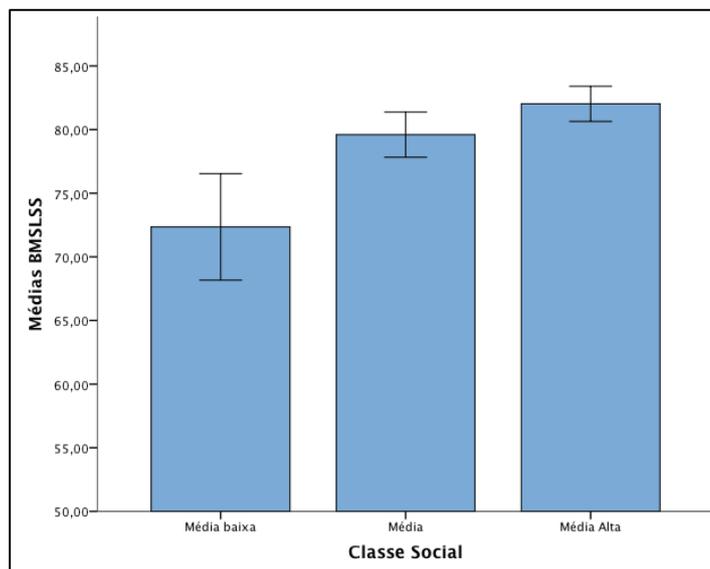


Figura 14. Gráfico de diferença de médias da BMSLSS por classe social para os adolescentes.

Considerando-se que houve diferença significativa para a interação entre o sexo e a classe social (Sexo*Classe social) para a variável HOL, também é apresentado um gráfico com as médias do HOL por sexo e classe social (Figura 15). As médias para os meninos são muito semelhantes tanto na classe social média baixa ($M = 8,23$; $DP = 1,42$), como na média ($M = 8,21$; $DP = 1,97$) e na média alta ($M = 8,30$; $DP = 1,74$). Já para as meninas, as médias são mais baixas para a classe média baixa ($M = 6,84$; $DP = 2,32$), e crescendo na classe média ($M = 7,89$; $DP = 1,94$) e média alta ($M = 8,33$; $DP = 1,42$). Também se observa que as médias dos meninos são mais altas do que as das meninas nas classes média baixa e média.

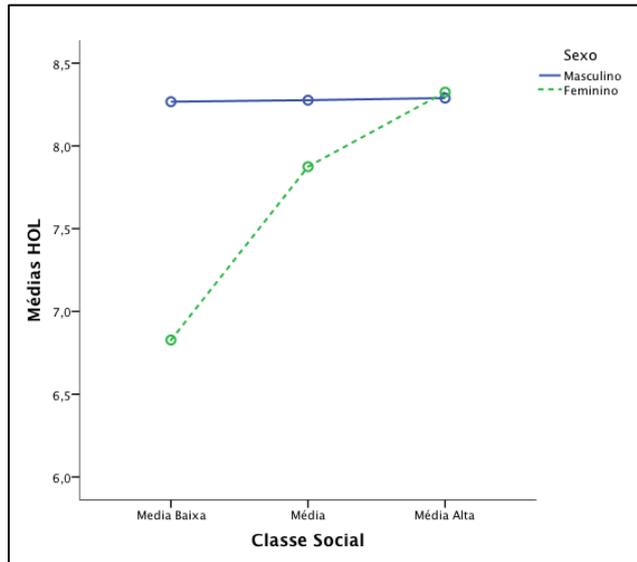


Figura 15. Gráfico de diferença de médias do HOL por sexo e classe social para os adolescentes.

As médias por idade dos adolescentes para o PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL são apresentadas na Tabela 19. Percebe-se que para a maior parte dessas medidas de bem-estar as médias tendem a diminuir com o aumento da idade. No entanto, conforme já descrito anteriormente, não foram encontradas diferenças significativas para as variáveis dependentes com relação à idade dos adolescentes.

Tabela 19

Médias do PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL por idade para a amostra de adolescentes

	Idade	Média	Desvio-padrão
PWI	12	84,83	11,99
	13	83,23	10,39
	14	81,46	12,01
	15	81,96	10,58
	16	80,53	10,45
SWLS	12	79,77	15,16
	13	77,64	14,87
	14	76,62	15,12
	15	77,02	15,24
	16	77,80	14,67
BMSLSS	12	80,96	13,10

	13	80,62	12,32
	14	78,94	13,41
	15	80,23	12,09
	16	78,80	11,80
	12	8,38	1,77
OLS	13	7,97	1,86
	14	8,39	1,52
	15	8,06	1,77
	16	8,09	1,56
	12	7,93	1,87
HM	13	8,13	1,49
	14	7,82	1,52
	15	7,63	1,76
	16	7,95	1,48
	12	8,15	2,11
HOL	13	8,12	1,87
	14	7,87	1,89
	15	8,17	1,66
	16	7,90	1,68

Diferenças entre médias de bem-estar dos pais por idade, sexo e classe social

Da mesma forma que para os adolescentes, também foram realizadas Análises Multivariadas de Variância (MANOVA) e Análises de Variância (ANOVA) para verificar as diferenças entre as médias do bem-estar dos pais considerando-se idade, sexo e classe social. Com relação à classe social, esta variável também foi recodificada para três níveis, sendo classe média baixa (28,7%), média (52,2%) e média alta (19,1%). Já com relação à idade, a distribuição dos pais foi entre 27 a 70 anos, com média de 43,84 ($DP = 6,56$), portanto, optou-se em agrupá-los em três grupos, o primeiro grupo com idades de 27 a 40 ($M = 36,14$; $DP = 3,14$), o segundo de 41 a 50 ($M = 44,99$; $DP = 2,66$) e o terceiro com idades acima de 51 ($M = 54,23$; $DP = 3,69$).

As variáveis dependentes da MANOVA foram as médias das escalas PWI, SWLS (sem o último item) e BMSLSS, e também os três itens únicos de satisfação geral com a vida e felicidade (OLS, HM, HOL), já que estas variáveis podem representar o constructo do bem-estar, e apresentam correlações positivas e significativas entre elas, sendo as correlações

acima de 0,508, conforme pode-se observar na Tabela 20. As variáveis independentes foram as variáveis recodificadas para idade, classe social, e sexo.

Tabela 20

Correlações entre o PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL para a amostra de pais

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. PWI	1					
2. SWLS	0,711**	1				
3. BMSLSS	0,569**	0,653**	1			
4. OLS	0,665**	0,678**	0,523**	1		
5. HM	0,517**	0,586**	0,508**	0,523**	1	
6. HOL	0,556**	0,607**	0,540**	0,511**	0,575**	1

** $p < 0,01$.

Considerando-se as seis variáveis dependentes da MANOVA (PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL), analisados em conjunto como uma variável estatística, percebem-se efeitos significativos com relação à classe social ($p < 0,001$) e à interação entre o sexo e a idade ($p = 0,041$) dos pais, não alcançando diferenças significativas para o sexo, a idade e as demais interações possíveis entre as variáveis independentes (Tabela 21).

Tabela 21

MANOVA por sexo e idade para a amostra de pais

	<i>Lambda de Wilks^a</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>Erro gl</i>	<i>Sig.</i>
Sexo	0,977	1,798	6,00	464,00	0,098
Classe social	0,903	4,042^b	12,00	928,00	0,000
Idade	0,985	0,582	12,00	928,00	0,858
Sexo * classe social	0,971	1,138	12,00	928,00	0,325
Sexo * idade	0,955	1,818	12,00	928,00	0,041
Classe social * idade	0,944	1,123	24,00	1619,91	0,308
Sexo* classe social * idade	0,952	0,966	24,00	1619,91	0,509

^aVariáveis dependentes: PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL

^bProva de Bonferroni para classe social: média baixa < média < média alta

Ao analisar de forma univariada cada variável dependente por separado com o uso da ANOVA, encontra-se que, mesmo não alcançando diferenças significativas na análise multivariada, as variáveis SWLS, OLS e HM apresentam diferenças significativas para o sexo dos pais (Tabela 22). Já com relação às diferenças por classe social, todas as variáveis dependentes apresentam diferenças significativas, com exceção do item OLS. Contudo, de forma univariada, o item OLS se mostra capaz de diferenciar significativamente a interação entre o sexo e a classe social (sexo*classe social) para os pais. Já o item HOL de forma univariada parece diferenciar significativamente a interação entre o sexo e a idade (sexo*idade) dos pais.

Tabela 22

ANOVA por idade, sexo e classe social para a amostra de pais

	Variável Dependente	Soma dos quadrados	gl	Média quadrada	F	Sig.
Sexo	PWI	697,749	1	697,749	3,832	0,051
	SWLS	1461,898	1	1461,898	7,048	0,008
	BMSLSS	135,178	1	135,178	1,165	0,281
	OLS	27,122	1	27,122	7,734	0,006
	HM	11,342	1	11,342	4,935	0,027
	HOL	3,238	1	3,238	1,491	0,223
Classe social	PWI	3819,838	2	1909,919	10,489	0,000
	SWLS	6139,247	2	3069,624	14,799	0,000
	BMSLSS	2234,846	2	1117,423	9,631	0,000
	OLS	8,434	2	4,217	1,203	0,301
	HM	24,378	2	12,189	5,304	0,005
	HOL	27,602	2	13,801	6,353	0,002
Idade	PWI	725,005	2	362,502	1,991	0,138
	SWLS	1041,957	2	520,978	2,512	0,082
	BMSLSS	287,027	2	143,514	1,237	0,291
	OLS	8,492	2	4,246	1,211	0,299
	HM	1,964	2	0,982	0,427	0,652
	HOL	0,938	2	0,469	0,216	0,806
Sexo * classe social	PWI	388,397	2	194,199	1,067	0,345
	SWLS	465,388	2	232,694	1,122	0,327
	BMSLSS	96,780	2	48,390	0,417	0,659
	OLS	28,947	2	14,473	4,127	0,017
	HM	7,880	2	3,940	1,714	0,181
	HOL	10,230	2	5,115	2,355	0,096
Sexo * idade	PWI	921,098	2	460,549	2,529	0,081
	SWLS	1088,656	2	544,328	2,624	0,074

	BMSLSS	151,719	2	75,859	0,654	0,521
	OLS	19,589	2	9,795	2,793	0,062
	HM	6,173	2	3,086	1,343	0,262
	HOL	13,983	2	6,991	3,218	0,041
Classe social * idade	PWI	492,383	4	123,096	0,676	0,609
	SWLS	463,369	4	115,842	0,558	0,693
	BMSLSS	230,916	4	57,729	0,498	0,738
	OLS	10,578	4	2,645	0,754	0,556
	HM	19,433	4	4,858	2,114	0,078
	HOL	9,129	4	2,282	1,051	0,381
		PWI	747,060	4	186,765	1,026
	SWLS	941,727	4	235,432	1,135	0,339
Sexo * classe social * idade	BMSLSS	1070,836	4	267,709	2,307	0,057
	OLS	21,074	4	5,268	1,502	0,200
	HM	3,959	4	0,990	0,431	0,787
	HOL	14,072	4	3,518	1,619	0,168

Para melhor visualização das diferenças, também são apresentados os gráficos considerando as diferenças significativas encontradas. Primeiramente, observa-se o gráfico com as médias da SWLS, convertida em uma escala de 0 a 100 pontos considerando-se o sexo dos pais. As médias são acompanhadas por barras de erro contendo os intervalos de confiança de 95% das médias. As médias dos pais ($M = 77,20$; $DP = 12,16$) são significativamente ($p = 0,008$) mais altas que as médias das mães ($M = 72,61$; $DP = 16,79$) (Figura 16).

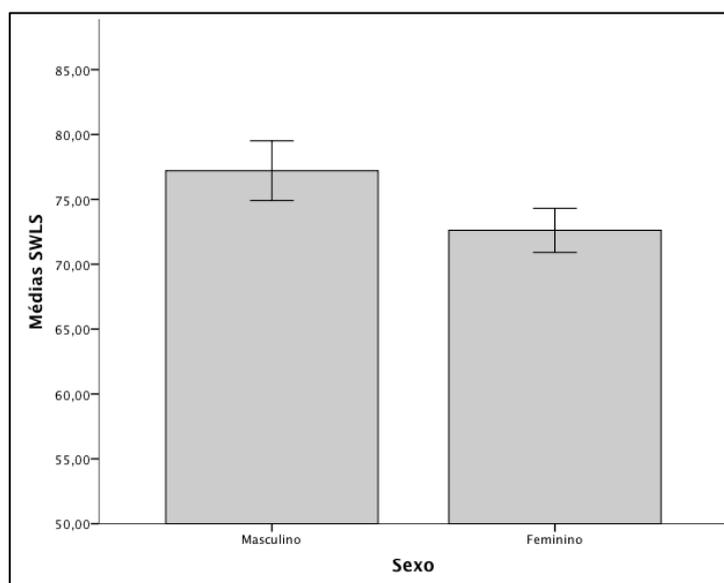


Figura 16. Gráfico de diferença de médias da SWLS por sexo para os pais.

O gráfico da Figura 17 apresenta as médias do OLS, considerando-se o sexo dos pais. As médias dos pais ($M = 7,85$; $DP = 1,44$) são significativamente ($p = 0,006$) mais altas que as médias das mães ($M = 7,37$; $DP = 2,08$).

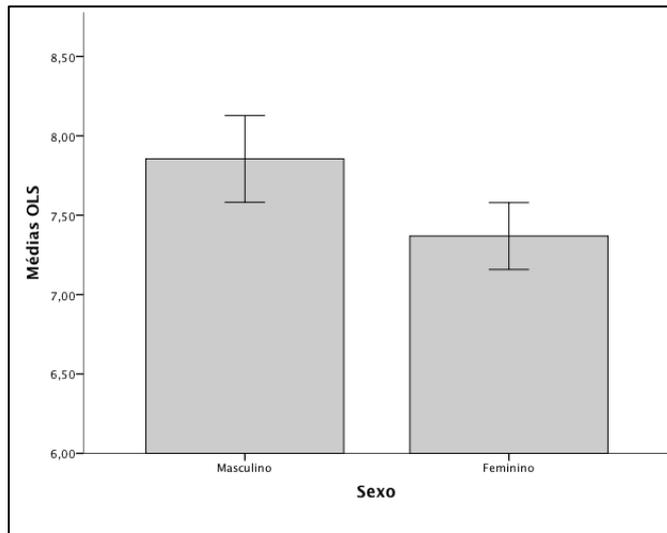


Figura 17. Gráfico de diferença de médias do OLS por sexo para os pais.

O gráfico da Figura 18 apresenta as médias da HM, considerando-se também o sexo dos pais. As médias dos pais ($M = 7,35$; $DP = 1,27$) são significativamente ($p = 0,027$) mais altas que as médias das mães ($M = 7,01$; $DP = 1,67$).

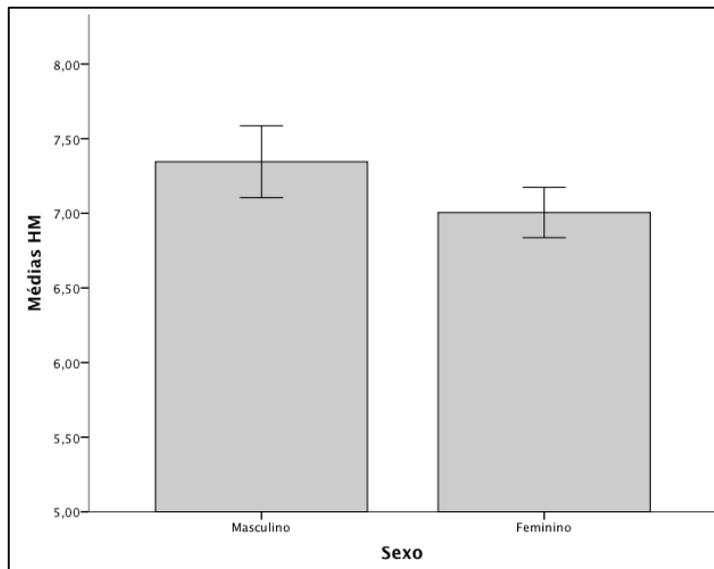


Figura 18. Gráfico de diferença de médias do item HM por sexo para os pais.

Com relação às diferenças considerando-se a classe social dos pais, são apresentados cinco gráficos mostrando as diferenças entre os três níveis de classe social para o PWI,

SWLS, BMSLSS, HM, HOL. O primeiro gráfico, que está na Figura 19, apresenta as médias do PWI, com as barras de erro com os intervalos de confiança de 95%. As médias estão convertidas em uma escala de 0 a 100 pontos. Há diferenças significativas ($p = 0,01$) entre as classes sociais média baixa ($M = 64,81$; $DP = 15,25$), média ($M = 74,50$; $DP = 13,26$) e média alta ($M = 78,30$; $DP = 12,04$).

Testes *post hoc*, por meio da prova de Bonferroni, indicam que há diferenças significativas entre as classes sociais e verifica-se que há diferenças significativas entre as médias da classe média baixa e a classe média ($p < 0,001$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,001$). No entanto, não há diferenças significativas ente a classe média e a média alta ($p = 0,062$). Assim, a média da classe média baixa é menor que ambas as médias das classes média e a média alta.

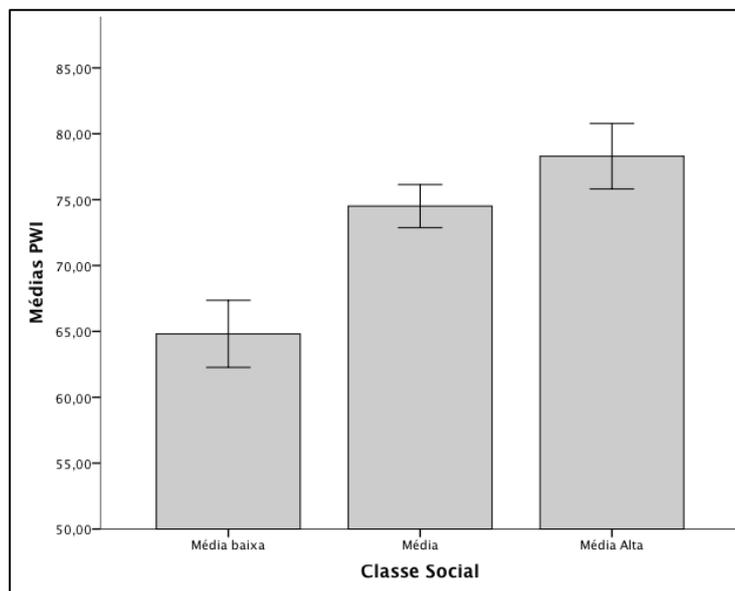


Figura 19. Gráfico de diferença de médias do PWI por classe social para os pais.

Quanto às diferenças entre as médias da SWLS por classe social, há diferenças significativas ($p < 0,001$) entre a classe média baixa ($M = 63,82$; $DP = 18,01$), classe média ($M = 76,52$; $DP = 12,80$) e classe média alta ($M = 80,57$; $DP = 13,69$) (Figura 20). Assim como para o PWI, foram realizados testes *post hoc*, por meio da prova de Bonferroni, e estes indicam que há diferenças significativas entre as classes sociais e verifica-se que há diferenças significativas entre a classe média baixa e a classe média ($p < 0,001$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,001$). Não há diferenças significativas ente a classe média e a média alta ($p = 0,062$). Dessa forma, a média da classe média baixa é menor que ambas as médias das classes média e a média alta também para a SWLS.

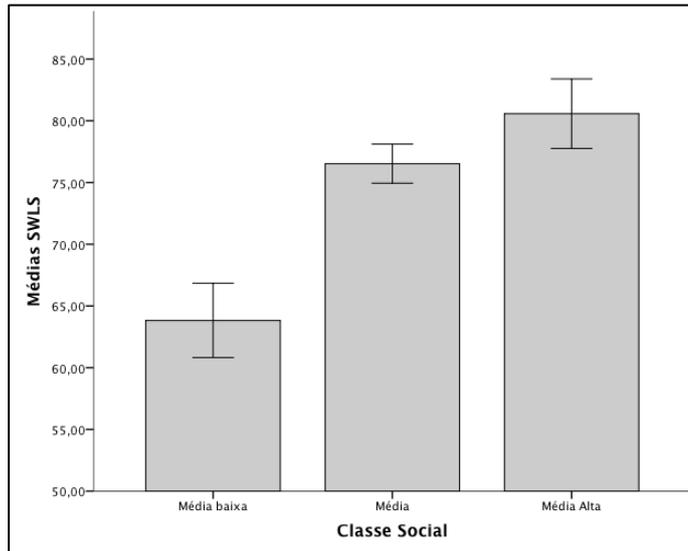


Figura 20. Gráfico de diferença de médias da SWLS por classe social para os pais.

Na Figura 21 observa-se o gráfico com as diferenças entre as médias da BMSLSS por classe social, sendo que há diferenças significativas ($p < 0,001$) entre a classe média baixa ($M = 72,24$; $DP = 12,66$), classe média ($M = 78,70$; $DP = 10,47$) e classe média alta ($M = 82,36$; $DP = 8,70$) (Figura 20). Com o uso de testes *post hoc*, com a prova de Bonferroni, percebe-se que há diferenças significativas entre as classes sociais para a BMSLSS e verifica-se que há diferenças significativas entre a classe média baixa e a classe média ($p < 0,001$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,001$) e ente a classe média e a média alta ($p = 0,016$).

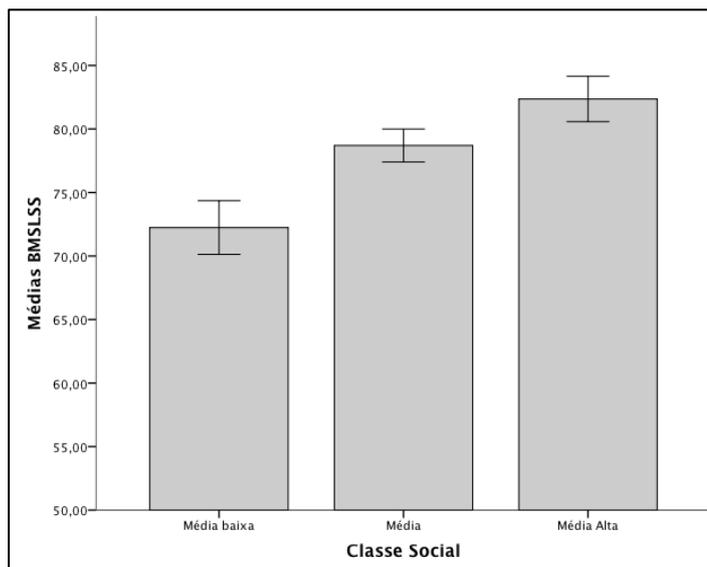


Figura 21. Gráfico de diferença de médias da BMSLSS por classe social para os pais.

As diferenças entre a classe social para o item HM também são significativas ($p =$

0,005), sendo a média mais baixa para classe média baixa ($M = 6,44$; $DP = 1,92$), seguida da classe média ($M = 7,33$; $DP = 1,32$) e da classe média alta ($M = 7,38$; $DP = 1,47$) (Figura 22). Também foram realizados testes *post hoc*, com a prova de Bonferroni, e verifica-se que há diferenças significativas entre a classe média baixa e a classe média ($p < 0,001$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,001$). Não há diferenças significativas ente a classe média e a média alta ($p = 1,00$).

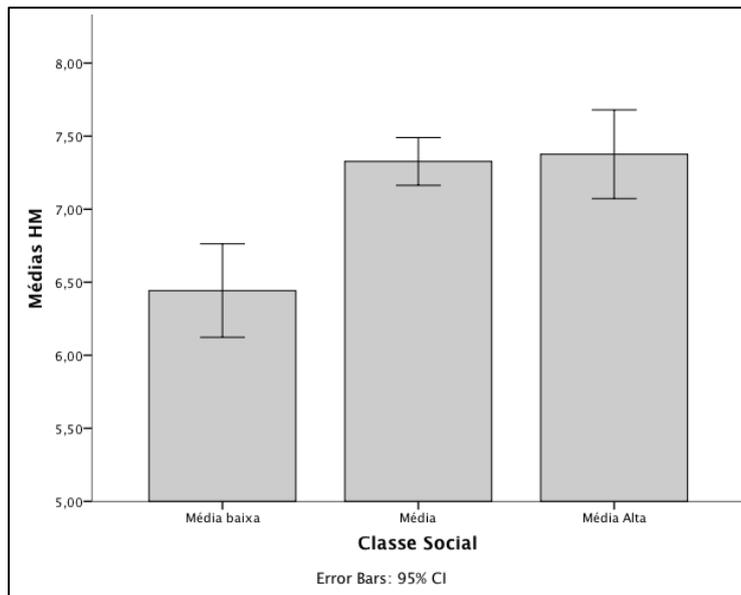


Figura 22. Gráfico de diferença de médias do item HM por classe social para os pais.

O gráfico da Figura 23 apresenta as diferenças entre a classe social para o item HOL, que são significativas ($p = 0,002$). A média mais baixa é referente à classe média baixa ($M = 7,29$; $DP = 1,86$), seguida da classe média ($M = 8,08$; $DP = 1,34$) e da classe média alta ($M = 8,33$; $DP = 1,35$). Por meio de testes *post hoc*, com a prova de Bonferroni, evidenciam-se diferenças significativas entre a classe média baixa e a classe média ($p < 0,001$), assim como entre a classe média baixa e a média alta ($p < 0,001$). Para o item HOL também não foram encontradas diferenças significativas ente a classe média e a média alta ($p = 0,464$).

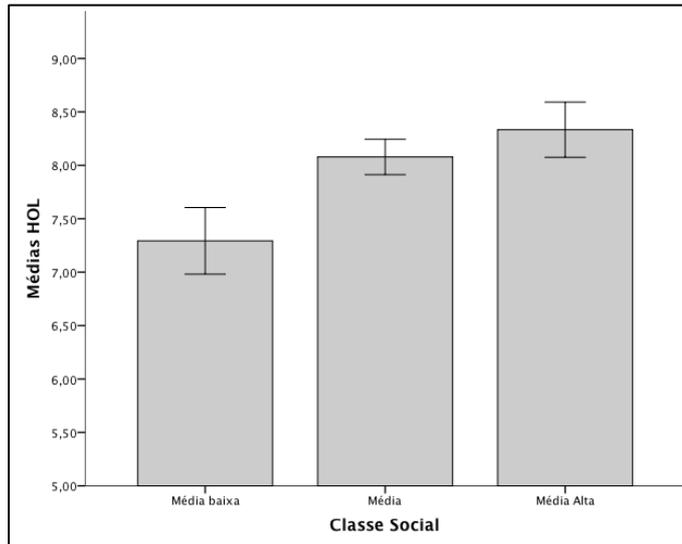


Figura 23. Gráfico de diferença de médias da HOL por classe social para os pais.

Como há diferença significativa ($p = 0,017$) para a interação entre o sexo e a classe social (sexo*classe social) para a variável OLS, se apresenta o gráfico com as médias do OLS por sexo e classe social dos pais (Figura 24). As médias para os homens da classe social média baixa ($M = 8,26$; $DP = 1,23$) são consideravelmente mais altas que as médias das mulheres desta mesma classe social ($M = 6,50$; $DP = 2,52$). Na classe média as médias ficam mais próximas entre os homens ($M = 7,73$; $DP = 1,53$) e as mulheres ($M = 7,63$; $DP = 1,75$). Já para a classe média alta a média dos homens ($M = 7,71$; $DP = 1,45$) é mais baixa que a média das mulheres ($M = 8,14$; $DP = 1,62$).

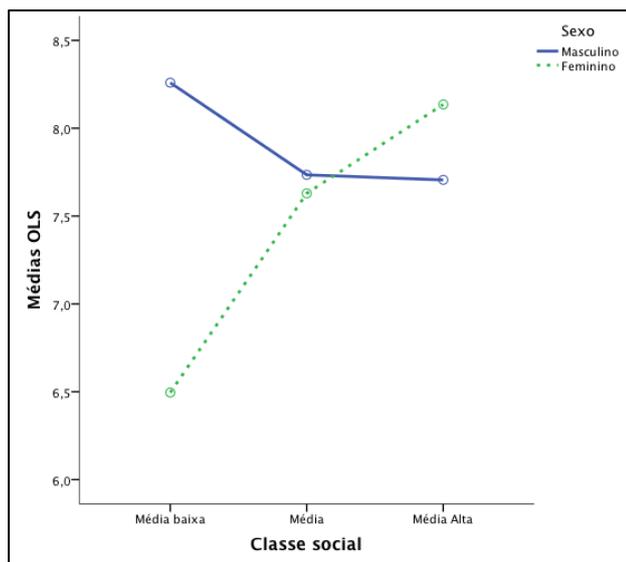


Figura 24. Gráfico de diferença de médias da OLS por sexo e classe social para os pais.

Também se observou diferenças significativas ($p = 0,041$) para a interação entre sexo e idade dos pais com relação à variável HOL. As mulheres de 41 a 50 anos apresentam a média de HOL mais alta ($M = 8,14$; $DP = 1,32$) do que as mulheres com idades de 27 a 40 ($M = 7,45$; $DP = 1,89$) e as mulheres com mais de 51 anos ($M = 7,73$; $DP = 1,64$). Já para os homens, a média é mais baixa na idade de 41 a 50 anos ($M = 7,85$; $DP = 1,40$), com relação à média dos homens de 27 a 40 ($M = 8,05$; $DP = 1,23$), sendo mais alta a partir dos 51 anos de idade ($M = 8,25$; $DP = 1,54$) (Figura 25).

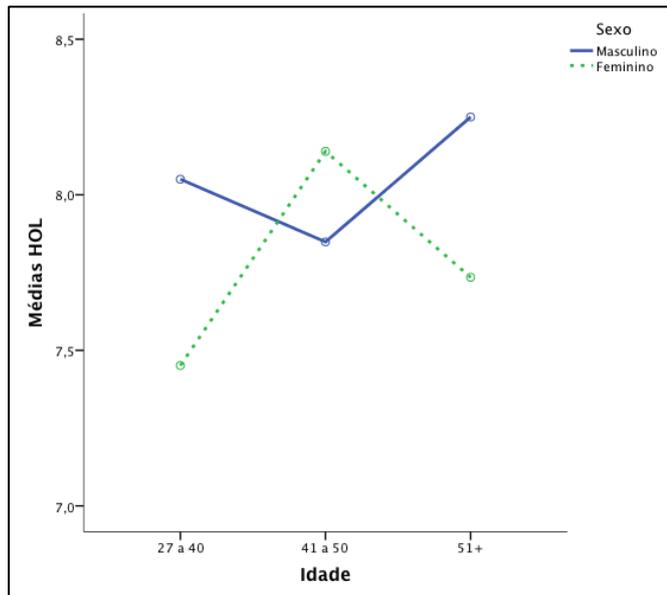


Figura 25. Gráfico de diferença de médias da HOL por sexo e classe social para pais.

As médias por idade dos pais para o PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL são apresentadas na Tabela 23. Percebe-se que para a maior parte dessas medidas de bem-estar as médias são mais altas nas idades entre 41 e 50 anos. No entanto, conforme já descrito anteriormente, não foram encontradas diferenças significativas para as variáveis dependentes com relação unicamente à idade dos pais.

Tabela 23

Médias do PWI, SWLS, BMSLSS, OLS, HM e HOL por idade para a amostra de pais

	Idade	Média	Desvio-padrão
PWI	27 a 40	68,67	17,02
	41 a 50	74,26	13,39
	51+	67,65	16,08
SWLS	27 a 40	67,77	19,29

	41 a 50	75,91	14,44
	51+	69,26	17,12
	27 a 40	73,76	12,77
BMSLSS	41 a 50	78,51	11,17
	51+	78,12	11,55
	27 a 40	6,88	2,39
OLS	41 a 50	7,73	1,76
	51+	6,90	2,28
	27 a 40	6,49	1,96
HM	41 a 50	7,30	1,47
	51+	6,90	1,44
	27 a 40	7,45	1,89
HOL	41 a 50	8,14	1,32
	51+	7,73	1,64

Principais resultados Adolescentes:

- As meninas apresentam médias significativamente mais baixas que os meninos para SWLS, HM, HOL.
- Há diferenças significativas entre as três classes sociais para o PWI e a SWLS, aumentando conforme a classe social. Para a BMSLSS também há diferença por classe social, contudo, essa diferença se dá entre a classe baixa e a média e alta, não havendo diferença significativa entre a classe média e a classe alta.
- Com relação à interação entre sexo e classe social, observa-se que as médias dos meninos para o item HOL permanecem as mesmas independente da classe social. Já para as meninas, as médias do HOL são mais baixas para a classe média baixa, elevando-se para a classe média e média alta.
- Não há diferenças significativas de bem-estar por idade para os adolescentes. No entanto, ao compararem-se os 12 anos com os 16 anos há uma diminuição para quase todos os indicadores de bem-estar, sugerindo que tende a diminuir com o avanço da idade.

Principais resultados Pais:

- As mães apresentam médias significativamente mais baixas que os pais para as médias da SWLS, OLS e HM.

- Há diferenças significativas entre a classe baixa e a média e alta, porém não entre a média e a alta para os pais para o PWI, SWLS, HM e HOL. Há diferenças significativas entre as três classes sociais para a BMSLSS.
- Não há diferenças significativas entre classes sociais para o OLS. Contudo, quando considerada a interação entre o sexo e a classe social, observa-se diferença significativa entre os homens e as mulheres, principalmente na classe baixa, na qual as médias dos homens são consideravelmente mais altas que as das mulheres.
- Considerando-se a interação entre a idade e o sexo dos pais, percebe-se uma inversão do bem-estar para o item HOL, sendo mais baixo para as mulheres dos 27 aos 40, elevando-se dos 41 aos 50 e caindo novamente a partir dos 51 anos de idade. Já para os homens, as médias são mais altas dos 27 aos 40, diminuindo dos 41 aos 50 e elevando-se novamente a partir dos 51 anos de idade.
- Não há diferenças significativas de bem-estar considerando-se unicamente a idade dos pais. No entanto, percebe-se que a maior parte das medidas apresenta médias mais altas para as idades entre 41 e 50 anos.

Discussão

Evidenciam-se diferenças significativas entre muitas das médias dos itens de bem-estar, sendo as médias mais altas para os adolescentes do que para os pais para a maior parte delas, assim como encontrado no estudo de Casas, Coenders, González, Malo, Bertrán e Figuer (2012d) com adolescentes espanhóis, que verificaram médias significativamente mais altas para os adolescentes do que para seus pais considerando escalas de bem-estar subjetivo.

Dentre os itens que apresentam maiores diferenças entre as gerações (d de Cohen $> 0,40$), três são do PWI (“grupos dos quais faz parte”, “nível de vida” e “segurança sobre o futuro”) e outro é da SWLS (“as condições em que vivo são boas). Apenas dois itens (“se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” da SWLS e “família” da BMSLSS) apresentam médias significativamente mais altas para os pais, no entanto o tamanho do efeito é pequeno. Tanto os itens com maiores médias para os adolescentes, como os com maiores médias para os pais coincidem com os achados de Casas et al. (2012d), sugerindo resultados semelhantes aos encontrados com a amostra de adolescentes espanhóis.

As participantes do sexo feminino apresentam menores médias de bem-estar para algumas medidas. As meninas apresentam menores médias que os meninos para a SWLS e para os itens HM e HOL, e as médias das mães também são mais baixas que as dos pais para a

escala SWLS e para os itens OLS e HM. Contudo, as diferenças de bem-estar por sexo não são significativas para a amostra de adolescentes e para a amostra de pais para as escalas PWI e BMSLSS. Um estudo de Strelhow, Bueno e Câmara (2010) também não verificou diferenças significativas para os itens da BMSLSS com relação ao sexo em uma amostra de adolescentes brasileiros. Esses resultados podem indicar que as diferenças com relação ao sexo são menos prováveis quando utilizados instrumentos que medem domínios de vida mais específicos (como o PWI e o BMSLSS) do que com itens e escalas mais gerais (SWLS, OLS) e com itens que medem a felicidade (HOL, HM).

Em diversos países se observa uma relação inversa entre a idade e o bem-estar de adolescentes (Casa et al., 2007; Casas et al., 2012a; Casas, Tiliouine, & Figuer, 2013; Coenders et al., 2005). De acordo com Casas et al. (2007), o bem-estar na adolescência apresenta diferenças quanto a aspectos psicossociais como a idade. Seu estudo apontou uma significativa e constante diminuição do item único de satisfação global com a vida entre os 12 e os 15 anos de idade (Casas et al., 2007). Essa tendência também foi apontada nessas idades em um estudo realizado em 2005 em diversos países (Coenders et al., 2005). Outros autores também apontam uma avaliação decrescente da satisfação global com a vida entre os 12 e os 16 anos de idade, e da mesma forma a satisfação com outros âmbitos da vida (Baltatescu & Cummins, 2006).

Ainda com relação à idade, em uma pesquisa com adolescentes australianos, Tomyne e Cummins (2011) verificaram a diminuição dos escores de bem-estar subjetivo com o avanço da idade de 12 a 16. Esta diminuição é compreendida por Casas et al. (2012b), que sugerem que esses resultados podem estar relacionados com o desenvolvimento habitual dos adolescentes no contexto de muitas sociedades. Além disso, os autores apontam que resultados semelhantes não foram apresentados antes, pois apenas nas últimas duas décadas que os pesquisadores começaram a coletar dados sobre o bem-estar subjetivo de adolescentes utilizando os mesmos instrumentos. Nos resultados da presente pesquisa, também observou-se que as médias de bem-estar dos adolescentes diminuem com a idade, no entanto, as diferenças não alcançaram significância estatística.

Considerando-se a idade dos pais e mães, percebe-se uma inversão do bem-estar para o item de felicidade global com a vida (HOL) e o sexo, sendo mais baixo para as mulheres dos 27 aos 40, elevando-se dos 41 aos 50 e caindo novamente a partir dos 51 anos de idade. Já para os homens, as médias do HOL são mais altas dos 27 aos 40, diminuindo dos 41 aos 50 e elevando-se novamente a partir dos 51 anos de idade. Uma razão pode ser o fato de que a mulher está em pleno desenvolvimento dos 40 aos 50 anos de idade, e, a partir dessa etapa sofre alterações biológicas, como a menopausa, entre outros aspectos que podem influenciar a

diminuição da percepção do bem-estar das mulheres. Considerações sobre o ciclo de vida familiar sugerem também que o período em que o filho está em transição para a adolescência é altamente exigente para os pais, muitas vezes resultando em diminuição do bem-estar dos pais (Keresteš, Brkovic, & Jagodic, 2012). Nesse estudo mencionado, o declínio da auto-avaliação do funcionamento físico e cognitivo relacionado à meia-idade foi um preditor significativo do bem-estar psicológico, especialmente para as mães. Estes resultados apontam que a transição para meia-idade e a percepção de alterações associadas ao desenvolvimento, muitas vezes coincidindo com a transição de uma criança para a adolescência, podem ser um dos determinantes principais de adaptação e bem-estar dos pais neste período de vida.

Desafios de desenvolvimento de meia-idade podem ser especialmente reportados por adultos que são pais de adolescentes, pois as mudanças que caracterizam a meia-idade podem ser vistas como opostas às mudanças normativas da adolescência. Por exemplo, enquanto seus filhos adolescentes tornam-se fisicamente mais atraentes de acordo com padrões culturais, os pais de meia-idade estão lidando com cabelos grisalhos, rugas, ganho de peso e outras alterações físicas que a sociedade não valoriza de forma positiva. Assim, ao observar o desenvolvimento dos filhos adolescentes pode evidenciar as alterações que os pais de meia-idade estão passando, o que por sua vez pode aumentar a sua própria vulnerabilidade psicológica e piorar o bem-estar de alguns pais (Keresteš et al., 2012).

As diferenças entre as médias considerando-se a classe social dos pais e adolescentes apontam que as menores médias estão no grupo de classe média baixa para as escalas PWI, SWLS, BMSLSS, HM e HOL. Entende-se que a privação de direitos básicos prejudica o desenvolvimento e afeta o bem-estar dos pais e dos adolescentes. No entanto, as diferenças entre as médias do grupo de classe média e do grupo de classe média alta não representam um aumento significativo do bem-estar para a amostra de pais neste estudo, considerando o PWI, SWLS, HM e HOL e considerando o BMSLSS para os adolescentes. Nesse sentido, ao passo que uma vez atingido um nível socioeconômico médio os níveis de felicidade se estabelecem, ficando em torno no que é apontado por Cummins (2003) como *set-point*.

Diener e Biswas-Diener (2002) fizeram um apanhado sobre as pesquisas que relacionaram a riqueza e o bem-estar subjetivo e concluíram que a riqueza mostra apenas pequenas correlações positivas com a felicidade, o aumento da riqueza pessoal normalmente não resulta em aumento da felicidade, e as pessoas que desejam muito ter riqueza e dinheiro são mais infelizes do que aquelas que não desejam. No entanto, eles afirmaram que evitar a pobreza e focar em outros fins que não a riqueza material estão associados com a felicidade. Também, para Ryan e Deci (2001) parece haver muitos riscos para a pobreza, mas poucos benefícios para a riqueza quando se trata de bem-estar. Além disso, os autores apresentam

estudos que mostram que aquelas pessoas que valorizam excessivamente bens materiais e riqueza apresentam menores escores de bem-estar.

Ainda, parece que a classe social tem mais influência sobre as mães do que sobre os pais para a satisfação global com a vida (OLS), já que essa média praticamente não sofre alteração para os homens, e aumenta conforme aumenta a classe social para as mulheres. O mesmo ocorre para interação entre sexo e classe social dos adolescentes com relação a felicidade global com a vida (HOL), observa-se que as médias dos meninos para o item HOL permanecem as mesmas independente da classe social. Já para as meninas, as médias do HOL são mais baixas para a classe média baixa, elevando-se para a classe média e média alta.

Considerações Finais

A partir dos resultados encontrados e das pesquisas prévias considerando as diferenças entre o bem-estar de pais e filhos, e também considerando as diferenças por sexo, idade e classe social, entre os principais resultados, observou-se principalmente que os adolescentes apresentam médias mais altas para a maior parte dos itens; que as participantes do sexo feminino (adolescentes e mães) apresentam médias mais baixas para algumas medidas de bem-estar; e que participantes que referem pertencer à classe média baixa apresentam menores médias de bem-estar. No entanto, fica evidente que mais investigações são necessárias para aprofundar essas diferenças, já que parece não haver consenso sobre essas diferenças com as amostras utilizadas em diversas pesquisas e em diferentes países.

Entre as limitações deste estudo, está o fato de dispor apenas de dados transversais para verificar diferenças por idade. Dados longitudinais poderiam fornecer melhores evidências de mudança do bem-estar ao longo do tempo tanto para os adolescentes como para seus pais. Além disso, a diferença no número de participantes por sexo e classe social pode ter influenciado nos resultados, sendo necessários mais estudos, com amostras maiores para cada classe social e também com mais participantes do sexo masculino. Estudos futuros também poderiam verificar a percepção de bem-estar que os pais têm sobre seus filhos e comparar esse dado com a percepção do bem-estar dos filhos, verificando semelhanças e diferenças entre as respostas e também verificando em que medida os pais poderiam reportar verdadeiramente o bem-estar de seus filhos e vice-versa.

CAPÍTULO IV

Estudo 3. A relação entre o bem-estar de pais e seus filhos adolescentes a partir de diferentes medidas de avaliação

Introdução

Muitas pesquisas levam em consideração aspectos dos pais na influência do bem-estar dos filhos adolescentes tendo como foco as configurações e conflitos familiares, estilos parentais, entre outros, buscando verificar na maioria das vezes o seu impacto negativo no bem-estar dos filhos (Powdthavee & Vignoles, 2008; Saha, Huebner, Suldo, & Valois, 2010; Steinberg, Mounts, Lamborn, & Dornbusch, 1991; Steinberg & Silverberg, 1986; Suldo & Huebner, 2004). No entanto, poucas pesquisas verificaram a relação entre aspectos positivos do bem-estar entre pais e filhos, e se há alguma associação entre o bem-estar dos pais e o bem-estar dos filhos adolescentes. Na literatura internacional, encontra-se a pesquisa de Casas, Coenders, Cummins, González, Figuer e Malo (2008), e recentemente os estudos de Casas, Coenders, González, Malo, Bertrán e Figuer (2012) e de Clair (2012).

O bem-estar subjetivo pode ser entendido como consequência da interinfluência entre os aspectos internos e suas interações externas com outras pessoas e com o entorno (Casas, 2010). Outros autores apontam ainda que o bem-estar envolve processos afetivos e cognitivos, sendo assinalado por Campbell, Converse e Rodgers (1976) que esses processos podem ser medidos a partir de questões de satisfação.

A busca por compreender o bem-estar, especificamente na adolescência, deve abranger aspectos pessoais e contextuais nos quais o adolescente está inserido. Considerando-se o bem-estar subjetivo composto por diversos âmbitos, compreende-se o bem-estar na adolescência a partir da perspectiva ecológico-contextual (Kelly, 2006). O meio ecológico de estruturas físicas, sociais e psicológicas que caracterizam o intercâmbio entre pessoas e seus ambientes é concebido como uma série de estruturas concêntricas chamadas microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O microssistema é o contexto no qual a pessoa desenvolve sua vida e suas atividades. No microssistema dos adolescentes estudados nessa pesquisa está a família. A escola, a rua e os amigos, seriam microssistemas inseridos no mesossistema, nos quais ocorrem as relações, são atribuídos papéis e são desenvolvidas atividades, sendo que cada um deles apresenta características físicas e materiais particulares (Sarriera, 2010).

É possível compreender o bem-estar a partir da perspectiva ecológica na medida em que este é um componente psicossocial da qualidade de vida dos adolescentes, fruto das relações ocorridas nos diferentes contextos (Sarriera, 2010). Dessa forma, o objeto de estudo desta pesquisa encontra-se no microsistema no qual a família faz parte, no que diz respeito às relações entre o bem-estar de pais e filhos.

Na busca por estudos que investigam as relações entre o bem-estar de pais e filhos, encontra-se o estudo de Casas, Coenders, Cummins, González, Figuer e Malo (2008) que apresenta correlações significativas entre o bem-estar de pais e filhos, apesar de baixas entre o bem-estar pessoal de ambos ($r = 0,19$; $p < 0,05$). Os autores assinalam que os resultados da investigação mostram relações pouco claras e muito abaixo do esperado entre o bem-estar de pais e seus filhos, apontando a necessidade de desenvolver outras abordagens para verificar essas relações.

Já em 2012, Casas, Coenders, González, Malo, Bertrán e Figuer realizaram outro estudo com pais e filhos adolescentes utilizando diversas medidas de bem-estar, buscando relacioná-las e utilizando uma amostra maior do que na pesquisa de 2008. Novamente, o estudo apresentou correlações significativas, porém baixas entre o bem-estar de pais e filhos ($r = 0,16$ para o *Personal Wellbeing Index*, $r = 0,18$ para o *Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale*).

Os resultados do estudo de Casas et al. (2012d) apontam que o bem-estar dos pais se relaciona pouco ao bem-estar de seus próprios filhos, apesar da socialização, dos bens materiais comuns e das influências genéticas. Contudo, um resultado que chama a atenção nesta pesquisa é que o bem-estar dos pais parece ter mais influência no bem-estar de suas filhas do que dos seus filhos (Casas et al., 2012d).

Considerando-se que o bem-estar é a consequência da interinfluência entre os aspectos internos e suas interações externas com outras pessoas e com o entorno (Casas, 2010), e no caso dos adolescentes, por meio da perspectiva ecológica, essas interações externas ocorrem em microsistemas em contínua interrelação mútua com outros sistemas, então, o que se propõe investigar é o papel do bem-estar dos pais no bem-estar de seus filhos e vice-versa. Nesse sentido, o presente estudo está organizado por etapas a fim de verificar a relação entre o bem-estar subjetivo de pais e seus filhos adolescentes a partir de diferentes medidas de avaliação. Especificamente, se busca analisar as relações entre o bem-estar de pais e filhos e testar modelos hipotéticos de relações a partir da literatura, comparando os modelos com os dados encontrados na amostra, com o uso de análises diádicas, utilizando-se o modelo de interdependência ator-parceiro (APIM).

Método

Participantes

São participantes deste estudo 543 díades de pais e filhos adolescentes. Dos 543 filhos adolescentes, 172 (31,7%) são meninos e 371 (68,3%) são meninas, e as idades variam de 12 a 16 anos ($M = 14,13$; $DP = 1,26$). Com relação aos pais que responderam ao questionário, 69,4% são mães, 20,3% pais, 8,1% mães e pais juntos e 2,2% outros membros da família, sendo que as idades variam de 27 a 70 anos ($M = 43,84$; $DP = 6,56$). Levando-se em conta apenas as mães e os pais que responderam individualmente ao questionário, o total é de 487 díades (267 díades de mãe e filha, 110 de mãe e filho, 67 de pai e filha e 43 de pai e filho), sendo que esta será a amostra utilizada para fins desse estudo. Os participantes são provenientes da capital e de três cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul, sendo que os dados foram coletados em escolas particulares (45,4%) e públicas (54,6%), com alunos das turmas de sétima e oitava série do ensino fundamental e primeiro e segundo ano do ensino médio. A classe social apontada pela maioria dos adolescentes foi classe média com 80,9%, assim como para os pais com 91,5% descrevendo-se como pertencentes da classe média.

Instrumentos

Personal Wellbeing Index (PWI)

O *Personal Wellbeing Index* (Índice de Bem-estar Pessoal) foi desenvolvido por Cummins, Eckersley, Van Pallant, Vugt e Misajon (2003) e avalia a satisfação de sete domínios referentes à satisfação com a saúde, com o nível de vida, com as coisas que tem conseguido, com a segurança, com a segurança sobre o futuro, com as relações com outras pessoas e com os grupos dos quais faz parte (na versão original este último item refere-se à satisfação com o sentimento de pertença à comunidade, mas foi adaptado para “grupos dos quais faz parte” por ser melhor compreendido pelos adolescentes, conforme estudo de Casas et al., 2012b). Originalmente os valores iam de uma escala de um a sete, variando de *totalmente insatisfeito* (1) a *totalmente satisfeito* (7). No entanto, para este estudo a escala foi adaptada para uma escala de 11 pontos, variando de *completamente insatisfeito* (0) a *completamente satisfeito* (10), seguindo a adaptação realizada por Casa et al. (2012b). Estudos anteriores apontam boa consistência interna para a escala, com um alfa de Cronbach de 0,74 para uma amostra de adolescentes argentinos e 0,81 para amostra de adolescentes brasileiros (Sarriera et al., 2012b). Outro estudo apresentou um alfa de 0,73 para uma amostra australiana e 0,80 para outra chinesa (Lau, Cummins, & McPherson, 2005). Com relação à validade de convergência, o PWI apresentou alta correlação positiva com o item único de satisfação com a vida ($r = 0,58$; $p < 0,001$) em um estudo realizado por Casas et al. (2012b).

Satisfaction With Life Scale (SWLS)

A Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) é composta por cinco itens que avaliam a satisfação com a vida, com as condições em que se vive, com os ideais de vida, com as coisas que se conseguiu na vida e o último item, que pergunta aos adolescentes se mudariam muitas coisas de sua vida se nascessem de novo (a tradução literal da versão original deste último é “se eu pudesse viver minha vida novamente, eu não mudaria quase nada”, mas foi adaptado para “mudaria muitas coisas” por ser melhor compreendido pelos adolescentes, conforme estudo de Casas et al., 2012c). Originalmente, a escala é composta por cinco itens, em uma escala que varia de 1 a 7, com os extremos descritos como “*não, de nenhuma maneira*” (1) a “*sim, completamente*” (7). A versão da escala utilizada nesse estudo é uma adaptação da escala original, sendo transformada em uma escala de 11 pontos que varia de 0 (*não, de nenhuma forma*) a 10 (*sim, completamente*). De acordo com Diener et al. (1985) a SWLS correlaciona-se positivamente com a extroversão e negativamente com neuroticismo. Gadermann, Schonert-Reichl e Zumbo (2010) apresentam evidências de validade convergente e divergente da SWLS, apresentando cargas fatoriais altas (acima de 0,70) para todos itens, além de um alfa de Cronbach de 0,86, indicando também boa consistência interna dos itens.

Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS)

Utilizou-se nesse estudo a versão abreviada da Escala de Satisfação com a Vida de Estudantes, de autoria de Seligson, Huebner e Valois (2003). Em seu formato original, a escala é composta por seis itens que dizem respeito à satisfação com a família, amigos, experiência escolar, consigo mesmo, o lugar onde vive e com a vida globalmente. O resultado final é um escore de satisfação geral com a vida, que é obtido pela soma dos itens. O item referente à satisfação com a experiência escolar foi substituído por experiência de trabalho no questionário dos pais. A escala de 11 pontos varia de *péssima* (0) a *formidável* (10). Em 2006, em estudo de confiabilidade e validade da BMSLSS, Benjamin et al. (2006) obtiveram um alfa de 0,75, e Seligson, Huebner e Valois (2005), um alfa de 0,76. Explorou-se a validade concorrente da escala por intermédio de associações com outras medidas de satisfação de vida, onde verificou-se que a BMSLSS se correlaciona significativamente com o PWI ($r = 0,66$) e com a SWLS ($r = 0,69$) (Sarriera et al, 2012b).

Core Affects Scale (CAS)

A Escala de Afetos Nucleares (*Core Affects Scale*, CAS) avalia afetos positivos e negativos e ativos e passivos. A escala parte do pressuposto de que os afetos positivos e negativos ocupam duas polaridades diferentes. Avalia-se com escores mais baixos a polaridade negativa e os escores mais altos atribui-se à polaridade positiva. Os 11 itens da escala se dividem em 6 itens que medem os Afetos Positivos e 5 itens que medem os afetos negativos. Russel e Carroll (1999) encontraram um índice elevado de correlação inversa entre os estados de ânimo positivos e negativos através do método de duas metades.

Escala de Felicidade (HM) e Felicidade global com a vida (HOL)

Nesse estudo, foram utilizadas duas escalas de item único, o primeiro item, chamado de *Happiness Measures* (HM – medida de felicidade, Fordyce, 1988) que pergunta “*Em geral, o quão feliz ou infeliz você costuma se sentir?*” e a resposta é marcada em uma escala de 0 a 10 pontos, variando de *completamente feliz* (10) a *completamente infeliz* (0), sendo que todos os valores recebem uma descrição. O segundo item utilizado, o *Happiness Overall Life* (HOL – felicidade global com a vida) relaciona-se com uma perspectiva geral da vida. Nesse item, deve-se atribuir uma resposta de 0 (completamente infeliz) a 10 (completamente feliz) à pergunta “*Considerando a sua vida no seu conjunto, você poderia afirmar que se sente*” e somente os valores extremos são descritos.

Fordyce (1988) aponta dados correlacionando a HM com diversas escalas, apresentando correlações negativas significativas para depressão ($r = -0,80$; $p < 0,01$), ansiedade ($r = -0,63$; $p < 0,01$) e hostilidade ($r = -0,53$; $p < 0,01$), apresentado validade discriminante. Da mesma forma, o autor oferece dados de validade convergente ao referir correlações significativas da HM com diversas escalas e índices de bem-estar (variando de $r = 0,43$ a $0,73$; $p < 0,01$).

Overall Life Satisfaction (OLS)

A *Overall Life Satisfaction* é uma escala de item único de satisfação global com a vida. Deve-se atribuir uma resposta de 0 (*completamente insatisfeito*) a 10 (*completamente satisfeito*) à pergunta *Atualmente, até que ponto você está satisfeito com toda a sua vida, considerada globalmente?* Campbel, Converse e Rodgers (1976) referem os benefícios da utilização de um item único na avaliação do bem-estar subjetivo.

Procedimentos

Os procedimentos realizados para coleta de dados deste estudo foram os mesmos apresentados no primeiro e no segundo estudo e serão descrito de forma breve. Uma lista

fornecida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul serviu como base para o sorteio de escolas participantes e posterior contato com os diretores e responsáveis pelas escolas do Estado. Para assegurar a participação, os diretores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Instituição (Anexo C) e foram sorteadas turmas da sétima série ao segundo ano do ensino médio para a realização da pesquisa, sendo uma turma participante por série, totalizando quatro turmas por escola. Os alunos das turmas sorteadas foram convidados a participar e só puderam fazê-lo mediante a apresentação do Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D) assinado por si mesmos e pelos pais ou responsáveis.

Os questionários foram aplicados em sala de aula, de forma coletiva, por dois pesquisadores treinados do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, com duração aproximada de 45 minutos. Cada participante recebeu um envelope contendo um questionário a ser respondido no momento do recebimento e entregue aos pesquisadores e outro questionário que deveria ser levado para casa e respondido pelos pais. Ambos os questionários continham o mesmo código identificador, possibilitando a comparação pareada de dados. Contratou-se que a devolução dos questionários dos pais deveria ocorrer em até uma semana à direção da escola, lacrados com a fita dupla-face contida nos envelopes, garantindo-se também o sigilo dos dados dos pais ou responsáveis.

Análise de Dados

As análises deste estudo foram realizadas utilizando o modelo de interdependência ator-parceiro (*Actor-Partner Interdependence Model* – APIM – Kenny, Kashy, & Cook, 2006). Este modelo leva em conta a interdependência (ou seja, não-independência) de observações entre os indivíduos envolvidos em relacionamentos diádicos (por exemplo, casais, irmãos, amigos, pais-filhos) considerando-se que cada membro da díade pode, direta ou indiretamente, influenciar as cognições, emoções e comportamentos do outro, como resultado de existirem no mesmo contexto e serem expostos a influências semelhantes (Cook & Kenny, 2005; Kenny, Kashy, & Cook, 2006).

O método de análises de dados diádicos utilizado será a técnica de modelagem de equações estruturais (*Structural Equation Modeling* – SEM) que é considerada uma metodologia estatística, baseada na confirmação dos dados de hipóteses previamente estabelecidas por aportes teóricos. Byrne (2010) apresenta esta técnica como uma metodologia tipicamente baseada na causalidade e que obedece dois importantes procedimentos: as relações causais são representadas por uma série de equações estruturais e estas podem ser modeladas de forma gráfica para uma mais clara conceitualização. Este tipo

de análise difere de outros procedimentos multivariados por que além de ser confirmatória ao invés de exploratória, leva em consideração as mensurações dos erros de ajuste dos modelos e consegue analisar tanto variáveis observadas como variáveis latentes.

Dessa forma, para responder aos objetivos desse estudo serão construídos modelos a partir da teoria e serão ajustados, buscando estabelecer relações entre o bem-estar de pais e filhos com o uso do modelo APIM. Os modelos serão avaliados a partir dos índices de ajuste, considerando as indicações de Batista-Foquet e Coenders (2000), que além do qui-quadrado apontam o uso do Índice de Comparação do Ajuste (*Comparative Fit Index de Bentler* – CFI) e a análise dos resíduos pelo Erro Quadrático Médio de Aproximação (*Root Mean Square Error of Approximation* – RMSEA) e seus intervalos de confiança. As análises são realizadas com o uso do programa *IBM SPSS® Amos™ 19* (Arbuckle, 2010).

Resultados

De acordo com Alferes e Kenny (2009), a pesquisa diádica está cada vez mais comum nas ciências sociais e comportamentais. Pesquisadores estudam pessoas que são pareadas (como casais ou amigos), ou duas pessoas que não interagem, mas recebem a mesma informação experimental, ou até mesmo dois aspectos da mesma pessoa (por exemplo, registros de ambos os hemisférios do cérebro ou de ambos os olhos). As díades são consideradas distinguíveis quando as duas pessoas de todas as duplas podem ser ordenadas da mesma maneira. Por exemplo, para casais heterossexuais, os dados podem ser ordenados por gênero. Já para díades indistinguíveis, as duas pessoas de todas as duplas não podem ser ordenadas da mesma maneira. Dessa forma, companheiros de quarto e amigos do mesmo sexo são geralmente tratados como indistinguíveis. No caso desta pesquisa, as díades são consideradas distinguíveis, ordenadas por pais ou filhos, sendo que cada pai ou mãe está relacionada com apenas um filho ou filha.

Para Kenny, Kashy, e Cook (2006), o design diádico mais comum é aquele em que cada pessoa está emparelhada com outra pessoa e estas duas pessoas são medidas no mesmo conjunto de variáveis. Assim, a primeira análise dos dados diádicos a ser realizada é determinar a extensão na qual as respostas das duas pessoas estão correlacionadas, isto é, se existe interdependência (também chamada de não-independência) nos dados. As informações sobre não-independência tem importantes implicações teóricas e estatísticas. Teoricamente, a não-independência pode ser utilizada para inferir a reciprocidade, sincronia, ou influência na díade. Estatisticamente, a não-independência requer que os dados sejam analisados de forma a incluir tanto a díade quanto a pessoa como unidades de análise.

Nos últimos anos, a modelagem de equações estruturais (*Structural Equation Modeling, SEM*) tornou-se um método notório para analisar dados diádicos porque leva em conta a interdependência de observações entre os parceiros. O modelo de interdependência ator-parceiro (APIM) oferece várias vantagens em relação a outras estratégias analíticas de dados diádicos. Especificamente, o APIM considera a dupla como unidade de análise ao invés de considerar o indivíduo. Portanto, o APIM permite verificar simultaneamente os efeitos do indivíduo e os efeitos do parceiro na variável dependente do estudo.

Medindo a não-independência

No estudo atual, o nível de interdependência do bem-estar entre pais e filhos pode ocorrer devido a fatores associados ao fato de pertencerem à mesma família e manterem relações próximas diárias. Além disso, o grau de não-independência pode ser atribuído como resultado de pais e filhos existirem no mesmo contexto e serem expostos a influências semelhantes (Cook & Kenny, 2005; Kenny, Kashy, & Cook, 2006).

A presença da não-independência é determinada medindo-se a associação entre os escores dos membros díade. Para isso, utilizam-se diferentes medidas de acordo com o tipo de díade. Para díades com membros distinguíveis, como é o caso deste estudo, a não-independência pode ser medida por meio do coeficiente de correlação de Pearson. Já para o caso de díades indistinguíveis (irmãos gêmeos, colegas de classe) sugere-se o uso do Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) (Kenny, Kashy, & Cook, 2006). Dessa forma, as correlações de Pearson são apresentadas na Tabela 24 para as variáveis das escalas, considerando-se pais e filhos.

As correlações entre pais e filhos para as variáveis do PWI são significativas apenas para dois itens (“nível de vida” e “segurança”). O item “as condições em que vivo são boas” da SWLS apresenta a correlação significativa mais alta, com intervalo de confiança superior chegando a 0,410. Os itens “estou satisfeito com a vida” e “se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas” também apresentaram correlações positivas significativas. Com relação a BMSLSS, três itens tiveram correlações significativas, os itens “família” e “amigos”, com intervalos de confiança superiores chegando a 0,310, e o item “lugar onde vivo” também sendo significativo.

Considerando-se os itens dos afetos positivos (AP) da escala de Afetos Nucleares (CAS), os itens “ativo” e “entusiasmado” se correlacionaram significativamente entre pais e filhos. O item “estressado” dos afetos negativos (AN) também se correlaciona significativamente entre pais e filhos. Os itens únicos de satisfação global com a vida (OLS) e felicidade global com a vida (HOL) também apresentaram correlações significativas entre

pais e filhos, enquanto que o item de medida de felicidade (HM) não alcançou correlação significativa entre os pais e seus filhos. As análises com a amostra total de pais e filhos apresentam 13 itens com correlações significativas, e 19 itens com correlações não significativas, conforme se observa na Tabela 24.

Tabela 24

Correlações de Pearson entre pais e filhos para todos itens com intervalos de confiança de 95%

	Correlação (<i>r</i>)	I.C. Inferior	I.C. Superior
PWI			
Saúde	0,026	-0,073	0,122
Nível de vida	0,139*	0,042	0,228
Coisas que conseguiu	0,078	-0,016	0,170
Segurança	0,118*	0,004	0,225
Grupos dos quais faz parte	-0,016	-0,108	0,087
Segurança sobre o futuro	0,048	-0,046	0,142
Relações com outras pessoas	0,050	-0,051	0,156
SWLS			
A minha vida corresponde ao que desejo	0,019	-0,069	0,110
As condições em que vivo são boas	0,299*	0,191	0,410
Estou satisfeito com a vida	0,102*	0,001	0,218
Consegui coisas importantes	0,051	-0,050	0,151
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	0,150*	0,061	0,233
BMSLSS			
Família	0,204*	0,101	0,310
Amigos	0,199*	0,101	0,300
Experiência de estudante/ trabalhador	-0,004	-0,098	0,091
Comigo mesmo	0,049	-0,043	0,143
Lugar onde vivo	0,187*	0,104	0,270
Minha vida globalmente	0,070	-0,019	0,157
Afetos Nucleares (CAS)			
Ativo	0,085*	0,003	0,168
Feliz	0,003	-0,076	0,095
Satisfeito	0,070	-0,021	0,167
Sortudo	0,024	-0,064	0,129
Calmo	0,029	-0,066	0,117
Entusiasmado	0,115*	0,032	0,216

	Correlação (<i>r</i>)	I.C. Inferior	I.C. Superior
Estressado	0,120*	0,031	0,200
Triste	0,033	-0,056	0,120
Preocupado	0,021	-0,080	0,117
Cansado	0,064	-0,030	0,151
Entediado	0,097	-0,002	0,190
OLS	0,090*	0,001	0,189
HM de Fordyce	0,083	-0,015	0,177
HOL	0,107*	0,001	0,203

* $p < 0,05$

Também foram realizadas correlações de Pearson considerando-se o sexo dos filhos. As correlações são apresentadas na Tabela 25 para as variáveis das escalas, considerando-se pais e filhos ($n = 153$) e filhas ($n = 334$) por separado. Com relação aos filhos adolescentes do sexo masculino, apenas três itens apresentam correlações significativas com os itens de seus pais (item 5 da SWLS, item “família” da BMSLSS e o item “entusiasmado” do fator de AP da CAS).

Quando analisamos as correlações entre os itens considerando-se os pais e as filhas adolescentes do sexo feminino, 11 itens são significativos, sendo dois do PWI (“nível de vida” e “segurança”), um da SWLS (“as condições em que vivo são boas”), três da BMSLSS (“família”, “amigos” e “lugar onde vivo”), dois itens de afetos negativos da CAS (“estressado” e “entediado”) e os três itens únicos de satisfação global com a vida (OLS), a medida de felicidade (HM) e a felicidade global com a vida (HOL). O único item que apresenta correlação significativa com os pais tanto para meninos como para meninas é o item “família” da BMSLSS.

Tabela 25

Correlações de Pearson entre pais e filhos ($n = 153$) e filhas ($n = 334$) separadamente para todos itens com intervalos de confiança de 95%

	Meninos			Meninas		
	Correlação (<i>r</i>)	I.C. Inf.	I.C. Sup.	Correlação (<i>r</i>)	I.C. Inf.	I.C. Sup.
PWI						
Saúde	0,033	-0,129	0,205	0,023	-0,093	0,153
Nível de vida	0,033	-0,110	0,183	0,180**	0,060	0,309
Coisas que conseguiu	0,131	-0,024	0,260	0,055	-0,053	0,170

	Meninos			Meninas		
	Correlação (<i>r</i>)	I.C. Inf.	I.C. Sup.	Correlação (<i>r</i>)	I.C. Inf.	I.C. Sup.
Segurança	0,009	-0,136	0,174	0,164*	0,034	0,281
Grupos dos quais faz parte	0,011	-0,183	0,230	-0,028	-0,125	0,082
Segurança sobre o futuro	0,076	-0,065	0,227	0,036	-0,079	0,153
Relações com outras pessoas	0,134	-0,096	0,370	0,015	-0,084	0,125
SWLS						
A minha vida corresponde ao que desejo	-0,026	-0,218	0,149	0,030	-0,082	0,141
As condições em que vivo são boas	0,117	-0,020	0,273	0,343**	0,219	0,458
Estou satisfeito com a vida	0,096	-0,067	0,270	0,103	-0,029	0,234
Consegui coisas importantes	0,113	-0,089	0,309	0,023	-0,075	0,137
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	0,252*	0,101	0,408	0,101	-0,006	0,204
BMSLSS						
Família	0,187*	-0,027	0,391	0,216**	0,105	0,338
Amigos	0,102	-0,173	0,187	0,246**	0,130	0,368
Experiência de estudante/ trabalhador	-0,059	-0,224	0,102	0,029	-0,072	0,144
Comigo mesmo	0,053	-0,086	0,191	0,045	-0,071	0,159
Lugar onde vivo	0,109	0,008	0,229	0,213**	0,103	0,330
Minha vida globalmente	0,092	-0,056	0,238	0,059	-0,053	0,179
Afetos Nucleares (CAS)						
Ativo	0,068	-0,095	0,231	0,095	-0,011	0,205
Feliz	0,021	-0,145	0,201	-0,001	-0,092	0,103
Satisfeito	0,040	-0,091	0,197	0,080	-0,032	0,194
Sortido	0,019	-0,135	0,178	0,025	-0,080	0,136
Calmo	0,101	-0,050	0,259	-0,001	-0,106	0,103
Entusiasmado	0,230*	0,062	0,402	0,076	-0,036	0,192
Estressado	-0,003	-0,166	0,154	0,158*	0,055	0,261
Triste	-0,052	-0,208	0,106	0,063	-0,039	0,173
Preocupado	0,015	-0,142	0,183	0,015	-0,110	0,132
Cansado	0,128	-0,030	0,283	0,025	-0,087	0,142
Entediado	0,060	-0,106	0,212	0,108*	-0,003	0,223
OLS	0,031	-0,113	0,189	0,111*	-0,020	0,233
HM de Fordyce	-0,046	-0,201	0,133	0,121*	0,004	0,237
HOL	0,092	-0,081	0,259	0,112*	-0,017	0,231

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

Quando realizadas análises semelhantes considerando o sexo dos pais e dos filhos (pais e filhos, e mães e filhas), resultados muito semelhantes são encontrados. Por esse motivo, as correlações por sexo para os pais não são reportadas.

Análises Fatoriais Confirmatórias com díades distinguíveis

As análises fatoriais confirmatórias (AFC) permitem a correlação entre as variáveis latentes (nos caso das escalas, os fatores) entre a díade de pais e filhos, verificando assim a medida de não-independência entre eles, ou seja, o grau em que se relacionam. No entanto, não se pode estimar e interpretar as correlações entre os fatores latentes de bem-estar dos adolescentes e dos pais sem antes verificar a invariância métrica fatorial de cada escala considerando-se os dois grupos, verificando se os constructos tem o mesmo significado para cada grupo. Para este estudo, foram levados em conta os índices comparativos de ajuste entre os modelos, considerando-se a diferença entre o CFI de um modelo para o outro. A diferença entre o CFI (Δ CFI) não deve ser maior de 0,01, e desta forma, os resultados globais indicam a viabilidade de se restringir as cargas fatoriais para serem as mesmas nos diferentes grupos (Milfont & Fisher, 2010).

A Análise de diferentes modelos é um procedimento extremamente poderoso para a detecção de uma série de diferenças entre grupos, particularmente quando os valores de critério de Δ CFI são utilizados. Essas diferenças entre grupos, ao invés de serem vistas como obstáculos para a investigação, devem ser consideradas objetos válidos da pesquisa. A invariância métrica, por exemplo, não precisa ser vista apenas como um obstáculo que deve ser superado antes da igualdade de médias latentes poderem ser avaliadas, mas sim, deve vista como uma fonte de informação potencialmente interessante e valiosa sobre como diferentes grupos percebem o mundo (Cheung & Rensvold, 2002).

Levando em conta que as AFC de todas as escalas apresentaram bons índices de ajuste para o grupo de adolescentes e de pais separadamente, conforme resultados apresentados no primeiro estudo, foram testados modelos com as cargas dos fatores restringidas para serem iguais entre os grupos de pais e filhos em um mesmo modelo estrutural, testando a invariância métrica de cada escala. Os índices de ajuste para as AFC das escalas são apresentados na Tabela 26. Todos os modelos sem restrições para o PWI, a SWLS (com 4 itens), a BMSLSS e a CAS entre pais e filhos apresentam bons índices de ajuste.

No entanto, quando a invariância fatorial métrica é testada, restringindo as cargas fatoriais para serem iguais entre pais e filhos para os itens do PWI, o modelo apresenta reduções estatisticamente significativas, o que se observa na diferença do CFI maior de 0,01. O modelo tem ajustes piores ainda quando os interceptos são restringidos. Contudo, ao deixar

as cargas fatoriais dos itens “coisas que conseguiu” e “segurança sobre o futuro” para serem livremente estimadas entre os grupos, o modelo apresenta bons índices de ajuste ($\chi^2 = 96,832$; CFI = 0,987), não sendo significativamente diferente do modelo sem restrições.

Para a SWLS, a BMSLSS e a CAS, tanto o modelo não restringido como o com cargas fatoriais restringidas apresentam bons índices de ajuste. Porém, quando os interceptos são restringidos os índices de ajuste apontam que não é possível comparar as médias dos fatores latentes entre os grupos.

Tabela 26

Análises Fatoriais Confirmatórias para pais e filhos – Índices de ajuste

<i>Pais e Filhos</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>NFI</i>	<i>TLI</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA (I.C.^a)</i>	<i>SRMR</i>
PWI – modelo não restringido	89,796	68	0,040	0,954	0,984	0,988	0,026 (0,006 – 0,039)	0,030
PWI – cargas fatoriais restringidas	133,256	74	0,001	0,932	0,961	0,968	0,041 (0,029 – 0,052)	0,039
PWI – cargas fatoriais e interceptos restringidos	219,396	80	0,001	0,888	0,915	0,925	0,060 (0,050 – 0,069)	0,046
SWLS – modelo não restringido	25,998	17	0,075	0,984	0,991	0,994	0,033 (0,001 – 0,057)	0,031
SWLS – cargas fatoriais restringidas	27,752	20	0,115	0,983	0,993	0,995	0,028 (0,001 – 0,052)	0,031
SWLS – cargas fatoriais e interceptos restringidos	143,919	23	0,001	0,910	0,906	0,923	0,104 (0,088 – 0,121)	0,035
BMSLSS – modelo não restringido	43,191	31	0,072	0,960	0,983	0,988	0,028 (0,001 – 0,047)	0,033
BMSLSS – cargas fatoriais restringidas	57,872	35	0,009	0,946	0,971	0,978	0,037 (0,018 – 0,053)	0,039
BMSLSS – cargas fatoriais e interceptos restringidos	131,350	39	0,001	0,878	0,896	0,910	0,070 (0,057 – 0,083)	0,040
CAS – modelo não restringido	294,136	189	0,001	0,910	0,957	0,965	0,034 (0,026 – 0,041)	0,043
CAS – cargas fatoriais restringidas	303,468	198	0,001	0,907	0,959	0,965	0,033 (0,025 – 0,040)	0,044
CAS – cargas fatoriais e interceptos restringidos	607,317	207	0,001	0,813	0,852	0,868	0,063 (0,057 – 0,069)	0,078

^a I.C. = Intervalo de Confiança de 95%

A partir dos resultados apontados, são apresentadas as Figuras 26 e 27, que mostram as AFC para as escalas SWLS e BMSLSS, já que estas apresentam condições de interpretação das correlações entre os fatores latentes de pais e filhos. Nessas escalas, é possível interpretar a correlação entre os fatores latentes, pois os modelos com cargas fatoriais restringidas não apresentam diferenças significativas comparados aos modelos não restringidos. Apesar dos índices de ajuste apontarem que é possível a interpretação das correlações entre os fatores latentes da escala CAS entre pais e filhos, todas as correlações (entre afetos positivos e negativos de pais e filhos) foram muito baixas e não significativas, por essa razão a imagem da AFC e as respectivas correlações não são apresentadas.

Com relação a correlação entre a SWLS de pais e filhos, observa-se na Figura 26 uma correlação de 0,142 (com intervalo de confiança estimado por *bootstrap* mínimo de 0,019 e máximo de 0,266). Já a correlação entre os fatores da BMSLSS foi de 0,183 (com intervalo de confiança estimado por *bootstrap* mínimo de 0,042 e máximo de 0,308), sendo o modelo observado na Figura 27. Todos os parâmetros dos modelos foram estatisticamente significativos ($p < 0,001$).

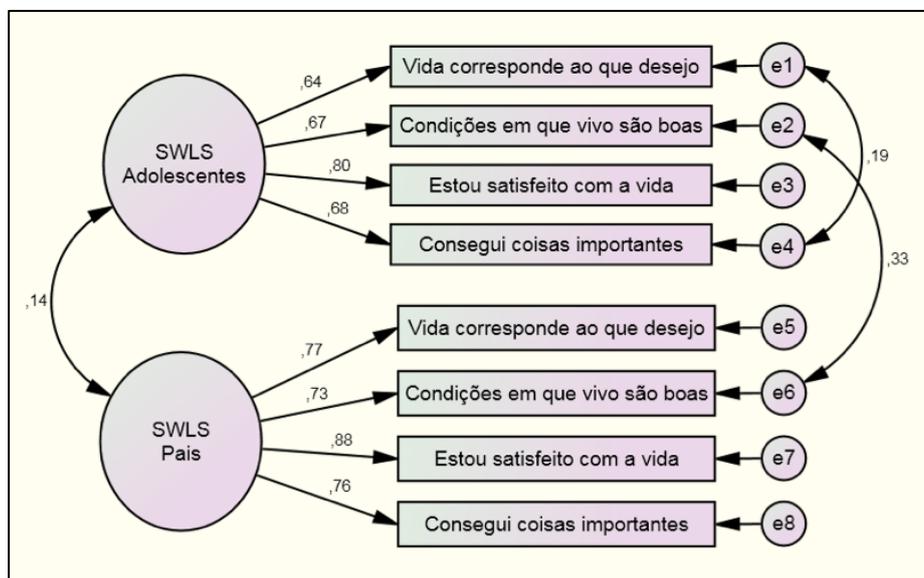


Figura 26. AFC da SWLS para pais e filhos, com cargas padronizadas para o modelo com cargas fatoriais restringidas.

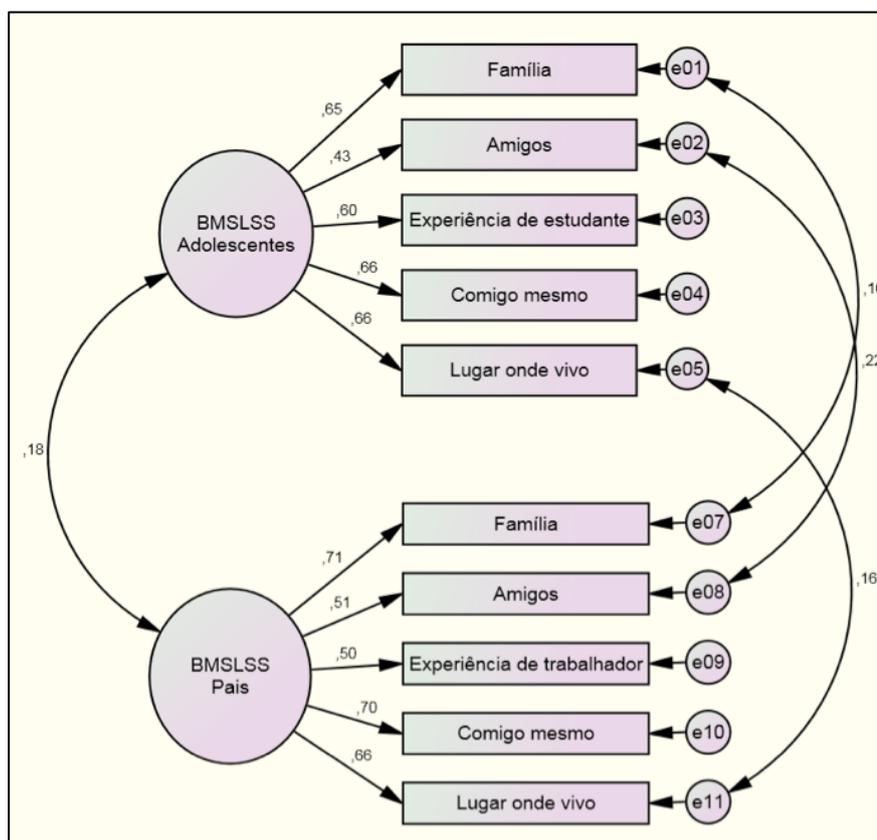


Figura 27. AFC da BMSLSS para pais e filhos, com cargas padronizadas para o modelo com cargas fatoriais restringidas.

O próximo passo, a partir dos dados obtidos, foi agrupar os itens que apresentam condições de serem relacionados entre pais e filhos, seja pelos resultados das correlações, seja pelos resultados das AFCs. Assim, chegou-se a um conjunto de itens, sendo que o fator latente foi denominado aqui de “Satisfação com o Microsistema” (Figura 28), já que agrupou itens possivelmente compartilhados entre pais e filhos e relevantes para a percepção de bem-estar de ambos. Os itens são “família” e “lugar onde vivo” da BMSLSS, “nível de vida” e “segurança” do PWI e o item “condições em que vivo” da SWLS. Os demais itens não entraram no fator. Quando analisados por separado, os cinco itens apresentam boa consistência interna tanto para amostra de adolescentes ($\alpha = 0,745$), como para amostra de pais ($\alpha = 0,760$).

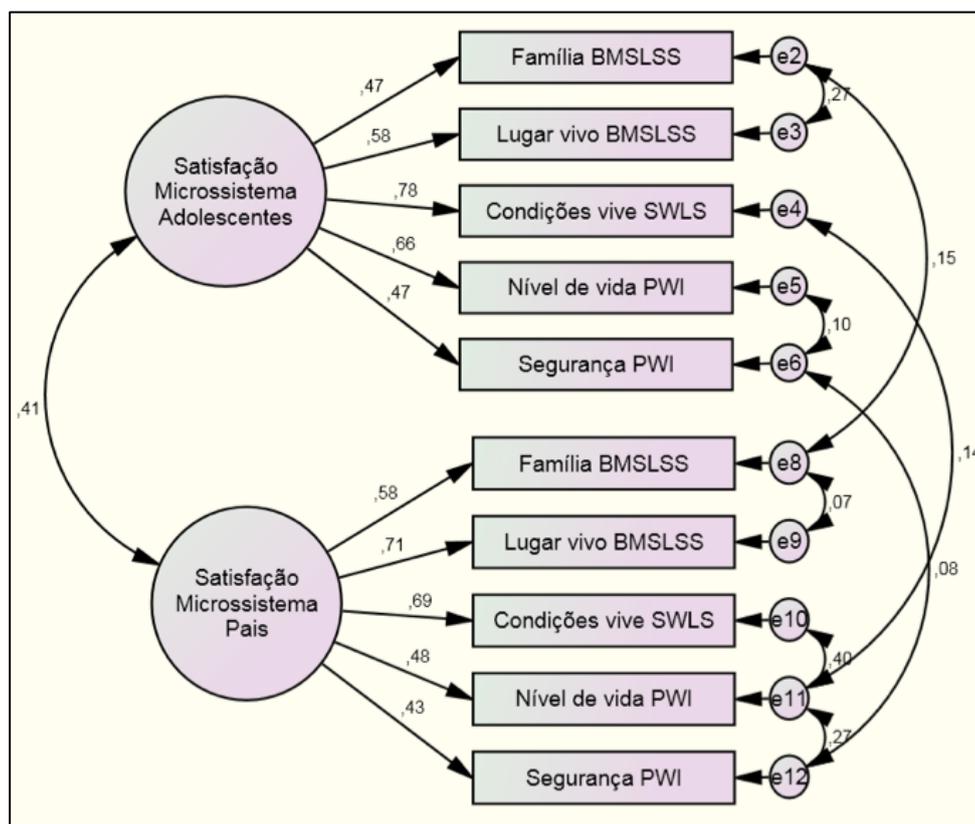


Figura 28. AFC da Satisfação com o Microsistema para pais e filhos, com cargas padronizadas para o modelo com cargas fatoriais restringidas.

Foi realizada uma AFC com os itens da “Satisfação com o Microsistema”, e tanto o modelo não restringido ($\chi^2(26) = 24,349$; $p < 0,556$; CFI = 0,999; RMSEA = 0,001) como o com cargas fatoriais restringidas para serem iguais entre pais e adolescentes ($\chi^2(30) = 49,053$; $p < 0,016$; CFI = 0,986; RMSEA = 0,034) apresentam bons índices de ajuste. No entanto, quando os interceptos são restringidos, os índices de ajuste apontam que não é possível comparar as médias dos fatores latentes entre os grupos ($\chi^2(34) = 187,960$; $p < 0,001$; CFI = 0,886; RMSEA = 0,091).

Como o modelo com cargas fatoriais restringidas não apresenta diferença significativa comparado ao modelo não restringido, é possível interpretar a correlação entre os fatores latentes de pais e filhos adolescentes. Como pode ser observado na Figura 28, existe uma correlação de 0,418 entre a “Satisfação com o Microsistema” de pais e filhos (com intervalo de confiança estimado por *bootstrap* mínimo de 0,278 e máximo de 0,519).

Modelo de interdependência ator-parceiro (APIM)

O modelo APIM permite verificar simultaneamente os efeitos do indivíduo e os efeitos do parceiro na variável dependente do estudo, sendo que foi realizado com o uso da

Modelagem de Equações Estruturais (SEM). Para construção do modelo de interdependência, foram utilizados os itens que compõem a “Satisfação com o Microsistema”, e também os itens OLS e HOL para verificar as relações entre esses e a “Satisfação com o Microsistema” de pais e adolescentes em um modelo de interdependência ator-parceiro. A ideia é verificar a relação com um item que mede a satisfação global com a vida, entendida como um componente cognitivo do bem-estar e com outro item que mede a felicidade global com a vida, refletindo o componente afetivo do bem-estar.

A Figura 29 apresenta o modelo APIM com as variáveis de satisfação global com a vida (OLS) dos adolescentes e dos pais, sendo que ambas estão relacionadas tanto à “satisfação com o microsistema” dos adolescentes, como com a “satisfação com o microsistema” dos pais. Existem dois efeitos de ator nesse modelo, que são entendidos aqui como o efeito da satisfação global com a vida da própria pessoa na sua satisfação com seu microsistema. O primeiro efeito de ator (Ator Adolescentes) é medido pela relação entre a satisfação global com a vida dos adolescentes e a satisfação com o seu próprio microsistema (OLS Adol ---> Sat.Micro.Adol). O segundo efeito de ator (Ator Pais) é medido pela relação entre a satisfação global com a vida dos pais e a satisfação com o microsistema dos pais (OLS Pais ---> Sat.Micro.Pais).

Também existem dois efeitos de parceiro no modelo, que apontam as relações existentes entre a satisfação global com a vida do ator e a satisfação com o microsistema do parceiro. Dessa forma, temos o primeiro efeito de parceiro (Parceiro_AdolPais), que é medido pela relação entre a satisfação global com a vida dos adolescentes e a satisfação com o microsistema dos pais (OLS Adol ---> Sat.Micro.Pais), e o segundo efeito de parceiro (Parceiro_PaisAdol), definido pela relação entre a satisfação global com a vida dos pais e a satisfação com o microsistema dos adolescentes (OLS Pais ---> Sat.Micro.Adol). O modelo verificando os efeitos de ator e parceiro entre o OLS e a satisfação com o microsistema apresentou bons índices de ajuste, considerando o modelo com as cargas fatoriais da satisfação com o microsistema restringidas para serem iguais entre grupos ($\chi^2(42) = 96,769$; $p < 0,001$; CFI = 0,968; RMSEA = 0,049).

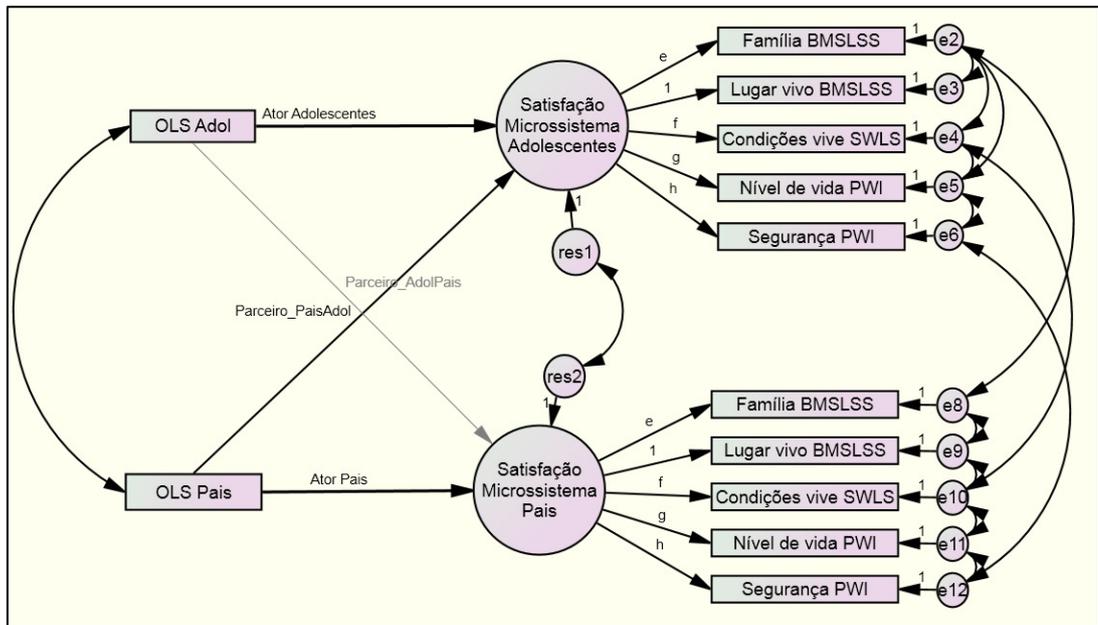


Figura 29. Modelo de interdependência ator-parceiro verificando o efeito entre o OLS e a satisfação com o microsistema de adolescentes e pais.

Com relação ao *efeito dos atores*, pode-se observar que os pesos dos parâmetros padronizados descritos na Tabela 27 indicam que o OLS tem uma relação significativa, positiva e grande tanto para o efeito de ator dos adolescentes, quanto para o efeito de ator dos pais, indicando grande relação entre estes indicadores. Também se percebe que o efeito de ator dos pais é maior do que o efeito de ator dos adolescentes. No que diz respeito ao *efeito dos parceiros*, os resultados indicam que há uma relação positiva, significativa e pequena apenas para o efeito de parceiro dos pais nos adolescentes (Parceiro_PaisAdol), indicando que há relação entre o OLS dos pais e a satisfação com o microsistema dos adolescentes, apesar de ser pequena. No entanto, o OLS dos adolescentes não alcançou relação significativa com a satisfação com o microsistema dos pais, e, por essa razão, este parâmetro que não foi significativo está grafado em cinza no modelo da Figura 29, assim como na Tabela 27.

Tabela 27

Parâmetros padronizados para o modelo APIM – OLS, com intervalos de confiança calculados com bootstrap

Bootstrap ML. ^a			
Amostra = 500	Estimado	Inferior	Superior
OLS – Efeitos de Ator			
OLS Adol ---> Sat.Micro.Adol	0,548**	0,454	0,658
OLS Pais ---> Sat.Micro.Pais	0,708**	0,599	0,813

OLS – Efeitos de Parceiro

OLS Adol ---> Sat.Micro.Pais	0,006	-0,082	0,091
OLS Pais ---> Sat.Micro.Adol	0,082*	-0,011	0,164

^aI.C. = Intervalo de Confiança de 95%, ** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$.

Levando-se em conta que houve diferenças entre as correlações dos itens para meninos e meninas e seus pais (Tabela 25), foi realizada uma análise multigrupo para o modelo anteriormente apresentado (Figura 29), buscando verificar se o ajuste do modelo permanece adequado ao serem restringidos os parâmetros para serem iguais para amostra de meninas e meninos. Os resultados da análise multigrupo apontam que o modelo não apresenta diferenças significativas quando da restrição dos parâmetro ($p = 0,85$), indicando que os parâmetros podem ser considerados iguais para meninos e meninas.

O segundo modelo APIM contido na Figura 30 considera a relação da felicidade global com a vida (HOL) e a satisfação com o microsistema para adolescentes e pais, e segue os mesmos critérios de interpretação do modelo com o OLS. O modelo com o HOL apresentou bons índices de ajuste, levando em conta o modelo com as cargas fatoriais da satisfação com o microsistema restringidas para serem iguais entre grupos ($\chi^2(44) = 124,672$; $p < 0,001$; CFI = 0,951; RMSEA = 0,061).

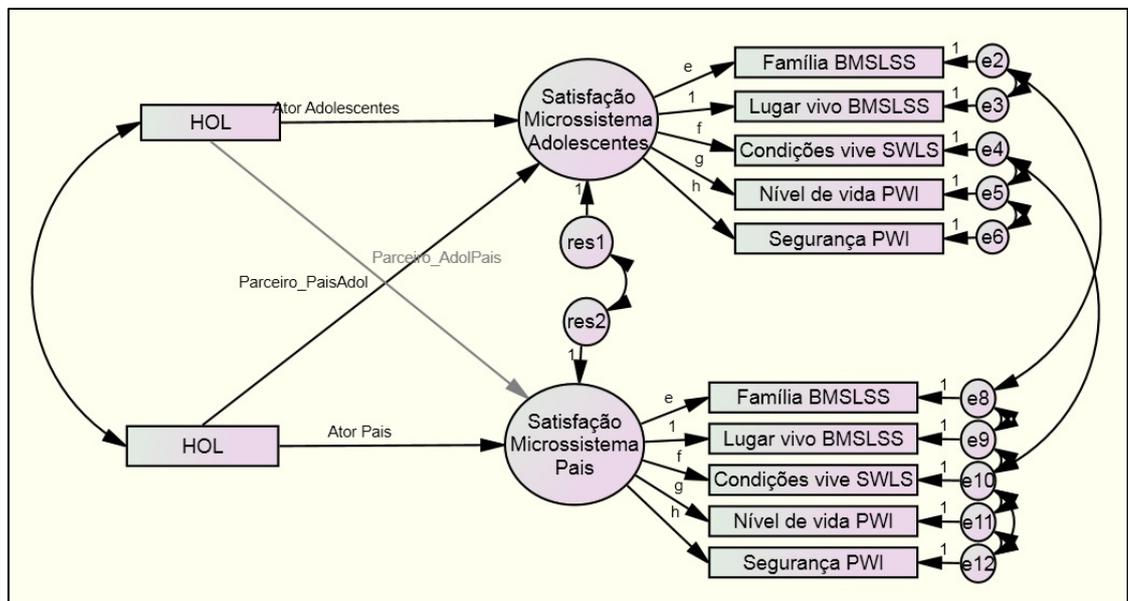


Figura 30. Modelo de interdependência ator-parceiro verificando o efeito entre o HOL e a satisfação com o microsistema de adolescentes e pais.

Com relação ao *efeito dos atores*, os pesos dos parâmetros padronizados indicam que o HOL tem uma relação significativa, positiva e grande tanto para o efeito de ator dos adolescentes, quanto para o efeito de ator dos pais (Tabela 28). Nesse modelo, o efeito de ator dos pais também é maior do que o efeito de ator dos adolescentes. Os resultados dos *efeitos de parceiro* são semelhantes aos do modelo anterior, e indicam que há uma relação positiva, significativa e pequena para o efeito de parceiro dos pais nos adolescentes (Parceiro_PaisAdol), indicando que há relação entre o HOL dos pais e a satisfação com o microsistema dos adolescentes, mesmo que pequena. Além disso, o HOL dos adolescentes não alcançou relação significativa com a satisfação com o microsistema dos pais, e, por essa razão, este parâmetro também está grafado em cinza no modelo da Figura 30 e na Tabela 28.

Tabela 28

Parâmetros padronizados para o modelo APIM – HOL, com intervalos de confiança calculados com bootstrap

Bootstrap ML. ^a			
Amostra = 500	Estimado	Inferior	Superior
HOL – Efeitos de Ator			
HOL Adol ---> Sat.Micro.Adol	0,651**	0,539	0,754
HOL Pais ---> Sat.Micro.Pais	0,770**	0,648	0,896
HOL – Efeitos de Parceiro			
HOL Adol ---> Sat.Micro.Pais	0,098	-0,012	0,205
HOL Pais ---> Sat.Micro.Adol	0,111*	0,006	0,209

^aI.C. = Intervalo de Confiança de 95%, ** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$.

Para esse último modelo, também foi realizada uma análise multigrupo para verificar se o ajuste do modelo permanece adequado ao serem restringidos os parâmetros para serem iguais considerando o sexo dos adolescentes. Os resultados da análise multigrupo apontam que o modelo não apresenta diferenças significativas quando da restrição dos parâmetro ($p = 0,66$), indicando que os parâmetros podem ser considerados iguais para meninos e meninas, apesar das diferenças vistas nas correlações descritas na Tabela 25.

Discussão

Considerando-se o bem-estar e as suas dimensões, esse estudo indica que há âmbitos compartilhados entre pais e filhos e relevantes para a percepção de bem-estar dos adolescentes

e seus pais, sendo mais importantes para os pais (efeito do ator). Após analisar diversos itens, observa-se que a “satisfação com a família”, com o “lugar” e com as “condições onde vive”, com o “nível de vida” e com a “segurança” são os itens das escalas BMSLSS, SWLS e PWI que se correlacionam entre pais e filhos, formando uma dimensão denominada aqui de “satisfação com o microsistema”. Uma hipótese para o tipo de itens agrupados nesse âmbito é que são aspectos relacionados a condições materiais e de aporte que são fornecidos de forma predominante pelos pais e dos quais os filhos dependem e usufruem. Além disso, fazem parte do microsistema compartilhado, e nos quais ocorrem as relações entre os adolescentes e os pais, como a família.

Com relação à satisfação com os “amigos”, que apresentou correlação significativa entre pais e filhos, optou-se por não incluir no modelo por se entender que não faz parte do microsistema de relações entre pais e filhos, já que os amigos dos filhos e dos pais geralmente são diferentes, e as relações entre eles ocorre em outros ambientes que não o ambiente compartilhado. Da mesma forma, os demais itens das escalas que não entraram no modelo (satisfação com a saúde, com a segurança sobre o futuro, consigo mesmo, relações com outras pessoas, afetos, etc.) podem ter ficado de fora por não fazerem parte desse microsistema compartilhado pelos pais e filhos, não havendo interdependência entre esses itens para os pais e filhos.

Os âmbitos da satisfação com o microsistema dos adolescentes são influenciados pela satisfação e felicidade global com a vida dos pais (efeito do parceiro), apesar de apresentarem pequeno tamanho de efeito. Entende-se que talvez existam variáveis mediadoras dessa relação que não foram estudadas e abordadas nesta pesquisa, e também fica evidente que a própria avaliação da satisfação com a vida tem um grande efeito sobre a satisfação com os âmbitos compartilhados tanto para pais, como para filhos (efeito do ator). Esses resultados podem refletir o fato de que a adolescência refere-se a um período de individuação da família durante o qual os adolescentes se tornam menos ligados aos pais e buscam independência e autonomia (Ben-Zur 2003).

Além disso, nesse estudo não foi possível verificar a influência da satisfação e da felicidade global com a vida dos adolescentes sobre a satisfação específica compartilhada dos pais, o que indica que esta interação na amostra estudada não é mútua. Algumas hipóteses podem ser pensadas a partir desse dado, como talvez a ausência de diálogos entre pais e filhos nos quais os pais não estão sendo afetados pela satisfação e felicidade global dos filhos com a sua própria vida ou com as condições de existência no microsistema familiar. Embora as famílias possam compartilhar o mesmo ambiente, a família é composta por membros individuais, cuja percepção da situação da família pode ser diferente.

A compreensão da relação entre o bem-estar de pais e filhos que se dá no meio ecológico está nas relações que são estabelecidas entre os adolescentes e seus pais com os diversos âmbitos avaliados, ficando evidente que existem diferenças entre a importância de cada um deles para os adolescentes e seus pais (Kelly, 2006; Sarriera, 2010). Ben-Arieh (2010) aponta que as novas abordagens teóricas e normativas do bem-estar são apresentadas, dando-se ênfase à abordagem ecológica do desenvolvimento infantil, na qual as capacidades dos adolescentes são entendidas no contexto de seu desenvolvimento e bem-estar, sendo processos dinâmicos, influenciados por uma multiplicidade de fatores. Assim, os adolescentes interagem com seu ambiente e, portanto, desempenham um papel ativo na criação de seu bem-estar, por meio do equilíbrio entre os diferentes fatores.

Os resultados encontrados nesse estudo são muito semelhantes aos encontrados nos estudos de Casas et al. (2012d) sobre a relação entre o bem-estar de pais e filhos adolescentes espanhóis. As correlações entre o bem-estar de pais e filhos são muito parecidas, sendo 0,181 na pesquisa de Casas et al. (2012d) e 0,183 no presente estudo para a BMSLSS. Os itens que se correlacionaram significativamente foram semelhantes, entre eles os cinco apresentados no modelo de interdependência ator-parceiro. O efeito de parceiro nos modelos APIM também corroboram com os resultados, com relações significativas, mas muito pequenas entre o bem-estar de pais e filhos.

Além disso, um resultado interessante é que o bem-estar dos pais parece ter maior relação com o bem-estar de suas filhas do que com o de seus filhos adolescentes, fato esse também apontado na pesquisa de Casas et al. (2012d), sendo evidenciado aqui por meio da correlação entre os itens de bem-estar de pais e filhos adolescentes em separado, sendo que para as meninas 11 itens apresentam correlações significativas, enquanto que para os meninos apenas 3 itens foram significativos. No entanto, os modelos de interdependência ator-parceiro foram testados considerando-se o sexo dos adolescentes, e não houve diferenças significativa entre os modelos, o que deixa uma questão aberta para ser investigada em futuras pesquisas.

Outra pesquisa verificou a relação do bem-estar dos pais e seus filhos adolescentes britânicos e apresenta resultados que sugerem que a qualidade da relação do adolescente com os pais (medida através da frequência de brigas e de conversas) é muito importante para a sua satisfação com a vida, explicando 9,3% da variação na satisfação com a vida do adolescente, contudo, a satisfação com a vida dos pais explicou apenas 2% do bem-estar dos filhos (Clair, 2012). O estudo de Keresteš, Brkovic e Jagodic (2012) realizado com adolescentes croatas sugere que a relação conjugal é o subsistema familiar mais importante na determinação do bem-estar de pais e dos demais membros da família, referindo que pesquisas que medem o

bem-estar na família e não medem a satisfação conjugal superestimam os efeitos das variáveis preditoras de bem-estar (Keresteš et al., 2012).

Caso outras variáveis fossem consideradas nesse estudo, como nas pesquisas apresentadas (Clair, 2012; Keresteš et al., 2012), possivelmente se encontrariam outros resultados, com maior tamanho de efeito sobre o bem-estar de adolescentes e pais. Contudo, há uma chance de que medidas específicas de bem-estar entre pais e filhos adolescentes continuem apresentando relações pequenas e abaixo do esperado de acordo com a literatura.

Considerações Finais

Este estudo aponta que o bem-estar dos pais está relacionado com o bem-estar de seus filhos adolescentes, porém com coeficiente de correlação muito baixo considerando-se os tradicionais instrumentos de avaliação de bem-estar (0,14 para a SWLS e 0,18 para a BMSLSS). Em uma primeira análise, as evidências de relação entre o bem-estar de pais e filhos adolescentes encontradas nesse estudo apresentam pequeno tamanho de efeito. No entanto, ao utilizar apenas aqueles itens que medem o bem-estar a um nível de microsistema dos pais e filhos adolescentes, encontra-se relações com maior magnitude ($r = 0,41$). Ainda assim, os resultados para os modelos de interdependência ator-parceiro apresentam efeitos muito pequenos entre o OLS e HOL dos pais com a satisfação com o microsistema dos filhos adolescentes.

Outro achado importante é que foram encontradas diferenças na forma como este construto afeta as filhas meninas e os filhos meninos, já que há correlações entre mais itens de bem-estar com os pais para as meninas. Contudo, os resultados encontrados indicam um caminho a ser percorrido na compreensão desse fenômeno, já que para os modelos APIM não foram encontradas diferenças significativas considerando-se o sexo dos adolescentes.

Este estudo apresenta limitações, dentre elas o fato de utilizar apenas metodologia quantitativa na compreensão de um fenômeno psicossocial que poderia ser aprofundado com a complementação de metodologia qualitativa, buscando a percepção dos adolescentes e de seus pais ao considerar a relação entre o bem-estar de cada um por meio de grupos focais, por exemplo. Outra limitação é o fato de não sabermos se os adolescentes que participaram dessa pesquisa vivem ou não na mesma residência que seus pais, não se tendo controle também sobre a frequência em que eles convivem, o que poderia influenciar nos resultados.

Uma sugestão para estudos futuros é verificar se resultados semelhantes são encontrados entre pais e filhos em outras etapas do desenvolvimento, seja anterior ou posteriormente à adolescência. Pesquisas longitudinais também poderiam trazer avanços na

compreensão das mudanças da relação entre o bem-estar de pais e filhos ao longo da adolescência.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO GERAL

A tese aqui apresentada buscou verificar a relação entre o bem-estar de pais e filhos adolescentes a partir de diferentes medidas de avaliação. Verificou também o funcionamento de diferentes escalas de bem-estar para adolescentes e pais e, comparou as médias de bem-estar entre os adolescentes e seus pais.

Os principais resultados apontam que o PWI e as escalas SWLS, BMSLSS e a escala de Afetos Nucleares apresentam no geral bons índices de ajuste quando da realização da análise fatorial (exploratória e confirmatória) para a amostra de adolescentes e para a amostra de pais. Também se evidenciam diferenças significativas entre muitas das médias dos itens de bem-estar, sendo as médias mais altas para os adolescentes do que para os pais em sua maioria. Com relação às diferenças por sexo, para algumas das medidas de bem-estar, observa-se que tanto as meninas como as mães apresentam médias mais baixas do que os meninos e os pais. E, quanto à idade, em geral, não foram encontradas diferenças significativas para os adolescentes e para os pais, apesar de haver uma diminuição nas médias de diversas medidas para os adolescentes com o aumento da idade dos 12 aos 16 anos.

A presente pesquisa encontrou diversos resultados semelhantes aos estudos de Casas et al. (2008; 2012d), entre eles, o interessante achado de que o bem-estar de pais e mães parece ter maior influência no bem-estar de suas filhas do que de seus filhos, o que foi verificado pela correlação entre os itens de bem-estar de pais e filhos em separado, sendo que para as meninas 11 itens apresentam correlações significativas, enquanto que para os meninos apenas 3 itens foram significativos. No entanto, os modelos de interdependência ator-parceiro foram testados considerando-se o sexo dos adolescentes, e não houve diferenças significativa entre os modelos, o que deixa uma questão aberta para ser investigada em futuras pesquisas.

Outro dado está ligado ao resultado de que, mesmo com pequeno tamanho de efeito, o bem-estar dos pais está relacionado ao bem-estar de seus filhos, apontando a importância que a satisfação e a felicidade global com a vida dos pais reflete no bem-estar dos filhos. Portanto, se os pais apresentam alto ou baixo índice de bem-estar, isso parece influenciar o bem-estar dos filhos adolescentes. Por outro lado, o bem-estar dos pais parece não estar sendo influenciado pela satisfação e a felicidade global com a vida dos adolescentes. O que se pode elaborar a partir desse resultado é que nessa etapa de desenvolvimento da vida, outras necessidades parecem ser o centro da atenção dos pais, que estão inseridos em um meio ecológico no qual o trabalho e a busca de conquistas são fundamentais para o seu bem-estar.

Mas, chama a atenção para o fato de que talvez os pais não estejam receptivos a algumas informações enviadas pelos filhos adolescentes. Também pode ser que as medidas utilizadas até o momento não consigam capturar essa relação, se ela existe de fato.

Outra questão apontada é que os resultados encontrados nessa pesquisa são referentes à amostra de adolescentes cujos pais responderam e devolveram os questionários às escolas, ou seja, 34,2% da amostra total de adolescentes inicialmente pesquisados. De fato, não se sabe o motivo dos outros pais não terem respondido, poderia ser um comportamento voluntário, ou até mesmo o esquecimento do filho ou filha em trazer de volta o questionário dos pais preenchido.

Assim mesmo, a contribuição desse conjunto de estudos para a área de investigação sobre o bem-estar na adolescência e do bem-estar de pais cujos filhos estão vivenciando a adolescência parece ser relevante, no sentido de oferecer dados empíricos para a confirmação das propostas teóricas apresentadas até o momento. Também contribui ao desenvolvimento do estudo do bem-estar subjetivo na adolescência, que ainda é um campo de investigação científica recente, necessitando de mais estudos para sua compreensão e avanço.

Cabe ainda apontar que o uso da análise diádica por meio de modelagem de equações estruturais em pesquisas nacionais é recente. Dessa forma, considera-se que este estudo pode ser considerado incipiente na contribuição de novas formas de compreender as relações existentes entre díades, como a de pais e filhos adolescentes estudados.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é resultado de um esforço em conjunto com o Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, coordenado pelo Prof. Jorge Sarriera, e realizada juntamente com os colegas de mestrado, doutorado e também bolsistas de iniciação científica, que participaram desde o planejamento até a coleta de dados. Apenas com o esforço de toda equipe foi possível conseguir os 1.086 participantes (543 adolescentes e seus respectivos pais), por meio de um trabalho muito bem organizado e estruturado.

Nesse sentido, cabe apontar que a dificuldade na coleta de amostras pareadas, seja entre pais e filhos, entre casais ou entre colegas, é uma realidade enfrentada nas pesquisas que buscam compreender as relações entre as díades, já que se depende de uma coleta com rigoroso controle e também se depende do retorno dos questionários dos pares, no caso específico desse estudo, os pais ou mães que responderam o questionário e que seus filhos levaram de volta às escolas. Dessa forma, o tamanho da amostra é influenciado por essas questões, ficando este estudo limitado em termos de generalização dos resultados.

Implicações para futuras pesquisas na área, com base nos dados discutidos, poderiam verificar se resultados semelhantes são encontrados entre pais e filhos em outras etapas do desenvolvimento, seja anterior ou posteriormente à adolescência, assim como em outras culturas. Além disso, pesquisas longitudinais também poderiam trazer avanços na compreensão das mudanças da relação entre o bem-estar de pais e filhos ao longo da adolescência, ou em outras etapas do desenvolvimento.

Novas pesquisas que buscam ampliar a compreensão do bem-estar na infância e adolescência já estão sendo desenvolvidas, como o projeto *International Survey on Children's Well-being* (ISCWeb, www.childrensworlds.org), chamado de “Mundos das Crianças”, que é uma pesquisa mundial sobre o bem-estar subjetivo das crianças, e busca verificar o grau de bem-estar das crianças em tantos países quanto possível. O objetivo é aumentar a consciência geral sobre o bem-estar das crianças e suas situações de vida, e, de forma mais eficaz, influenciar as políticas governamentais e serviços que afetam as crianças.

Atualmente já participam deste projeto diversos países, como o Chile, a Espanha, a Inglaterra, Israel, Coreia do Sul, a Romênia, os Estados Unidos, e entre eles também o Brasil, por esforço do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC). No entanto, os dados foram coletados apenas em cidades do Rio Grande do Sul. A participação de mais Estados do Brasil, assim como a ampliação da coleta em meios rurais, por exemplo, poderia ampliar a

compreensão do constructo do bem-estar em diversos contextos, auxiliando no desenvolvimento de instrumentos que possam fornecer dados confiáveis aos órgãos responsáveis por criar e executar ações que promovam o bem-estar dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- Alferes, V. R., & Kenny, D. A. (2009). SPSS programs for the measurement of nonindependence in standard dyadic designs. *Behavior Research Methods*, 41(1), 47-54.
- Arbuckle, J. L. (2010). *IBM SPSS® Amos™ 19 User's Guide*. Crawfordville (FL): Amos Development Corporation.
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54(5), 317-326. doi: 10.1037/0003-066X.54.5.317
- Baltatescu, S., & Cummins, R. A. (2006). Using the Personal Wellbeing Index to explore subjective wellbeing of high-school and college students in Romania. *7th ISQOLS Conference*. July 17-2-2006. Grahamstown. South Africa.
- Batista-Foguet, J. M., & Coenders, G. (2000). *Modelos de Ecuaciones Estructurales*. Madrid: La Muralla.
- Ben-Arieh, A. (2008). The child indicators movement: past, present and future. *Child Indicators Research*, 1, 3-16.
- Ben-Arieh, A. (2010). From child welfare to children well-being: the child indicators perspective. *Children's Well-Being: Indicators and Research*, 1. doi 10.1007/978-90-481-3377-2 2.
- Benjamin, A., Funk, E., Huebner, S., & Valois, R. F. (2006). Reliability and validity of a brief life satisfaction scale with a high school sample. *Journal of Happiness Studies*, 7, 41- 54.
- Ben-Zur, H. (2003). Happy adolescents: the link between subjective well-being, internal resources, and parental factors. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(2), 67–79.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C., & Martínez, F. (2004). *Introdução à Estatística: Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Blais, M. R., Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., & Briere, N. M. (1989). LEchelle de satisfaction de vie: validation canadienne-francaise du "Satisfaction With Life Scale". *Canadian Journal of Behavioral Science*, 21, 210-223.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural Equation Modeling with AMOS. Basic concepts, Applications and Programming* (2nd ed.). New York: Routledge.
- Campbell, A., Converse, P. E., & Rodgers, W. L. (1976). *The quality of American life: perceptions, evaluations and satisfactions*. New York: Russel Sage Foundation.

- Casas, F. (2010). El bienestar personal: Su investigación en la infancia y la adolescencia. *Encuentros en Psicología Social*, 5(1), 85-101.
- Casas, F. (2011). Social indicators and child and adolescent well-being. *Child Indicators Research*, 4, 555–575.
- Casas, F., Baltatescu, S., Bertrán, I., González, M., & Hatos, A. (2012a). School satisfaction among adolescents: Testing different indicators for its measurement and its relationship with overall life satisfaction and subjective well-being in Romania and Spain. *Social Indicators Research*. doi: 10.1007/s11205-012-0025-9.
- Casas, F., Buxarrais, M. R., Figuer, C., González, M., Tey, A., Noguera, E., & Rodríguez, J. M. (2003). Los valores y su influencia en la satisfacción vital de los adolescentes entre los 12 y los 16 años: Estudio de algunos correlatos. *Apuntes de Psicología*, 22(1), 3-23.
- Casas, F., Coenders, G., Cummins, R. A., González, M., Figuer, C., & Malo, S. (2008). Does subjective well-being show a relationship between parents and their children? *Journal of Happiness Studies*, 9(2), 197-205.
- Casas, F., Figuer, C., González, M., Malo, S., Alsinet, C., & Subarroca, S. (2007). The well-being of 12- to 16-year-old adolescents and their parents: results from 1999 to 2003 Spanish samples. *Social Indicators Research*, 83, 87-115.
- Casas, F., Tiliouine, H., & Figuer, C. (2013). The Subjective Well-being of Adolescents from Two Different Cultures: applying three versions of the PWI in Algeria and Spain. *Social Indicators Research*. doi: 10.1007/s11205-012-0229-z
- Casas, F., Sarriera, J., Alfaro, J., González, M., Malo, S., Bertran, I., Figuer, C., Abs, D., Bedin, L., Paradiso, A., Weinreich, K., & Valdenegro, B. (2012b). Testing the Personal Wellbeing Index on 12–16 year-old adolescents in 3 different countries with 2 new items. *Social Indicators Research*, 105(3). doi: 10.1007/s11205-011-9781-1.
- Casas, F., Sarriera, J. C., Abs, D., Coenders, G., Alfaro, J., Saforcada, E., & Tonon, G. (2012c). Subjective Indicators of Personal Well-Being among Adolescents. Performance and Results for Different Scales in Latin-Language Speaking Countries: A Contribution to the International Debate. *Child Indicators Research*, 5(1). doi: 10.1007/s12187-011-9119-1.
- Casas, F., Coenders, G., González, M., Malo, S., Bertran, I., & Figuer, C. (2012d). Testing the relationship between parents' and their children's subjective well-being. *Journal of Happiness Studies*, 13(6). doi: 10.1007/s10902-011-9305-3.
- Chaplin, L. N. (2009). Please may I have a bike? Better yet, may I have a hug? An examination of children's and adolescents' happiness. *Journal of Happiness Studies*, 10, 541-562.

- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 9(2), 631–650.
- Clair, A. (2012). The Relationship between parent's subjective well-being and the life satisfaction of their children in Britain. *Child Indicators Research*, 5(4), 555–575. doi: 10.1007/s12187-012-9139-5.
- Coenders, G., Casas, F., Figuer, C., & González, M. (2005). Relationships between parents' and children's salient values for future and children's overall satisfaction. A comparison across countries. *Social Indicators Research*, 73, 141-177.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The Actor–Partner Interdependence Model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development*, 29(2), 101-109.
- Cummins, R. A. (1998). The second approximation to an international standard of life satisfaction. *Social Indicators Research*, 43, 307-334.
- Cummins, R. A. (2003). Normative life satisfaction: Measurement issues and a homeostatic model. *Social Indicators Research*, 64, 225–256.
- Cummins, R. A., Eckersley, R., Pallant, J., Van Vugt, J., & Misajon, R. (2003). Developing a national index of subjective wellbeing: The Australian Unity Wellbeing Index. *Social Indicators Research*, 64(2), 159-190.
- Cummins, R. A., & Lau, A. L. D. (2005). *Personal Wellbeing Index – School Children*. 3rd Edition. Australian Centre on Quality of Life, School of Psychology, Deakin University, Melbourne.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. (2006). Guidelines for National Indicators of Subjective Well-Being and Ill-Being. *Applied Research in Quality of Life*, 1(2), 151-157.
- Diener, E., Biswas-Diener, R. (2002). Will money increase subjective well-being? a literature review and guide to needed research. *Social Indicators Research*, 57(2), 119-169.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75.
- Diener, E., Napa Scollon, C., & Lucas, R. E. (2004). The evolving concept of subjective well-being: the multifaceted nature of happiness. *Advances in Cell Aging and Gerontology*, 15, 187-219.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302.

- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística utilizando o SPSS* (2ª. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Fordyce, M. W. (1988). A review of research on the happiness measures; a sixty second index of happiness and mental health. *Social Indicators Research*, 20(4), 355-381.
- Gadermann, A. M., Schonert-Reichl, K. A., & Zumbo, B. D. (2010). Investigating validity evidence of the Satisfaction With Life Scale adapted for children. *Social Indicators Research*, 96, 229-247.
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar Subjetivo: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Gold, D., & Andres, D. (1978). Developmental comparison between adolescent children with employed and nonemployed mothers. *Merrill-Palmer Quarterly*, 24(4), 243-254.
- González, M. (2006). *A non-linear approach to psychological well-being in adolescence: some contributions from the complexity paradigm*. Girona: Documenta Universitaria.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: a risk and a resiliency perspective. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40(1), 129-140. doi: 10.1111/1469-7610.00427.
- Huebner, S. E. (2004). Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents. *Social Indicators Research*, 66, 3–33.
- Kelly, J. G. (1975). Community Psychology: some priorities for the immediate future – invited editorial, *Journal of Community Psychology*, 205-209.
- Kelly, J. G. (1966). Ecological constraints on mental health services. *American Psychologist*, 535-539.
- Kelly, J. G. (2006). *Becoming Ecological: an expedition into community psychology*. New York: Oxford Press.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. New York: Guilford Press.
- Keresteš, G., Brkovic, I., & Jagodic, G. K. (2012). Predictors of Psychological Well-Being of Adolescents' Parents. *Journal of Happiness Studies*, 13, 1073-1089.
- Kline, R. B. (1991). Latent variable path analysis in clinical research: A beginner's tour guide. *Journal of Clinical Psychology*, 47(4), 471-484.

- Lau, A. L. D., Cummins, R. A., & McPherson, W. (2005). An investigation into the cross-cultural equivalence of the Personal Wellbeing Index. *Social Indicators Research*, 72, 403-432.
- Milne, A. M., Myers, D. E., Rosenthal, A. S., & Ginsburg, A. (1986). Single parents, working mothers, and the educational achievement of school children. *Sociology of Education*, 59, 125-139.
- Milfont, T. L., & Fischer, R. (2010). Testing measurement invariance across groups: Applications in cross-cultural research. *International Journal of Psychological Research*, 3(1), 111-121.
- Myers, D. G. (2000). The funds, friends, and faith of happy people. *American Psychologist*, 55, 56-57.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction With Life Scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164-172.
- Petito, F., & Cummins, R. A. (2000). Quality of life in adolescence: the role of perceived control, parenting style and social support. *Behaviour Change*, 17(3), 196-207.
- Powdthavee, N., & Vignoles, A. (2008). Mental health of parents and life satisfaction of children: a within-family analysis of intergenerational transmission of well-being. *Social indicators research*, 88(3), 397-422.
- Russell, J. A. (2003). Core affects and the psychological construction of emotion. *Psychological Review*, 110(1), 145-172.
- Russell, J. A., & Carroll, J. M. (1999). On the bipolarity of positive and negative affect. *Psychological Bulletin*, 125(1), 3-30.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081.
- Saha, R., Huebner, E. S., Suldo, S. M., & Valois, R. F. (2010). A longitudinal study of adolescent life satisfaction and parenting. *Child Indicators Research*, 3(2), 149-165. doi: 10.1007/s12187-009-9050-x.
- Sarriera, J. C. (2010). O paradigma ecológico na psicologia comunitária: do contexto à complexidade. In: J. C. Sarriera & E. T. Saforcada. *Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas* (pp. 27-48). Porto Alegre: Sulina.

- Sarriera, J. C., Abs, D., Casas, F., & Bedin, L. M. (2012a). Relations between media, perceived social support and personal well-being in adolescence. *Social Indicators Research, 106*(3), 545-561.
- Sarriera, J. C., Saforcada, E., Tonon, G., Rodríguez, L. V., Mozobancyk, S., & Bedin, L. M. (2012b). Bienestar subjetivo de los adolescentes: un estudio comparativo entre Argentina y Brasil. *Psychosocial Intervention, 21*(3), 273-280.
- Sarriera, J. C., Schwarcz, C., & Câmara, S. G. (1996). Bem-estar psicológico: análise fatorial e escala de Goldberg (GHQ-12) numa amostra de jovens. *Psicologia: reflexão e crítica, 9*, 293-306.
- Seligman, M. E. (2009). *Felicidade autêntica: usando a psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Seligman M., Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist, 55*(1), 5-14.
- Seligson, J. L., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2003). Preliminary validation of the Brief Multidimensional Student's Life Satisfaction Scale. *Social Indicators Research, 61*, 121-145.
- Seligson, J. L., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2005). Validation of a brief life satisfaction scale with elementary school students. *Social Indicators Research, 73*, 355-374.
- Smead, V. S. (1991). *Measuring well-being is not easy*. Paper presented at the Annual Convention of the American Association of Applied and Preventive Psychology.
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Child Development, 57*(4), 841-851. doi: 0009-3920/86/5704-0003
- Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D., & Dornbusch, S. M. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches. *Journal of Research on Adolescence, 1*(1), 19-36.
- Strelhow, M. R. W., Bueno, C. O., & Câmara, S. G. (2010). Percepção de saúde e satisfação com a vida em adolescentes: diferença entre os sexos. *Revista Psicologia e Saúde, 2*(2), 42-49.
- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2004). The role of life satisfaction in the relationship between authoritative parenting dimensions and adolescent problem behavior. *Social Indicators Research, 66*(1), 165-195. doi: 10.1023/B:SOCI.0000007498.62080.1e.
- Tomyn, A. J., & Cummins, R. A. (2011). The subjective wellbeing of high-school students: validating the Personal Wellbeing Index—School Children. *Social Indicators Research, 101*(3), 405-418. doi: 10.1007/s11205-010-9668-6.

- Vasconcelos, Q. A., Yunes, M. A. M., & Garcia, N. M. (2009). Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo. *Paidéia*, 43(19), 221-229.
- Veenhoven, R. (1994). Is Happiness a trait? *Social Indicators Research*, 32, 101-160.
- Veenhoven, R. (2009). Medidas de felicidad nacional bruta. *Intervención Psicosocial*, 18(3), 279-299.
- Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteché, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156. doi: 10.1590/S0102-79721999000100010
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070.
- Westergaard, C. K., & Kelly, J. G. (1999). Una epistemología contextualista para la investigación ecológica. In: E. Saforcada (Org.). *Psicología Comunitaria: El enfoque ecológico contextualista de James G. Kelly* (pp. 39-54). Buenos Aires: Proa XXI.

ANEXO A

CÓDIGO NUMÉRICO NACIONAL: _____

CÓDIGO NUMÉRICO INTERNACIONAL: _____

ALUNO(A)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE PSICOLOGIA

QUESTIONÁRIO: QUALIDADE DE VIDA E BEM-ESTAR

Somos parte de uma equipe de investigadores que trabalha na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estamos interessados em conhecer o que os jovens pensam sobre uma série de assuntos que proporcionam bem-estar psicológico, ou seja, que possam lhes agradar ou satisfazer.

Seremos muito gratos se você colaborar conosco e responder a este questionário. Pedimos que você responda com toda sinceridade. As respostas serão tratadas de forma SIGILOSA, isto é, ninguém ficará sabendo aquilo que você respondeu, somente os pesquisadores.

Solicitamos que para cada questão você marque a resposta que corresponda ao valor que melhor representa sua opinião pessoal. Não existem respostas boas ou ruins, interessa-nos apenas saber sua opinião.

Série: _____ Escola: _____

Pública: Particular:

Cidade: _____

Cidade de nascimento: _____

Minha idade é de _____ anos

Sexo: Masculino Feminino

Data de entrega:/...../.....

Personal Wellbeing Index – PWI – Cummins et al. (2003)

Atualmente, até que ponto você está satisfeito com cada um destes aspectos de sua vida?

	0=Totalmente insatisfeito/a					Totalmente satisfeito/a =10					
Com sua saúde	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com o seu nível de vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com as coisas que você tem conseguido na vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com o quanto você se sente seguro/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com os grupos de pessoas dos quais faz parte	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com a segurança a respeito do seu futuro	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com as suas relações com as outras pessoas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com a forma como você se entende com seu pai	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com a forma como você se entende com sua mãe	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
OLS – Com toda a sua vida, considerada globalmente	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Satisfaction With Life Scale - SWLS – Diener et al. (1985)

A seguir temos cinco frases que refletem como podem pensar e se sentir as pessoas a respeito de sua própria vida. De 0 a 10, indique em que ponto você se situa:

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Não, de nenhuma forma	Não, quase de nenhuma forma	Não muito	Relativamente não	Mais para não do que sim	Meio a meio	Mais para sim do que não	Relativamente sim	Sim, muito	Sim, fortemente	Sim, completamente

A minha vida, em quase tudo, corresponde àquilo que desejo.	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
As condições em que vivo são boas.	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Estou satisfeito/a com a minha vida.	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Até agora, tenho conseguido coisas que foram importantes para mim.	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas em minha vida.	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Brief Life Satisfaction Scale - BMSLSS – Seligson, Huebner e Valois (2003)

Estas seis questões perguntam sobre sua satisfação com diferentes áreas da sua vida. Marque a melhor resposta para cada uma.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Péssima	Muito Ruim	Ruim	Relativamente Ruim	Mais para Ruim	Nem Boa nem Ruim	Mais para Boa	Relativamente Boa	Boa	Muito Boa	Formidável

Descreveria a minha satisfação com a minha família como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com meus amigos/as como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com a minha experiência de estudante como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação comigo mesmo como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com o lugar onde vivo como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com a minha vida globalmente como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Escala de Felicidade – HM – Fordyce (1988)

Em geral, o quão **feliz ou infeliz** você costuma se sentir? (marque o valor que melhor descreve a sua felicidade média)

Completamente feliz (sinto-me eufórico/a, entusiasmado/a)	10
Fortemente Feliz (realmente bem, muito contente)	9
Bastante feliz (de bom humor, contente)	8
Medianamente feliz (sinto-me bem)	7
Ligeiramente feliz (um pouco acima do neutro)	6
Neutro/a (nem especialmente feliz nem infeliz)	5
Ligeiramente infeliz (um pouco abaixo do neutro)	4
Medianamente infeliz (um pouco desanimado/a)	3
Bastante infeliz (triste, desanimado/a)	2
Fortemente infeliz (muito abatido/a, deprimido/a)	1
Completamente infeliz (completamente abatido/a, muito deprimido/a)	0

Felicidade Global –HOL – Fordyce (1988)

Considerando a **sua vida no seu conjunto**, você poderia afirmar que se sente:

Extremamente infeliz						Extremamente feliz				
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Escala de Afetos Nucleares – Russell e Carroll (1999)

Quando você pensa em sua vida, de forma geral, de que maneira os seguintes grupos de sensações **descrevem como você se sente**, considerados globalmente.

	0 = De forma alguma					Muito claramente = 10					
Ativo/a, com energia	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Feliz	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Satisfeito/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sortudo/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sereno/a / Calmo/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Estressado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Triste	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Preocupado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Entusiasmado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Cansado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Entediado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

A qual **classe social** você acredita que pertence sua família?

<i>Muito baixa</i>	<i>Baixa</i>	<i>Média baixa</i>	<i>Média</i>	<i>Média alta</i>	<i>Alta</i>	<i>Muito alta</i>
1	2	3	4	5	6	7

Antes de terminar, revise, por favor, se você respondeu a todas as perguntas e se as suas respostas às questões do questionário correspondem àquilo que você acredita.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO !

ANEXO B

CÓDIGO NUMÉRICO NACIONAL: _____

CÓDIGO NUMÉRICO INTERNACIONAL: _____

PAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE PSICOLOGIA

QUESTIONÁRIO: QUALIDADE DE VIDA E BEM-ESTAR

Somos parte de uma equipe de investigadores que trabalha na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estamos interessados em conhecer o que os pais pensam sobre uma série de coisas que proporcionam bem-estar psicológico, ou seja, que possam lhes agradar ou satisfazer.

Seremos muito gratos se você colaborar conosco e responder a esse questionário. Pedimos que responda com toda sinceridade. As respostas serão tratadas de forma SIGILOSA, isto é, ninguém ficará sabendo aquilo que você respondeu fora da equipe de pesquisadores. Solicitamos que para cada questão você marque a resposta que melhor representa sua opinião pessoal. Não existem respostas boas ou ruins, interessa-nos apenas saber sua opinião.

Favor entregar ao seu filho ou filha o questionário respondido no envelope no qual veio, devidamente fechado, para ser entregue ao professor ou professora responsável.

Idade: _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Cidade onde mora: _____

Cidade de nascimento: _____

Respondente: Mãe ___ Pai ___ Ambos (Mãe e Pai) ___ Outro responsável ___

Data de entrega:/...../.....

Personal Wellbeing Index – PWI – Cummins et al. (2003)

Atualmente, até que ponto **você está satisfeito** com cada um destes **aspectos de sua vida**?

	0=Totalmente insatisfeito/a					Totalmente satisfeito/a=10					
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com a sua saúde	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com o seu nível de vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com as coisas que você tem conseguido na vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com o quanto você se sente seguro/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com os grupos de pessoas dos quais faz parte	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com a segurança a respeito do seu futuro	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com as suas relações com as outras pessoas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com suas relações familiares	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
OLS – Com toda a sua vida, considerada globalmente	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Satisfaction With Life Scale – SWLS – Diener et al. (1985)

A seguir temos cinco frases que refletem como podem **pensar e sentir as pessoas a respeito de sua própria vida**. De 0 a 10, indique em que ponto você se situa:

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
	Não, de nenhuma forma	Não, quase de nenhuma forma	Não muito	Relativamente não	Mais para não do que sim	Meio a meio	Mais para sim do que não	Relativamente sim	Sim, muito	Sim, fortemente	Sim, completamente
A minha vida, em quase tudo, corresponde àquilo que desejo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
As condições em que vivo são boas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Estou satisfeito/a com a minha vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Até agora, tenho conseguido coisas que foram importantes para mim	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas em minha vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Brief Life Satisfaction Scale - BMSLSS – Seligson, Huebner e Valois (2003)

As sete questões a seguir perguntam sobre **sua satisfação** com diferentes áreas da sua vida. Marque a melhor resposta para cada uma.

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
	Péssima	Muito Ruim	Ruim	Relativamente Ruim	Mais para ruim	Nem boa nem ruim	Mais para boa	Relativamente boa	Boa	Muito boa	Formidável
Descreveria a minha satisfação com a minha família como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com os meus amigos/as como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com a minha experiência escolar como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação comigo mesmo como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com o lugar onde vivo como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com a minha vida globalmente como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Descreveria a minha satisfação com a minha experiência de trabalho como	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Escala de Felicidade – HM – Fordyce (1988)

Em geral, o quão **feliz ou infeliz** você costuma se sentir? (marque o valor que melhor descreve a sua felicidade média)

Completamente feliz (sinto-me eufórico/a, entusiasmado/a)	10
Fortemente feliz (realmente bem, muito contente)	9
Bastante feliz (de bom humor, contente)	8
Medianamente feliz (sinto-me bem)	7
Ligeiramente feliz (um pouco acima do neutro)	6
Neutro/a (nem especialmente feliz nem infeliz)	5
Ligeiramente infeliz (um pouco abaixo do neutro)	4
Medianamente infeliz (um pouco desanimado/a)	3
Bastante infeliz (triste, desanimado/a)	2
Fortemente infeliz (muito abatido/a, deprimido/a)	1
Completamente infeliz (completamente abatido/a, muito deprimido/a)	0

Felicidade Global – HOL – Fordyce (1988)

Considerando a **sua vida no seu conjunto**, você poderia afirmar que se sente:

Extremamente infeliz						Extremamente feliz				
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Escala de Afetos Nucleares – Russell e Carroll (1999)

Quando você pensa em **sua vida**, de forma geral, de que maneira os seguintes grupos de sensações **descrevem como você se sente**, considerados globalmente.

	0 = De forma alguma						Muito claramente = 10				
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Ativo/a, com energia											
Feliz	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Satisfeito/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sortudo/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sereno/a / Calmo/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Estressado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Triste	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Preocupado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Entusiasmado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Cansado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Entediado/a	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

A qual **classe social** você acredita que pertence sua família?

Muito baixa	Baixa	Média baixa	Média	Média alta	Alta	Muito alta
1	2	3	4	5	6	7

Antes de terminar, revise, por favor, se você respondeu a todas as perguntas e se as suas respostas às questões correspondem àquilo que você acredita.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as) pai/mãe/responsável:

O Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está realizando uma pesquisa sob orientação do professor Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera. O objetivo é investigar a qualidade de vida e o bem-estar psicológico em adolescentes com idade entre 12 e 16 anos, em diferentes grupos populacionais do Estado do Rio Grande do Sul.

Para tanto, solicitamos sua autorização para que você e seu(sua) filho(a) colaborem com esta pesquisa através do preenchimento de questionário que explora as atividades dos adolescentes, percepções e avaliações sobre bem-estar psicossocial. A sua participação e a de seu(sua) filho(a) são voluntárias. Se você decidir que ele(a) ou você não deve participar ou quiser desistir de continuar ou que seu filho(a) desista, tem absoluta liberdade de fazê-lo a qualquer momento.

Os dados levantados nos questionários serão arquivados na sala (nº 122) do pesquisador responsável, nas dependências do Instituto de Psicologia da UFRGS, e incinerados após o período de 5 anos. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade sua e de seu(sua) filho(a) será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-los(as).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você e seu(sua) filho(a) estarão contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Esta investigação foi aprovada em 31/08/2008 pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia/UFRGS, localizado na Rua Ramiro Barcelos, 2600 na cidade de Porto Alegre com o número de telefone (51) 3308-5066 e email: cep-psico@ufrgs.br. Os procedimentos previstos obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do telefone (51) 3308-5239 ou pelo e-mail gppc@ufrgs.br.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Local e Data

Consinto que meu filho (a) _____ participe deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do pai e/ou mãe do participante

Local e data

Nome e assinatura do(a) aluno(a)

ANEXO D
TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL

Escola/Colégio _____

Prezado(a) diretor(a):

O Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está realizando uma pesquisa sob orientação do professor Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera. O objetivo é investigar a qualidade de vida e o bem-estar psicológico em adolescentes com idade entre 12 e 16 anos, em diferentes grupos populacionais do Estado do Rio Grande do Sul.

Sua participação envolve a concordância da escola para participar dessa pesquisa por meio da aplicação de questionários aos alunos com idade entre 12 e 16 anos e seus pais, que investiga as atividades, percepções e avaliações sobre bem-estar psicossocial. A participação da escola nesse estudo é voluntária e se a instituição decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Aos alunos participantes será solicitada a autorização dos pais através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico.

Os dados levantados nos questionários serão arquivados na sala (nº 122) do pesquisador responsável, nas dependências do Instituto de Psicologia da UFRGS, e incinerados após o período de 5 anos. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade da escola e dos alunos participantes será mantida no mais rigoroso sigilo, omitindo-se todas as informações que permitam identificá-los.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente a sua escola estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Esta investigação foi aprovada em 31/08/2008 pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia/UFRGS, localizado na Rua Ramiro Barcelos, 2600 na cidade de Porto Alegre com o número de telefone (51) 3308-5066 e e-mail: cep-psico@ufrgs.br. Os procedimentos previstos obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do telefone: (51) 3308-5239.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura diretor(a)

Local e data

ANEXO E

**Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 066/2008

Título do Projeto:

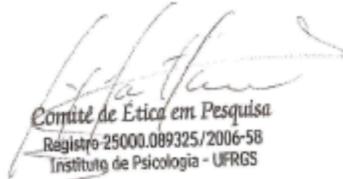
Qualidade de vida e bem-estar na adolescência

Pesquisador(es):

Jorge Castellá Sarriera
Gabriela Howes
Nathaniel Pires Raymundo
Thiago Calza
Luciana Fernandes
Eveline Fávero

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 31/08/09, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 31/08/2008.


Comitê de Ética em Pesquisa
Registro 25000.089325/2006-58
Instituto de Psicologia - UFRGS